

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

JÉSSICA DA COSTA SILVA

**INTERAÇÃO FICTIVA NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE
PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA**

**JUIZ DE FORA
2019**

JÉSSICA DA COSTA SILVA

**INTERAÇÃO FICTIVA NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE
PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Faculdade de Letras da
Universidade Federal de Juiz de Fora,
como requisito parcial para a obtenção
do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha

Juiz de Fora

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silva, Jéssica da Costa.

Interação Fictiva no ensino aprendizagem de Português como Língua Estrangeira / Jéssica da Costa Silva. -- 2019.
151 p.

Orientador: Luiz Fernando Matos Rocha

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2019.

1. Fictividade . 2. Interação Fictiva. 3. Discurso Direto Fictivo. 4. Ensino / Aprendizagem . 5. Português como LE. I. Rocha, Luiz Fernando Matos, orient. II. Título.

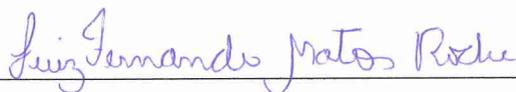
JÉSSICA DA COSTA SILVA

**INTERAÇÃO FICTIVA NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE
PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovada em: 26 / 08 / 2019

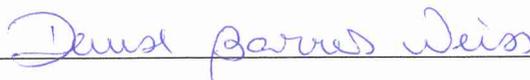
Banca examinadora:



Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof^a. Dr^a. Ana Flávia Lopes Magela Gerhardt – Membro externo
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Prof^a. Dr^a. Denise Barros Weiss – Membro interno
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho ao meu avô Onofre (in memoriam) que mesmo sem ter tido a oportunidade de estudar, acreditou durante toda a sua vida no poder da educação para transformar nossa vida e o mundo.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Cleuza, por toda a sua dedicação e luta para que eu tivesse uma educação de qualidade e por sempre estar ao meu lado.

Ao meu pai Roberto, por todo apoio, confiança e orgulho durante minha jornada.

Aos meus irmãos Luis Carlos, Marcus Eduardo e Roberto Junior, por estarem sempre do meu lado e por se referirem à minha trajetória com tanto carinho.

Ao Willian, por todo apoio, paciência e por acreditar em mim quando eu mesma duvidei. Não teria sido possível sem a sua ajuda.

Aos colegas que me apoiaram durante toda a caminhada, seja compartilhando risadas ou momentos de agonia.

Aos colegas do grupo de estudos em Interação Fictiva, por todas as contribuições que foram fundamentais no desenvolvimento deste trabalho.

Ao meu orientador, Luiz Fernando por compartilhar seu conhecimento comigo, por ser sempre cuidadoso em suas palavras e por toda a paciência durante o processo.

À UFJF, pelo apoio financeiro.

A todos os professores e a todas as professoras que estiveram presentes, desde o começo e foram peças fundamentais nas minhas escolhas pessoais e profissionais.

Ao PPG-linguística, professores, secretárias, coordenadores e demais funcionários que sempre estiveram disponíveis para contribuir com minha formação.

“O senhor poderia me dizer, por favor, qual o caminho que devo tomar para sair
daqui? – disse Alice
Isso depende muito de para onde você quer ir – respondeu o gato
Não me importo muito para onde..., retrucou Alice
Então não importa o caminho que você escolha, disse o gato”

(Alice no país das maravilhas, Lewis Carroll, 1985)

RESUMO

A dissertação tem como objetivo explorar instâncias de Fictividade, em especial, a Interação Fictiva, no contexto de ensino/aprendizagem de Português como Língua Estrangeira. Adotamos como escopo teórico autores da Linguística Cognitiva como Talmy (1999,2000) para tratar da questão da Fictividade, Fillmore (1982) para darmos conta da noção de *Frame* de Conversa, essencial na compreensão do fenômeno analisado e Fauconnier (1997) para abordar a projeção entre domínios, corroborando com a ideia, segundo a qual, os falantes projetam ouvintes em uma cena, usando como base a estrutura conversacional. Como escopo teórico mais específico, adotamos a proposta de Pascual (2003, 2006, 2014, 2016) segundo a qual, a IF atua como uma forma para organizar o pensamento, a gramática e o discurso. Adotamos também, os achados de Rocha (2006, 2011, 2013, 2018) no que diz respeito às características nas ocorrências de IF e o que difere tal fenômeno do Discurso Direto Canônico. No que diz respeito à abordagem metodológica, analisamos duas aulas, gravadas e transcritas para este trabalho, em uma turma de nível superior na disciplina de Português como Língua Estrangeira. Optamos pela mescla entre as abordagens *corpus-based* e *corpus-driven* como estratégia para que o *corpus* assumisse o protagonismo no trabalho. A análise pontual, de caráter qualitativo, nos revelou a ocorrência da Exemplificação em Discurso Direto Fictivo visando, majoritariamente, a promover no discurso conceptualizações de ATIVIDADE, SENSAÇÃO, COMPREENSÃO REPENTINA OU *INSIGHT*, POSTURA ou ATITUDE, ADMIRAÇÃO, SAUDAÇÃO, PEDIDO DE INFORMAÇÃO, INDIGNAÇÃO e EXPLICAÇÃO. Além desse padrão, também encontramos o padrão pergunta-resposta, atuando como um organizador do discurso e os marcadores discursivos que atendem ao propósito de checar atencionalmente a audiência, garantir o fluxo discursivo e antecipar possíveis dúvidas dos interlocutores, no caso, os discentes. Os achados corroboraram com as hipóteses iniciais, provando que o fenômeno da IF é produtivo no contexto de sala de aula, ocorrendo tanto na fala da docente quanto dos discentes visando a propósitos comunicativos como diferentes conceptualizações, explicações e organizações dentro do discurso. Observamos ainda que as ocorrências estão acompanhadas por um forte caráter dramático, funcionando quase como uma teatralização, tornando a manifestação, por meio da IF mais vívida alcançando, dessa forma, maior clareza comunicativa no processo de ensino/aprendizagem.

Palavras-chave: Fictividade; Interação Fictiva; Discurso Direto Fictivo; Ensino/Aprendizagem; Português como LE

ABSTRACT

This dissertation aims to explore instances of Fictivity, specially the Fictive Interactions in the context of teach-learning Portuguese as a foreign language. As theoretical scope we use authors of the Cognitive Language as Talmy (1999, 2000) to focus on the issue of Fictivity, Fillmore (1982) to account for the notion of Conversational Frame, essential in the understanding of the analysis process and Fauconnier (1997) considering to approach the projection between domains, corroborating with the idea according to which subjects project listeners in a scene, using as base a conversational structure. As a more specific theoretical scope, we use Pascual's proposal (2003, 2006, 2014, 2016) according to which Fictive Interactions (FI) acts as a way to organize thought, grammar and discourse. We also used the findings of Rocha (2006, 2011, 2013, 2018) regarding the characteristics in the FI occurrences, and what differs this phenomenon from Canonical Direct Speech. In terms of the methodological approach, we analyzed two classes, recorded and transcribed for this research, with higher education students in a course of Portuguese as a Foreign Language. We chose the combination between the *corpus-based* and *corpus-driven* approaches as a strategy for the *corpus* to be the leading role in the research. The punctual analysis of a qualitative nature revealed the occurrence of the Exemplification in Direct Fictive Speech, aiming mainly to promote in the discourse conceptualizations of ACTIVITY, SENSATION, SUDDEN UNDERSTANDING OR INSIGHT, POSTURE or ATTITUDE, ADMIRATION, SALUTE, REQUEST FOR INFORMATION, INDIGNATION AND EXPLANATION. Besides this pattern we also find the question-answer pattern, acting as an organizer of the speech and the discursive markers that serve the purpose of attentively checking the audience, ensure the discursive flow and anticipate possible doubts of the interlocutors, in this case, the students. The findings corroborate the initial hypotheses, proving that the phenomenon of FI is productive in the classroom context, occurring both in the professor's and the students' speech, aiming at communicative purposes as different conceptualizations, explanations and organizations within the speech. We also observe that the occurrences are accompanied by a strong dramatic character, functioning almost theatrical, making the manifestation through the FI more vivid, achieving in this way greater communicative clarity in the teaching-learning process.

Palavras-chave: Fictivity. Fictive Interaction. Fictive Direct Speech. Teaching-Learning. Portuguese as Foreign Language.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Participantes e nacionalidades	41
Tabela 2: Convenções de Transcrição	44
Tabela 3: Quadro-síntese dos excertos analisados	95

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação da projeção de elementos entre espaços	21
Figura 2: Representação do Princípio de Identificação da Interação Ficitva	22
Figura 3: Gesto “faço com a mãozinha assim”	59

SUMÁRIO

Introdução	13
2. Fictividade e Interação Fictiva	16
2.1 Fictividade	16
2.2 Interação Fictiva	20
3. Frame e Conversa	27
4. Teoria dos Espaços Mentais	30
5. Metodologia	34
5.1 Abordagens <i>corpus-based</i> e <i>corpus-driven</i>	35
5.2 Ponderações iniciais: O ensino de Português como Língua Estrangeira	36
5.3 Hipóteses iniciais	38
5.4 Cenário e Participantes	40
5.5 Dados	42
5.6 Procedimentos Analíticos	45
6 Análise Pontual	46
6.1 Aula 1	47
6.2 Aula 2	58
7. Análise Global	75
7.1 Exemplificação em Discurso Direto Fictivo	79
7.2 Padrão Pergunta-Resposta	90
7.3 Marcadores Discursivos	92
7.4 Quadro-síntese	95
8. Considerações Finais	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
ANEXO: Transcrição do <i>corpus</i> utilizado	112

1. INTRODUÇÃO

Quando somos convidados a pensar em modos de interação humana talvez o primeiro modo que nos venha à mente seja a interação face a face, mais especificamente, a conversa. Trata-se da forma mais comum e primordial de comunicação adquirida ainda na infância, sem que seja necessária instrução explícita para que seja realizada. Autores como Tomasello (1999, 2003) e Clark (1996) defendem a conversa como a forma mais básica de comunicação. Fillmore (1981, p.152) ainda acrescenta: “A linguagem da conversa face a face é o uso básico e primordial da linguagem, sendo as outras melhor descritas em termos de seus modos de desvio daquela base.”¹

Por se tratar da forma mais básica de comunicação, muitos estudos começaram a ser desenvolvidos visando a analisar a conversa em si, como os trabalhos de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974). Bem mais adiante, entretanto, o uso do conhecimento intuitivo e estruturado dos falantes sobre como e o que é conversar passou a ser investigado como estratégia comunicativa, sendo este, o caso da Interação Fictiva (IF), fenômeno inicialmente estudado e cunhado por Esther Pascual em sua tese de doutorado (2003).

O conceito de IF é herdeiro do que se entende como Padrão Geral de Fictividade (TALMY, 1996, 2000), segundo o qual os sujeitos cognitivos são dotados de um padrão cognitivo de representações discrepantes de um mesmo objeto, em que um seria concebido como mais verídico, ou factivo, e outro como menos verídico, ou fictivo.

Dentre as categorias linguístico-conceptuais que se instanciam por meio do modelo fictivo temos a Interação Fictiva, considerada por Pascual (2003, 2006, 2014) como o tipo de comunicativo de Fictividade, um ato de fala fictivo, ou seja, em discrepância com o ato de fala entendido como factivo.

¹ “The language of face-to-face conversation is the basic and primary use of language, all others being best described in terms of their manner of deviation from that base” (FILLMORE, 1981, p.152).

Como afirma Pascual (2003, 2014), a Interação Fictiva faz uso do *Frame* de Conversa para estruturar o pensamento, o discurso e a gramática. Trata-se do uso esquemático da estrutura interacional da comunicação ordinária como um *frame* organizador para entender, pensar e falar sobre entidades verbais e não verbais, processos e relações.

Em outras palavras, o *Frame* de Conversa se organiza a partir de algo tão intrínseco à comunicação humana que fazemos uso dele no discurso como uma estratégia para tratar de coisas que não têm nada ou pouco a ver com a conversa genuína, entendida aqui como uma interação verbal (ou gestual) entre pelo menos duas pessoas.

Dentre os níveis discursivos nos quais a Interação Fictiva ocorre, Pascual (2014) menciona o nível intersentencial descrito como aquele que apresenta informações estruturais e relações entre sentenças e orações. Esse nível é gramaticalmente marcado pelo padrão pergunta-resposta, entendido como típico da estrutura conversacional. A autora exemplifica esse uso da seguinte maneira:

“Um professor usando a estrutura pergunta-resposta como um dispositivo organizador do discurso (e.x.: Por quê? Porque...) está falando na sua própria voz, interpretando os papéis de falante e interlocutor, assim como pode exprimir dúvidas que seus interlocutores, os alunos, podem ter.” (PASCUAL,2014, p.52)²

Essa passagem inspirou a pesquisa a ser descrita neste trabalho. A partir dessa leitura surgiu o interesse em pesquisar se a Interação Fictiva apresentaria outros usos em contexto de sala de aula e como se daria a manifestação do fenômeno dentro do discurso corrente. Após essa escolha precisaríamos delimitar o contexto de sala de aula que seria usado para coleta de dados e, então, nos deparamos com outro elemento de inspiração oferecido pela autora. Segundo ela, as estruturas interacionais fictivas podem ser um universal linguístico.

Dessa forma, propomos-nos a observar a possibilidade de se tratar de um universal linguístico por meio da escolha do contexto de sala de aula de Português como Língua

² “A teacher using a question-answer structure as a discourse-organizing device “e.g. ‘Why? Because...’), is both speaking in her own voice, taking the roles of both questioner and answerer, as well as voicing questions her interlocutors, the students in the class, may have.” (PASCUAL, 2014, p.52)

Estrangeira, para coleta e análise dos dados, oferecida no ensino superior a alunos intercambistas ou não, de diversos países. Tal contexto nos permitiria observar se de fato poderíamos ter pelo menos uma pequena amostra acerca da universalidade do fenômeno, ao mesmo tempo em que poderíamos observar se a Interação Fictiva seria produtiva e frequente no processo de ensino/aprendizagem.

Tomamos como prioridade a análise qualitativa, de forma a explorar as facetas do fenômeno com suas características próprias no contexto analisado. Examinamos a manifestação do fenômeno e sua construção ao longo do discurso, tanto na fala da professora, quanto na fala dos alunos e das alunas, tendo em vista seus propósitos comunicativos peculiares.

Para compor a análise, adotamos como escopo teórico básico autores do campo da Linguística Cognitiva, a saber: Talmy (1996), Pascual (2002, 2006, 2014) e Rocha (2006, 2011, 2013, 2018) no que diz respeito à Fictividade e à Interação Fictiva; Fauconnier (1997) para tratar da Teoria dos Espaços Mentais e Fillmore (1982) para recorrer à noção de *frames*.

O texto organiza-se da seguinte forma:

O segundo capítulo apresenta uma visão geral de Fictividade e de algumas instâncias já estudadas por pesquisadores no Brasil e em outros países. Em seguida, abordamos o fenômeno da Interação Fictiva, seus elementos constituintes e seus usos, além de explorar seus padrões formais, representados pelos níveis discursivos: intrasentencial, sentencial e intersentencial.

O terceiro capítulo aborda as teorias que serviram de base para o desenvolvimento da análise. Inicialmente, discorreremos sobre as noções de *Frame* e *Conversa*, para esclarecer o que estamos chamando de *Frame* de *Conversa*. Em seguida, passamos a apresentar a Teoria dos Espaços Mentais, especificamente a questão da Projeção entre Domínios. O relevo nesse aspecto na teoria de Fauconnier (1997) nos ajuda a justificar a criação de espaços mentais para que a IF alcance seu propósito comunicativo.

O quarto capítulo explora os aspectos metodológicos e justifica a escolha por uma pesquisa mista: baseada em *corpus* (*corpus-based*) e movida a *corpus* (*corpus driven*). Além disso, a seção conta com informações necessárias à compreensão do *corpus* e do desenvolvimento da pesquisa, e trata de aspectos relevantes no que diz respeito à escolha do ensino de Português como Língua Estrangeira como material de análise.

O quinto capítulo trata da análise pontual, como uma das partes principais do trabalho, que apresenta as ocorrências de Interação Fictiva localizadas e apresentadas, nos excertos, que foram divididos de acordo com a emergência sequencial do fenômeno. A análise pontual foi dividida em duas partes que correspondem a diferentes aulas gravadas.

O sexto capítulo traz uma análise global dos padrões formais e funcionais que se manifestaram na análise pontual, além dos propósitos comunicativos ligados a esses padrões.

Por fim, nas considerações finais são retomadas as perguntas iniciais da pesquisa, confirmando a hipótese inicial, segundo a qual a Interação Fictiva, de fato, atua como estratégia comunicativa relevante para o processo de ensino/aprendizagem de Português como L2.

2. Fictividade e Interação Fictiva

A presente seção apresenta noções gerais acerca de aspectos abrangentes do fenômeno da Fictividade que se manifesta na linguagem, bem como da Interação Fictiva, entendida como o tipo comunicativo da Fictividade.

2.1 Fictividade

No domínio teórico da Linguística Cognitiva autores como Fauconnier (1997), Talmy (1996), Pascual (2006) e Rocha (2011, 2013), contribuíram para a construção do conceito de Fictividade, analisando-o em diferentes instâncias de linguagem. Trata-se de um fenômeno que se manifesta na língua, similar ao da metáfora.

Apesar de sua natureza multifacetada e abrangente, podemos entender o fenômeno como representações ligadas a certas expressões linguísticas que estão vinculadas de maneira indireta a seus referentes pretendidos, invocando, dessa forma, cenários concebidos como não verídicos, de forma a obter acesso mental a cenários concebidos como verídicos (PASCUAL, 2006).

Por sua vez, Talmy (1996), levando em conta as semelhanças entre linguagem e percepção visual trata o conceito a partir de um sistema cognitivo de organização, no qual há uma sobreposição de sistemas, o factivo e o fictivo, que envolvem a discrepância entre as representações cognitivas de uma entidade. Tal discrepância consiste na concepção de uma representação cognitiva como mais verídica e outra como menos verídica. O indivíduo experiencia tais representações como perspectivas alternativas.

O autor utiliza o termo Fictividade, portanto, para se referir a um padrão cognitivo de representações discrepantes de um mesmo objeto, em que um seria concebido como mais verídico, ou factivo, e o outro, como menos verídico, ou fictivo. Ao afirmar que as representações diferem quanto ao seu grau de veracidade, o autor chama a atenção para o fato de que tal distinção segue apenas critérios cognitivos internos, o que significa dizer que não são necessários quaisquer critérios externos à linguagem e à cognição para avaliar algo como mais ou menos verídico, isto é, como factivo ou fictivo.

Dessa forma, no exemplo “A cerca vai do platô ao vale” (TALMY, 2000), caracterizado como movimento fictivo, parte da cognição pode perceber a imagem de algo em movimento, percorrendo o caminho descrito – leitura fictiva – enquanto outra parte avalia tal imagem como irreal, isto é, nada está se movimentando na realidade – leitura factiva.

O termo factivo remete a uma avaliação cognitiva mais verídica, o que não quer dizer que tal representação seja de alguma forma objetivamente real, enquanto o termo fictivo, não deve ser confundido com fictício, mas sim refere-se a uma capacidade

imaginativa da cognição, descartando-se a sugestão do termo como algo objetivamente irreal.

O autor chama esse padrão cognitivo de veracidade entre representações discrepantes de um mesmo objeto de “Fictividade Geral” (*General Fictivity*), na qual as duas representações discordam em alguma dimensão, representando pólos opostos dessa dimensão.

Dentre as dimensões que podem ser observadas, o autor destaca três:

- (i) Estado de ocorrência – a presença factiva é acoplada à ausência fictiva, isto é, a presença de uma entidade em sua representação mais verídica está acoplada a ausência fictiva dessa mesma entidade em sua representação menos verídica, ou vice-versa;
- (ii) Estado de mudança – a representação mais verídica de um objeto inclui uma estabilidade enquanto a representação menos verídica inclui uma mudança fictiva, ou vice-versa;
- (iii) Estado de movimento – a representação mais verídica pode incluir imobilidade enquanto que a representação menos verídica possui movimento, ou vice-versa.

Segundo Talmy (1996, 2000) a Fictividade é uma atividade cognitiva ampla que se instancia em categorias conceptuais variadas, por meio do modelo “fictivo (a) X”, a saber:

- (i) Entidade fictiva (TALMY 1996), (LANGACKER 2008), (PASCUAL 2002), (ROCHA, 2013): entidades linguisticamente representadas por nomes, apresentadas pelos falantes com o objetivo de obter acesso mental às entidades “reais” através da referência indireta (ou virtual) como no caso do enunciado “leões são ferozes”, em que a entidade fictiva “leões” atua como um exemplar de toda a classe;
- (ii) Movimento fictivo (DORNELAS, 2014), (LANGACKER 1999), (TALMY 1996): representa o movimento subjetivo do conceptualizador por uma

trajetória imaginária, percebida em enunciados como “a cerca vai do platô ao vale”, nesse caso, a movimentação acontece via projeção do conceptualizador na cena descrita;

- (iii) Mudança fictiva (SWEETSER 1996, 1997), (MATSUMOTO 1996): a mudança é entendida como tal apenas no processo de conceptualização, como no enunciado “o quarto ficou maior depois que tiramos os móveis”;
- (iv) Ato de fala fictivo (LANGACKER, 1999), (PASCUAL, 2003): manifesta-se através de ironias e perguntas retóricas, em que um elogio é uma crítica; ou, no caso das perguntas retóricas, a aparente pergunta é um comentário ou um organizador do discurso: “Precisa de ajuda? Fale comigo”, em que o enunciator pergunta e ele mesmo responde.

A fórmula fictiva, portanto, pode ser ilustrada através do esquema X é Y, como nas metáforas “VIDA É VIAGEM”, enquanto a fórmula factiva é esquematizada através de “X não é Y”, “VIDA NÃO É VIAGEM”. Trata-se de uma fórmula fictiva próxima das metáforas conceptuais (LAKOFF e JOHNSON, 1980), em que domínios mentais distintos são associados.

Ainda no âmbito das instanciações de Fictividade podemos citar a Interação Fictiva, foco deste trabalho, que pode ser entendida como o tipo comunicativo de Fictividade, pois trata do uso do *Frame* de Conversa com o objetivo de se estruturar o pensamento, o discurso e a gramática. Tal instanciação será melhor detalhada na próxima subseção (2.2).

O entendimento acerca do *Frame* de Conversa pode ser relacionado à noção de *frame* tal como compreendida por Fillmore (1982). Para ele o termo designa um sistema de conhecimento estruturado, armazenado na memória, compartilhado socialmente e organizado a partir da esquematização da experiência. Dessa forma, ao tratarmos do *Frame* de Conversa estamos utilizando, de forma organizada e baseada na experiência, os elementos que compõem a estrutura de conhecimento de uma conversa, tais como a presença de interlocutores, de um assunto, da troca de turnos, entre outros.

Outra instancia de Fictividade que merece destaque é a Autocitação Fictiva, estudada por Rocha (2006, 2011, 2013), e entendida como o uso não genuíno do molde tradicional do Discurso Direto Reportado que pode se apresentar como uma forma indireta, virtual e fictiva de evocar discursos não proferidos, mas efetiva e mentalmente construídos. A Autocitação Fictiva se instancia através da metáfora PENSAMENTO É FALA como no exemplo, “Eu falei: Meu Deus, isso não vai dar certo”, em que o enunciador não remete a algo proferido por ele mesmo, mas à estruturação do pensamento como se fosse uma conversa consigo mesmo.

Exemplos como o anterior estão inseridos em contextos nos quais é possível verificar que o falante não reporta algo factivamente, mas manifesta um pensamento ou sentimento ocorrido em momento anterior a reportação, usando a forma de discurso direto. Através da reportação o falante permite acesso mental ao cenário verídico de pensamento e não de fala.

Observamos, então, a abrangência do fenômeno corroborando para o reconhecimento da Fictividade como algo essencial à cognição humana. Passemos então, à explanação acerca da abrangência do fenômeno no contexto discursivo, chamado de Interação Fictiva.

2.2 Interação Fictiva

Introduzimos o trabalho questionando sobre os modos de interação humana que nos vêm a mente quando somos convidados a pensar sobre, e chegamos à conclusão de que a interação face a face talvez seja a primeira resposta a vir à tona. A interação conversacional faz parte do nosso cotidiano e é vista por nós como algo extremamente comum e bem conhecido.

Parte dessa intimidade com a conversa vem do fato de que ela se constitui como a primeira forma de interação aprendida por nós quando crianças, conforme Vygotsky ([1934] 1962) e Zlatev (2005,2007,2008 apud Pascual 2014) atestaram. Clark (1996) defende que a conversa é a forma canônica de comunicação verbal, enquanto Sacks

(et. al 1974) defendem que o *Frame* de Conversa é universal, presente provavelmente em todas as línguas e culturas.

Pascual e Sandler (2016) concebem ainda que a interação face a face é o primeiro estágio para a linguagem, a cultura e a cognição. Segundo os autores, baseando-se em Cicourel (1974), Clark (2003), Budwing (et.al. 2000), Trevarthen e Hubley (1978) e Bruner (1983), as crianças são inseridas na cultura e na sociedade, primordialmente por meio da conversa. Dessa forma, compreende-se a conversa como a forma mais básica de comunicação, ontogenética e filogeneticamente (TOMASELLO, 1999, 2003).

A conversa é algo que instigou e ainda instiga muitas pesquisas por se tratar de algo tão intrínseco à cognição e que revela diversos aspectos da interação entre humanos. Em Linguística Cognitiva, autores como Lakoff e Johnson (1980) tratam da primazia da linguagem cotidiana através dos estudos sobre metáfora conceituais. Além disso, o entendimento de que a estrutura de interação face a face pode servir como um modelo para conceptualizar o mundo concreto e abstrato abriu as portas para o estudo do *Frame* de Conversa como algo que também serviria para estruturar a cognição, o discurso e a gramática, levando-nos à postulação do conceito de Interação Fictiva (PASCUAL, 2003, 2006, 2014).

Pascual (2003) postula que há uma base conversacional para o pensamento, a linguagem e o discurso. Em seu trabalho de 2003 a autora investiga a interseção entre linguagem, interação e cognição, inaugurando os estudos sobre o fenômeno da Interação Fictiva.

A IF pode ser compreendida como o tipo comunicativo de Fictividade (TALMY, 1996, 2000), a qual consiste no uso do *Frame* de Conversa para estruturar o pensamento, a gramática e o discurso. Pascual (2003, 2006, 2014) define o fenômeno como o uso esquemático da estrutura interacional da comunicação ordinária como um *frame* organizador para entender, pensar e falar sobre entidades verbais e não verbais, processos e relações.

Nós usamos o nosso conhecimento da interação face a face presente no cotidiano para estruturar outras coisas que não são uma interação. Esse uso não canônico, portanto, torna esse conhecimento uma Interação Fictiva. A autora ressalta que a IF representa um canal de comunicação não verídico no discurso, por se tratar de um fenômeno completamente mental (ou conceptual), e que, portanto, não deve ser entendido como fictício ou imaginário. O canal comunicativo estabelecido é fictivo, isto é, está entre o real e o irreal.

Ao fazer uso do *Frame* de Conversa o fenômeno pode servir como um modelo para estruturar o pensamento, isto é, para reportar algo que foi pensado, através de um diálogo consigo mesmo; a conceptualização de uma experiência e, isso pode ser feito através das metáforas; a organização de um discurso, através de um monólogo estruturado como se fosse um diálogo entre duas (ou mais) pessoas; e organizar o sistema linguístico e seu uso, por meio das perguntas retóricas, já compreendidas como perguntas que não requerem resposta por parte dos interlocutores.

Além desses usos verificados por Pascual (2014), a IF também pode ser usada como uma forma de argumentação, convencimento ou mesmo, ilustração. Ainda de acordo com a autora, as manifestações de IF ocorrem em três níveis discursivos podendo ser arregimentadas de acordo com alguns padrões formais. Os níveis discursivos são: intersentencial, sentencial e intrasentencial.

No nível intersentencial o falante faz uso do *Frame* de Conversa para apresentar informações estruturadas e relações entre sentenças. Um padrão que se destaca é o pergunta-resposta, típico da estrutura conversacional, mas que assume a função de organizador do discurso. Um exemplo apontado por Pascual (2014) é o uso dessa estratégia pelo professor (e.g.: “ Por que? Porque...”) (p.52). Dessa forma, o professor ao animar tanto a voz do falante, quanto a voz do ouvinte, chama a atenção dos alunos, pois antecipa possíveis dúvidas que os alunos possam ter sem que haja quebra no fluxo da explicação, como ocorreria se um aluno levantasse a mão e fizesse uma pergunta.

As IFs no nível intersentencial, em especial, o padrão pergunta-reposta pode atender a diversos propósitos comunicativos, tais como introduzir um tópico, estabelecer foco

e manifestar-se em condicionais e sentenças relativas. Pascual (2014) destaca que essa estratégia é extremamente comum em diferentes línguas e gêneros discursivos, conforme várias pesquisas já apontaram, entre elas as de Keenan e Hull (1973) e Janzen (1999).

O segundo nível (sentencial) é marcado por sentenças que não exercem as mesmas funções que exerceriam se fossem analisadas formalmente. Langacker (1999, p.90) chama esses casos de “Atos de fala virtuais” que são “instâncias de fictividade no nível de força ilocucionária”. Isso significa dizer que se analisarmos a sentença levando em conta apenas o significado intrínseco, descartando a força ilocucionária produzida pela Fictividade, não é possível inferir a intenção do enunciador.

Pascual (2014), por sua vez, apresenta a discussão sobre os atos de fala fictivos a: afirmações fictivas (e.g.: “Deus sabe o quanto lutei!”), em que a invocação fictiva de “Deus” dá-se apenas como introdução de um argumento forte; perguntas retóricas (e.g.: “Quem precisa de um Mercedes?”), em que a pergunta já embute uma resposta negativa; comandos fictivos (e.g.: “Diga se isso não é uma ofensa”), em que não é exigido do interlocutor que realmente diga algo ou repita as palavras do enunciador; pedidos de desculpas fictivos (e.g.: “Me desculpa mas eu sou fiel”), em que o pedido fictivo de desculpas não é genuíno, mas apenas um recurso retórico; cumprimentos fictivos (e.g.: “Oi?” – com sentido de dúvida); trocas de polidez (e.g.: Ah, por favor, não vai me dizer que a Dilma saiu mesmo”), em que a polidez não genuína está para lamento e não para troca de gentilezas.

O último nível é o intrassentencial que como o próprio nome sugere, trata da presença de IF no interior da sentença, em que o uso do discurso direto não envolve, de fato, uma citação propriamente dita. Esse discurso direto atua como um constituinte gramatical em sentenças, podendo ser, inclusive, em itens lexicais e até mesmo morfemas. Alguns exemplos são: no nível clausal (e.g.: “Tem gente que acredita ‘*ah não vai ter impeachment*’”); no nível sintagmático (e.g.: “eu sou a favor do ‘*não-vai-ter-golpe*’”); nível lexical (e.g.: “Temer vai retirar subsídios à baixa renda no *Minha Casa, Minha Vida*”).

Em termos de formações lexicais em Português do Brasil, Costa Júnior (2016) se dedicou ao estudo dos Compostos de Discurso Direto (CDDs), tomados como “compostos nominais cujos modificadores servem com uma unidade discursiva autossuficiente”³ (PASCUAL, 2014, p.104). Isto é, utiliza-se a IF como um modificador, em exemplos como “maquiadoro”, “chocolateamo” (COSTA JÚNIOR, 2016), nos quais as unidades discursivas autossuficientes, “adoro” e “(te) amo”, integram cruzamentos vocabulares como peças extraídas do *Frame* de Conversa.

A Interação Fictiva faz uso do que parece ser uma conversa (ou parte dela) com o objetivo de definir, introduzir ou se referir a algo que não é uma conversa (PASCUAL, 2014). Portanto, ao se fazer uso de elementos do *Frame* de Conversa, como o par pergunta-resposta comum em sala de aula, por exemplo, atua como um organizador do discurso utilizado por professores, antecipando-se possíveis dúvidas dos alunos.

Por ser uma categoria radial não é possível estabelecer limites muito precisos entre a IF e outros fenômenos semelhantes como o Discurso Reportado ou o Diálogo Fictício. Apesar disso, Pascual e Sandler (2016) montaram uma lista de características para identificar a IF, a saber:

- (i) Estrutura conversacional: trata-se do uso de um padrão semelhante ao presente nas interações factivas, como o discurso direto e a troca de turnos (e.g.: “Geração ‘*olha para mim, eu sou muito legal*’⁴) (p.13)
- (ii) Leitura fictiva: o fenômeno possui uma natureza conceptual, estando presente na elaboração do pensamento e manifestando-se na linguagem e no discurso. Está sempre acompanhado de um propósito comunicativo e ocorre em perguntas explanativas (perguntas fictivas e.g.: “então, *o que é Interação Fictiva?* ”)⁵ (p.20), ou para expressar um pensamento, intenção, emoção, inferência, razão, situação entre outros.

³ “[...] nominal compounds whose modifier could serve as a self-sufficient discourse unit” (PASCUAL, 2014, p.104)

⁴ “[The] ‘*Look at Me, I’m so cool*’ generation” (PASCUAL e SANDLER, 2016, p.13)

⁵ “So, *what is fictive interaction?*” (PASCUAL e SANDLER, 2016, p.20)

- (iii) Interpretação não *token*: o discurso não é entendido como produzido previamente. (e.g.: “o produtor quer fazer os jovens dizerem: *uau! Meu avô é descolado como a Beyonce*”)⁶ (p.15)
- (iv) Informação de um ponto de vista: a estrutura conversacional pode envolver mudanças ou mistura de pontos de vista. (e.g.: “ existe um maldito ligamento no fundo do meu pé, que está me dizendo: *foda-se você, Chris*”)⁷ (p.17)
- (v) Função metonímica: a representação de uma parte acessa o todo (e.g.: I do ring, I will ring), em que anel está para casamento.

Os autores ressaltam que essas características não são suficientes em si mesmas para situar o fenômeno. É preciso observar o contexto e o propósito comunicativo no qual a IF está engajada, ou seja, no contexto interacional. Nesse sentido, outras características também colaboram para a identificação do fenômeno, como a prosódia. Segundo Rocha e Arantes (2016) há aspectos prosódicos, pragmáticos e semânticos que contribuem para a fictividade de instâncias do padrão construcional “(eu) falei + cláusula”, envolvendo o uso do *Frame* de Conversa para modelar a linguagem, como (ROCHA e ARANTES, 2016):

- (i) A diferença na frequência fundamental (F0) média: no PB, os contornos das interpretações factivas sinalizam valores, em média, 2 semitons mais altos, em comparação com os contornos prosódicos das interpretações fictivas (p. 364);
- (ii) O ambiente no qual as IFs ocorrem são caracterizados como digressivos e subjetificantes, perfilando conteúdo emocional (p.365);
- (iii) Existe um co-texto epistêmico próximo da IF que precedem a construção fictiva, como em usos de verbos de cognição como “achar”, “pensar” e “desesperar” (p.366);
- (iv) Em geral, as IFs manifestam promessa, plano, avaliação e apreciação (p. 368);

⁶ “ The filmmaker wants to make Young people say, ‘ *Whoa, my grandfather is as cool as Beyoncé*” (PASCUAL e SANDLER, 2016, p. 15)

⁷ “There’s this damn ligament in the bottom of my foot that’s saying ‘Screw you, Chris’” (PASCUAL e SANDLER, 2016, p. 17)

- (v) Os vocativos retóricos como “gente” e “meu Deus” e interjeições que adicionam drama ao uso argumentativo são verificados no domínio da fala fictiva (p.369);
- (vi) Ainda no domínio da fala fictiva pode ocorrer incongruência dêitica entre a cláusula encaixada e o material precedente (p.369).

As características acima nos fornecem pistas discursivas para a identificação do fenômeno no discurso. Além disso, atuam como forma de distinguir entre o Discurso Reportado Canônico, aqui entendido como factivo e o Discurso Reportado Fictivo, objeto focalizado nesta dissertação.

Ao estabelecer as diferenças entre o Discurso Reportado Canônico e o Discurso Reportado Fictivo, Rocha (2018) observou que em função de que tanto um quanto o outro ocupam uma posição crucial na construção argumentativa do discurso, há uma tendência de que o primeiro represente uma fase discursiva de apresentação de problema e sua versão fictiva, a de apresentação de uma solução, a contar com o padrão “Problema-Solução” (HOEY, 2001).

Rocha (2018) defende que a IF atua no padrão solução, pois ao fazer uso do *Frame* de Conversa, simulam-se cenários nos quais as propostas e possibilidades são veiculadas discursivamente. O Discurso Reportado Canônico, por sua vez, pode ser compreendido com uma estratégia comunicativa de apresentação do problema, também via *Frame* de Conversa, mas que diferentemente do Discurso Reportado Fictivo, “subfocaliza o enunciador que ‘reporta’ em detrimento daquele que está sendo ‘reportado’, fazendo com que o comprometimento com a fala ‘reportada’ do enunciador que ‘reporta’ seja abrandado” (ROCHA, 2018, s/n).

Os estudos sobre Interação Fictiva revelam ser esse um fenômeno com múltiplos propósitos comunicativos, podendo ser usada para introduzir o tópico de uma discussão através de perguntas expositivas, para expressar ou descrever pensamentos, emoções, atitudes, inferências etc. (PASCUAL, 2014). Além disso, diz muito sobre como a linguagem, o discurso e a cognição são estruturados dentro de uma interação.

Dada a relevância do fenômeno, ele se torna um forte candidato ao *status* de universal linguístico, revelado pela universalidade da interação humana, mostrando ainda que não existem conversas neutras sem um propósito comunicativo. Pascual (2014) levanta a questão da intersubjetividade que o fenômeno desempenha na linguagem, no discurso e na conceptualização da realidade. Tal intersubjetividade está ligada à construção do significado de forma interpessoal, baseada na interação e na experiência. Em outras palavras, os falantes partem de um conhecimento comum (o *Frame* de Conversa), apresentam interlocutores fictivos com quem “conversam” e constroem significados a partir disso, na interação entre falante e interlocutor. Os falantes acessam sua experiência da estrutura de uma conversa para tratarem de coisas que não são entendidas como conversa.

Partindo da abrangência já descrita e apresentada sobre o fenômeno dispomo-nos a investigar a sua ocorrência no contexto de sala de aula, no qual há um objetivo claro de ensino/aprendizagem e a observar, ainda que de maneira rudimentar, sua universalidade. A investigação se deu em um contexto de ensino de Língua Portuguesa como L2, no qual alunos de diferentes partes do mundo integram a turma e a professora faz uso de apenas dois idiomas: Português e Inglês. Objetivamos observar se o fenômeno é recorrente nesse ambiente discursivo e em que situações ele é empregado. Antes disso, trataremos nas próximas seções de outras questões teóricas importantes na construção da análise.

3. *Frame* e Conversa

A teoria da Semântica de *Frames* possui como principal nome Charles Fillmore. O autor caracteriza a área como uma forma particular de olhar para os significados, assim como uma nova forma de criar novas palavras e novos significados.

Fillmore define o termo *frame* como um sistema de conceitos relacionados, de forma que para entendê-los é preciso entender toda a estrutura na qual o *frame* está inserido. Quando um elemento do *frame* é acionado em um texto, ou em uma conversa, todos os outros elementos se tornam automaticamente disponíveis (FILLMORE, 1982).

Em outras palavras, os significados das palavras estão subordinados a *frames* e dessa forma, a interpretação de uma palavra ou um conjunto de palavras requer acesso à estrutura de conhecimentos que relacionam entidades e elementos que fazem parte de cenas da experiência humana, considerando-se suas bases físicas e culturais (FERRARI, 2014). *Frames* são estruturas conceptuais que fornecem contexto para elementos de interpretação (GRAWRON, 2008).

Dentre os inúmeros *frames* existentes o que ganha relevo neste trabalho é o *Frame* de Conversa. Os elementos que o compõem, de forma geral, podem ser considerados como ao menos dois participantes engajados presencialmente em uma interação verbal e/ou gestual sobre determinado assunto, as trocas de turno, o lugar onde a interação está ocorrendo, elementos prosódicos, entre outros.

Com o propósito de detalhar um pouco mais o entendimento sobre *Frame* de Conversa como um modelo cognitivo acerca de nossas experiências linguístico-interacionais, constituídas intersubjetivamente e estocadas em nossa memória, recorreremos a Clark e Brennan (1991), que apresentam os atributos da conversa face a face. No caso deste trabalho considera-se que atributos como estes dão subsídios para a estruturação do *Frame* de Conversa:

1. Co-presença: os participantes compartilham o mesmo ambiente físico;
2. Visibilidade: os participantes podem se ver;
3. Audibilidade: os participantes são capazes de ouvir um ao outro;
4. Instantaneidade: os participantes percebem ações um do outro sem atraso perceptível;
5. Evanescência: o meio é evanescente – desaparece rapidamente;
6. Ausência de registro: as ações dos participantes não deixam registros ou artefatos;
7. Simultaneidade: os participantes podem produzir e receber imediata e simultaneamente;
8. Extemporaneidade: os participantes formulam e executam ações extemporaneamente (não próprio ao tempo em que se faz ou sucede) em tempo real;

9. Auto-determinação: os participantes determinam para si próprios que ações tomar e quando;
10. Auto-expressão: os participantes executam ações sendo eles próprios.

De modo geral, ao observarmos as características listadas acima notamos que elas podem ser agrupadas da seguinte forma: as características de 1 a 4 refletem o caráter imediato da cena na qual se passa a interação. As características de 5 a 7, por sua vez, refletem o meio, visto que não há qualquer tipo de registro e ao mesmo tempo, a simultaneidade na fala e na escuta, possibilita o uso de estratégias como interromper e sobrepor vozes, por exemplo. Por último, as de 8 a 10 tratam do controle da situação. Por se tratar de uma ação não formulada, os participantes não possuem tempo suficiente para controlar tais formulações e por isso, precisam recorrer a técnicas mais especializadas no decorrer da interação (ROCHA, 2004).

Essas considerações acerca dos atributos da conversa face a face culminam na noção de lugares onde se fazem coisas com a linguagem (arenas do uso da linguagem). O que possibilita a ação conjunta das pessoas nesse lugar é o que é denominado base comum, a qual favorece a troca entre falante e interlocutor. Recorremos a Goffman (1976) para tratar dos participantes e não participantes da conversa face a face, a saber: falante e ouvinte – “participantes ratificados”; participante secundário – também ratificado, a quem a palavra não está sendo dirigida no momento; os demais são ouvintes por acaso, que não têm direitos ou responsabilidade na conversa e que podem ser divididos em circunstantes (abertamente presentes, mas que não fazem parte da conversa) e intrometidos (escutam sem que o falante saiba) (ROCHA, 2004).

Na interação todos os falantes participam na construção do relacionamento entre si, além de contribuírem para diferentes maneiras de ouvir e responder. Os papéis desempenhados pelos falantes podem estar no mesmo espaço e tempo ou não. Dessa forma, consideramos que os elementos apontados por Clark e Brennan (1991) contribuem, sobremaneira, para a construção cognitiva do *Frame* de Conversa.

A Interação Fictiva faz uso desse *Frame* de Conversa para estruturar o discurso, o pensamento e a gramática. Fazemos uso do nosso conhecimento compartilhado

sobre conversa e seus elementos, para atender a outros propósitos comunicativos no discurso. Pascual (2014) afirma que a mente humana é de base conversacional e por isso, recorreremos a esse padrão como estratégia discursiva para moldar outros aspectos discursivos que não se enquadram como conversa.

Nesse sentido, interessa-nos muito como o *Frame* de Conversa está a serviço do fluxo discursivo em cenários interacionais de fala espontânea. Para tanto, elegem-se elementos básicos da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997), tais como o Princípio de Identificação e a Projeção entre Domínios, como ferramentas para a descrição e análise da IF.

4. Teoria dos Espaços Mentais

A Teoria dos Espaços Mentais proposta por Fauconnier (1994, 1997) trata da questão da referenciação a partir da abertura de espaços mentais criados no desenvolvimento do discurso, permitindo o compartilhamento de estruturas de conhecimento.

Fauconnier (1994) define os espaços mentais como “construções distintas das estruturas linguísticas, mas que se constroem em qualquer discurso, conforme as pistas fornecidas pelas expressões linguísticas”⁸ (p.16). Em outras palavras, os espaços mentais podem ser entendidos como estruturas que emergem no discurso, a partir de pistas linguísticas que abrigam relações e representações parciais de entidades e cenários que podem ser percebidos, imaginados ou lembrados.

Os espaços mentais são estabelecidos por meio de expressões linguísticas chamadas de *space-builders* (construtores de espaço). Tais construtores de espaço podem estabelecer um novo espaço mental ou referir a um espaço já introduzido no discurso. Os *space-builders* podem ser frases preposicionais (e.g.: na foto da Ana), advérbios (e.g.: teoricamente o projeto é interessante), conectores (e.g.: se A é o livro novo então B é o livro antigo), e combinações entre sujeito e verbo (e.g.: Ana acredita que João é solteiro) (Fauconnier, 1994).

⁸ “[...] mental spaces, constructs distinct from linguistic structures but built up in any discourse according to guidelines provided by the linguistic expressions” (FAUCONNIER, 1994, p.16)

Semanticamente, os *space-builders* introduzem espaços mentais de natureza diversa, como: geográfica (e.g: No Brasil...”), temporais (e.g.: “ Em 2015...), condicionais (e.g.: Se o prazo aumentar...), contrafactuais (e.g.: Como seria se o Brasil tivesse ganhado?), representação (e.g.: Naquela música...), espaços de domínios de atividade (e.g.: Na medicina chinesa...) (FERRARI, 2014).

Um dos fundamentos básicos dentro da Teoria dos Espaços Mentais é o chamado Princípio de Identificação ou Princípio de Acesso. Tal princípio é descrito por Fauconnier (1994) da seguinte forma: “se dois objetos (no sentido geral), a e b, estão ligados por uma função pragmática F ($b=F(a)$), a descrição de a, d_a , pode ser usada para identificar sua contraparte em b⁹.” (p. 3). Em outras palavras, em uma descrição de dois objetos, o gatilho (objeto a) pode ser usado para identificar o alvo (objeto b).

O conector pragmático F estabelece uma relação entre dois espaços. Um deles é chamado de espaço-BASE e pode ser entendido como o espaço no qual está ancorado o centro dêitico do discurso, isto é, é o espaço a partir do qual as projeções serão feitas. O espaço mental (ou espaço de representação), por sua vez, é compreendido como o espaço no qual ocorrem as projeções dos elementos do espaço-base. A representação da sentença abaixo, nos permite observar como ocorre a projeção de elementos entre espaços.

“No quadro, a garota de olhos verdes tem olhos azuis” (FERRARI, 2014)

⁹ “ If two objects (in the most general sense), a and b, are linked by a pragmatic function F ($b= F (a)$), a description of a, d_a , may be used to identify its counterpart b.” (FAUCONNIER, 1994 , p.3)

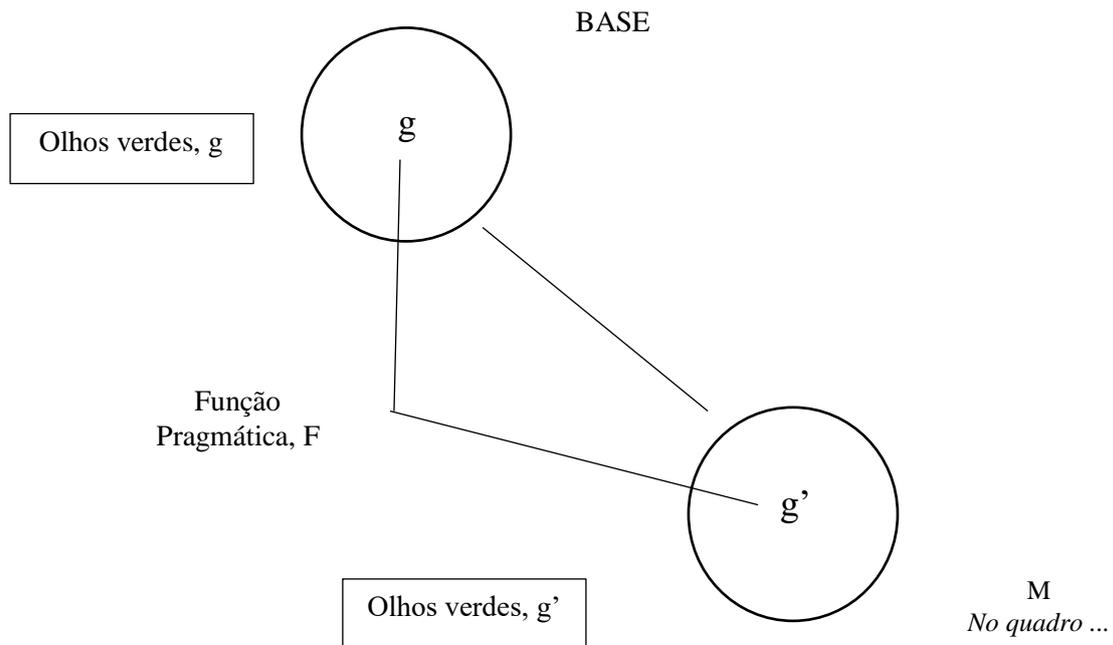


Figura 1: Representação da projeção de elementos entre espaços da sentença “ No quadro, a menina de olhos verdes tem olhos azuis (FERRARI, 2014).

Na representação da sentença vemos dois objetos g e g' que estabelecem correspondência por meio do Princípio de Identificação, isto é, o objeto g (gatilho) está sendo utilizado para identificar o objeto g' (alvo). O espaço BASE abriga o gatilho e estabelece a projeção de sua contraparte (alvo) no espaço M, também chamado de espaço de representação. O espaço M é introduzido na sentença por meio da oração “no quadro” que atua nessa sentença como um *space-builder*. A função pragmática é a responsável por estabelecer o mapeamento metonímico entre a entidade-gatilho (olhos azuis) e a entidade-alvo (olhos verdes).

Durante a análise dos dados percebemos que as manifestações de IF ocorriam via projeção dos ouvintes em um espaço diferente daquele do discurso corrente, se encaixando na noção de Projeção entre Domínios. Compreendemos que a Teoria dos Espaços Mentais conta com outros elementos, tais como as noções de ponto de vista, evento e foco, mas neste momento de análise dos dados, adotamos como ferramenta de trabalho, as noções de Princípio de Identificação e a Projeção entre domínios. Entendemos que futuramente cabe observar mais detalhadamente de que forma os

outros elementos, pertencentes a teoria de Fauconnier se integram à construção do fenômeno da Interação Fictiva.

Tendo em mente que a IF faz uso do *Frame* de Conversa para estruturar algo que não é, de fato, uma conversa, podemos traçar um Princípio de Identificação da IF para remeter a um pensamento como fala. Isto é, podemos esquematizar por meio do Princípio de Identificação de Fauconnier como se daria a projeção entre domínios na função pragmática, por meio da qual a estrutura presente no Espaço-Base é projetada no Espaço de Representação e o pensamento é tomado como fala. De acordo com Nunberg (1978), citado por Fauconnier (1994) para tratar de função pragmática, estabelecemos ligações entre objetos de natureza diferente por razões psicológicas, culturais e localmente pragmáticas e essas ligações permitem referenciar um objeto a outro.

Nesse caso, o gatilho seria a FALA ou CONVERSA e o alvo seria o PENSAMENTO, ligados por razões psicológicas, já que os falantes percebem ou concebem os pensamentos como se fossem vozes. A correspondência entre os dois elementos também se daria por uma função pragmática (F1).

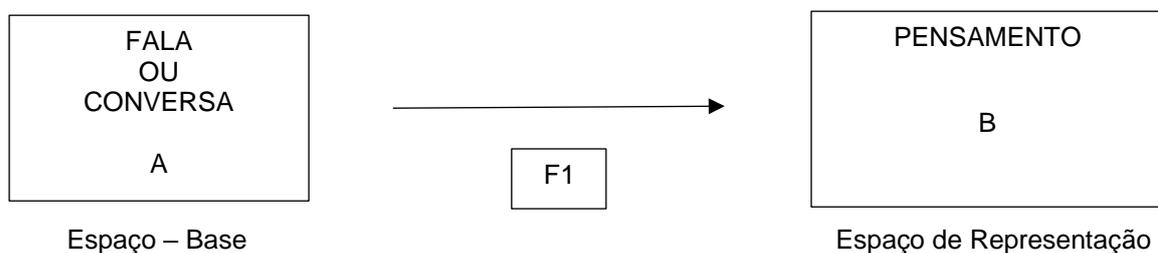


Figura 2: Representação do Princípio de Identificação da Interação Fictiva.

O esquema acima exemplifica de que forma o Princípio de Identificação atua na Interação Fictiva. O espaço-base é aquele no qual está ancorado o centro dêitico do discurso, sendo que aqui podemos compreendê-lo como o espaço do discurso corrente com todos os elementos pertencentes ao *Frame* de Conversa, já mencionados anteriormente. Por meio da Função Pragmática F1 há uma correspondência dos elementos do espaço-base no espaço de representação, compreendido aqui, como o pensamento. De outro modo, a projeção dos elementos

da fala no espaço do pensamento nos permite remeter a um pensamento (a uma cena) diferente do aqui e agora, para tratar de assuntos que não são necessariamente uma conversa, mas são estruturados nos mesmos termos. A projeção acontece como forma de promover uma cena (um espaço mental) que se relaciona com o espaço base, mas convida os ouvintes a acessarem outras estruturas de conhecimento, a partir de uma estrutura comum.

Com relação aos construtores de espaço mental, já citamos que eles podem ser de natureza diversa e quando relacionados à Interação Fictiva podem ser verbos de natureza *dicendi* (de dizer) como os verbos “falar” e “dizer”, já conhecidos por sinalizarem abertura de espaço para Discurso Reportado. Dependendo das condições discursivas eles podem também permitir acesso a IFs, sinalizando a existência de um espaço mental no qual o fenômeno ocorre, visando a diferentes propósitos comunicativos, que não os propósitos de reportar discurso, mas para organizá-lo.

A próxima seção abordará questões relacionadas aos metadados e aos procedimentos metodológicos empregados na pesquisa.

5. Metodologia

O principal objetivo deste estudo é tratar de instâncias de Interação Fictiva específicas, produzidas tanto por docente e discente, as quais atendam ao propósito de contribuir com o ensino/aprendizagem de Português como Língua Estrangeira.

Para tanto, decidiu-se constituir um banco de dados linguísticos específico que será detalhado na sequência, por meio do qual se pode evidenciar a seguinte hipótese de trabalho: de uso corrente na fala espontânea informal (ROCHA, 2018), a IF é importada para a dinâmica de ensino/aprendizagem, como já sugerido por Magalhães (2018), pois se configura como um eficaz recurso cognitivo-interacional capaz de, via *Frame* de Conversa, mimeticamente projetar participantes e cenários em coordenadas espaço-temporais distintas da situação corrente, promovendo assim identificações e similaridades que favorecem o entendimento dos tópicos em discussão. Essa proposição se estende à dinâmica de ensino/aprendizagem em turmas de Português como L2.

As perguntas iniciais que guiam a análise são:

- A IF ocorre em um contexto de ensino/aprendizagem de Português como Língua Estrangeira? Como?
- Quem faz uso do fenômeno? Apenas a professora ou também os alunos?
- Qual o propósito comunicativo ao se fazer uso da IF?
- De que forma a IF participa efetivamente na construção do conhecimento?
- Quais padrões formais e funcionais estão envolvidos no fenômeno? Quais são os mais produtivos em sala de aula?
- Por que a IF emerge no domínio discursivo da aula em meio aos demais padrões construcionais?

Tais perguntas de pesquisa são respondidas durante as análises pontual e global, juntamente com observações e ponderações sobre outras ocorrências que surgiram na deriva do *corpus*, já que optamos por uma mescla das abordagens *corpus-based* e *corpus-driven*, a serem explicitadas ainda neste capítulo.

Passemos então a breve discussão teórica acerca das abordagens que guiaram a análise e, em seguida, faremos um detalhamento dos metadados, descrevendo o cenário e os participantes e também como ocorreram a coleta e a transcrição dos dados. Finalizando o capítulo, faremos uma descrição dos procedimentos analíticos, detalhando o passo a passo seguido na análise e destacando pontos importantes para a compreensão e interpretação dos dados.

5.1 Abordagens *corpus-based* e *corpus-driven*

O *corpus* utilizado para o estudo da linguagem é definido por Tognini-Bonelli (2001) como uma compilação de textos assumidos como pertencentes a uma dada língua e que pode ser usado para análises linguísticas. Ainda de acordo com a autora, lida com uma linguagem autêntica e natural, além de ser um dos principais veículos para a produção de significado.

Tognini-Bonelli (2001) chama a atenção para o uso do *corpus* como evidência do contexto de sala de aula. Ao lidar com esse cenário, segundo ela, é preciso ter em mente que há uma dupla função para o *corpus* linguístico que está sendo analisado: “produzir uma inovação metodológica e uma teórica, pois juntas, elas serão responsáveis por uma nova maneira de ensinar” (TOGNINI-BONELLI, 2001, p.14).

Dentre as possíveis maneiras pelas quais os dados podem ser explorados, a autora ressalta duas abordagens: *corpus-driven* e *corpus-based*. A metodologia empregada na análise desta dissertação mescla um pouco das duas abordagens, apesar de ter sido, em um primeiro momento, motivada pela abordagem *corpus-based*.

Nessa abordagem, chamada por McEnery e Hardie (2012) *corpus-come-método*, utilizam-se os dados com o objetivo de explorar uma teoria ou uma hipótese, visando à validação, à refutação ou ao seu refinamento. Parte-se da teoria para os dados, utilizando o *corpus*, principalmente para “[...] interpretar, testar ou exemplificar teorias e descrições que foram formuladas antes do *corpus* para se tornarem disponíveis para o estudo linguístico” (TOGNINI-BONELLI, 2001, p.65).

A abordagem *corpus-driven*, por sua vez, faz dos dados o protagonista do estudo, fazendo o movimento inverso da abordagem anterior. Agora, o ponto de partida é dos dados para a teoria. McEnery e Hardie (2012) a denominam como *corpus-come-teoria*, pois nesse caso o *corpus* em si é a única fonte de hipóteses sobre a linguagem. Tognini-Bonelli (2001) fala do comprometimento do linguista com a integridade do *corpus* como um todo, sendo que mesmo havendo falta de um padrão é considerada significativa.

A mescla dessas duas abordagens permitiu uma investigação mais empirista, possibilitando o mapeamento de instâncias do fenômeno já estabelecidas na literatura e também de outras ocorrências não pré-estabelecidas, mas que se mostraram relevantes para a hipótese inicial da pesquisa, conferindo a ela um caráter de ineditismo.

Antes de abordarmos as questões relacionadas aos dados, procedimentos e hipóteses iniciais, faremos uma breve contextualização do cenário no qual os dados

foram coletados, além de compreendermos como é constituída a sala de aula de língua estrangeira, em especial, a sala de aula de Português como Língua Estrangeira.

5.2 Ponderações iniciais: O ensino de Português como Língua Estrangeira

A sala de aula de língua estrangeira desperta a curiosidade de diversos pesquisadores, visto que, nesse ambiente a língua é ao mesmo tempo o objeto e o meio de comunicação, atribuindo uma grande complexidade ao discurso utilizado (EDMONSON, 1985; DABENE, 1984 apud GIL, 1997).

Estendemos a complexidade abordada pelos autores acima não só ao discurso empregado, mas à aula em si. Antes de tratarmos do ensino de Português como Língua Estrangeira (doravante PLE) faz-se necessário descrever o ambiente no qual a pesquisa se desenvolveu: a sala de aula.

Dentre as diversas formas de caracterizar uma sala de aula podemos considerar esta como um espaço físico, situado, geralmente, em uma instituição (uma escola, universidade ou equivalente), no qual alunos e professores compõem esse ambiente, desempenhando diferentes papéis.

Com relação ao espaço, este pode ser ordenado de diversas formas, colocando o professor em um lugar de destaque à frente da sala ou na mesma posição que os alunos, quando as carteiras são organizadas em um formato de círculo (ou semi-círculo) para que todos possam se ver.

A sala de aula possui um objetivo previamente estabelecido, isto é, os alunos se colocam à disposição de aprender algo e os professores são os profissionais aptos a promover caminhos para essa aprendizagem. Apesar disso, as interações fazem desse espaço algo muito mais amplo que uma troca de conhecimentos acadêmicos entre professor e aluno. As interações tornam o espaço de sala de aula um ambiente de convivência, de compartilhamento de experiências, uma rede de apoio, de desenvolvimento de projetos, entre muitas outras possibilidades.

Weiss (2007) observou que em suas aulas de Português como L2, palavras, expressões, temas ou informações, manifestados em trocas com os discentes fora de sala, constantemente mudavam o tema da discussão inicialmente proposto por ela, fazendo com que a aula se aproximasse muito mais de uma conversa informal. A docente buscou, então, atentar para as diferenças entre a interação em sala e a que acontecia na cantina da faculdade. Além disso, preocupou-se em analisar se aquela interação informal que estava emergindo em sala de aula seria compatível com os objetivos pretendidos para uma aula, isto é, até que ponto aquela conversa informal se aproximava e se distanciava das interações e dos objetivos pretendidos em uma sala de aula.

A docente observou que as interações de sala de aula se aproximavam de uma conversa, mas que não se tratava de uma “perda de tempo”. Na coleta de dados para este trabalho de pesquisa, observamos também, que o tom informal de conversa propicia diferentes situações de uso da língua alvo e dessa forma, torna-se uma estratégia de aprendizagem flexível e eficiente.

Em aulas de línguas é comum o termo “conversação” compreendido como uma habilidade comunicativa a ser desenvolvida em outra língua. Em sua pesquisa, Weiss (2007) ao procurar compreender as diferenças entre as interações em classe e extraclasse, estabelece uma diferença entre os termos “conversação” e “conversa”. Segundo a docente, a conversação está atrelada a situações controladas de uso da língua, as quais possuem como objetivo a prática de um determinado aspecto da língua, seja ele um tempo verbal, vocabulário, etc. Além disso, os participantes possuem uma ordem e um tempo para falar. A conversa, por outro lado, possui um caráter social, no qual não há pré-estabelecimento de um tema, nem da duração ou organização dos turnos de fala. A conversação cumpre, mais objetivamente, uma função didática quando comparada a uma conversa.

O que estava ocorrendo nas aulas estava muito mais próximo de uma conversa que de uma conversação, visto que, não havia nenhum tipo de planejamento prévio para aquelas interações. Essa informação é relevante para corroborar com a nossa opção pelo uso de *Frame de Conversa* e não *Frame de Conversação*. O *Frame de Conversa*

é aquele já conhecido por todos, sem que haja nenhum tipo de organização prévia de seus acontecimentos.

A pesquisa empreendida por Weiss (2007) impulsionou o interesse em observar a construção da IF no discurso, no contexto de ensino/aprendizagem de Português como L2, em especial, devido à emergência do *Frame* de Conversa ocupando um papel central no contexto analisado. Na seção seguinte, trataremos das hipóteses iniciais fomentadas também a partir da leitura de Pascual (2014).

5.3 Hipóteses iniciais

A investigação empreendida nesta pesquisa partiu da premissa de Pascual (2014), segundo a qual, professores fazem uso do padrão pergunta-resposta como um organizador do discurso. Ao lançar mão dessa estratégia comunicativa, animam tanto sua própria voz, quanto a voz do interlocutor (nesse caso, o discente), antecipando possíveis dúvidas.

O exemplo dado por Pascual (2014, p.52): “Why? Because...”, para ilustrar esse padrão comunicativo ocorreu no *corpus* analisado, sendo realizado pela professora, como será detalhado no excerto 2.10 (p. 71) na seção de Análise Pontual. Importante ressaltar que esse mesmo padrão comunicativo atende a outros propósitos. Além de antecipar uma possível dúvida pode por exemplo, introduzir um tópico, foco, sentenças relativas e condicionais (PASCUAL,2014, p.40).

A partir dessa premissa o foco da investigação desta pesquisa, se tornou o mapeamento de outras instâncias de Interação Fictiva além do padrão pergunta-resposta já atestado por Pascual (2014) que pudessem ser produtivas no mesmo contexto.

Partindo da hipótese inicial que procura observar quais são essas instâncias e como elas são utilizadas dentro do discurso, isto é, quais são os propósitos a serem alcançados com o uso da IF, partimos para uma segunda questão relativa aos participantes que fazem uso do fenômeno. A princípio, baseados em uma concepção

de aula expositiva, acreditávamos que a IF se apresentaria apenas na fala da professora que deteria a maior parte do turno de fala.

Entretanto, durante a análise dos dados observamos que as aulas não possuem um forte caráter expositivo, sendo comum, a participação dos alunos e as discussões realizadas em grupo. Com isso, a IF mostrou-se recorrente, também, na fala dos alunos em instâncias diversas e procurando a atender propósitos diversos.

Ao fim, procuramos investigar e listar os padrões formais e funcionais encontrados na análise, buscando compreender de que forma eles contribuem para a construção do conhecimento.

Diversos autores já abordaram a questão da universalidade do *Frame* de Conversa. Então utilizamos um cenário composto por alunos de diversas nacionalidades, como uma forma de verificar, em certa medida, a utilização desse *frame* para estruturar o pensamento, o discurso e a gramática (PASCUAL, 2006, 2014, 2016) e conseqüentemente, contribuir com a tendência de se observar seu grau de universalidade, sem que se façam afirmações de grandes proporções generalizantes.

A seguir, faremos uma descrição do cenário, dos participantes, das aulas gravadas e dos dados empregados na análise.

5.4 Cenário e Participantes

Os áudios foram coletados no período de agosto a setembro de 2017, em uma turma de Português para Estrangeiros, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. As aulas aconteciam às segundas e quartas, das 17h às 18h:40, totalizando cerca de 1 hora 40 minutos por aula. As gravações realizadas em duas aulas possuem cerca de 1 hora e 20 minutos cada uma, pois foram desconsiderados os momentos iniciais, nos quais os alunos estão chegando e se organizando para o começo da aula, assim como os momentos finais, quando a professora encerrava a aula e os alunos se organizavam para sair da sala. Consideramos como início da aula o momento em que a docente cumprimentava os alunos e estabelecia o tema e os procedimentos da aula em questão.

A turma possuía cerca de 25 alunos, mas com uma frequência inconsistente. Todos adultos, com diferentes níveis escolares, de diferentes partes do mundo, com diferentes níveis de proficiência em Língua Portuguesa e com diferentes propósitos em sua vinda para o Brasil. Além dos discentes havia dois bolsistas brasileiros que acompanhavam as aulas auxiliando quando necessário.

A coleta de dados foi feita no segundo semestre da disciplina Português para Estrangeiros, isto é, grande parte dos alunos já se conhecia e já tinha estudado por um semestre a língua com a professora, ficticiamente chamada nesta dissertação de Desirée. Essa informação sobre a sequência de semestres é relevante, pois em uma reunião com a professora, ela me informou que alguns alunos passam por um período de silêncio, no qual, por diversos motivos, como vergonha ou conhecimento insuficiente, calam-se perante às discussões empreendidas em sala. Contudo, não foram observados casos como esses durante a coleta de dados, talvez em função de a turma estar em uma segunda fase de aprendizado da língua.

As aulas apresentavam um clima amistoso sendo comum conversas entre os alunos, em Língua Portuguesa, no começo e no final das aulas. Durante as aulas, havia colaboração entre participantes, bem como um sentimento de solidariedade entre todos os que estavam ali, o que se reflete nos dados. É possível que isso se relacione ao fato de que os estrangeiros costumam se agregar em função de estarem fisicamente distantes de seus países de origem.

A diversidade das nacionalidades dos participantes foi de grande importância na pesquisa. Apresentaremos, então, uma tabela contendo o nome fictício de cada participante e a nacionalidade verdadeira de cada um deles que aparecem nas duas aulas analisadas:

Tabela 1: Participantes e nacionalidades

Participante	País de origem	“Função”
1. Ágata	Rússia	Aluna
2. Arlete	Venezuela	Aluna
3. Arnaldo	França	Aluno
4. Camile	Venezuela	Aluna
5. Desirée	Brasil	Professora
6. Ícaro	Índia	Aluno
7. Izabelle	Peru	Aluna
8. João	Namíbia	Aluno
9. Jorge	Peru	Aluno
10. Karen	Peru	Aluno
11. Lavínia	Brasil	Bolsista
12. Leila	Colômbia	Aluna
13. Mafalda	França	Aluna
14. Maurício	Venezuela	Aluno
15. Paulo	Peru	Aluno
16. Ramon	Brasil	Bolsista
17. Sandro	Coréia do Sul	Aluno
18. Yan	Japão	Aluno
19. Yago	Venezuela	Aluno

Com a tabela acima, podemos notar que há um representante dos países Rússia, Índia, Namíbia, Colômbia, Coréia do Sul e Japão; dois representantes da França; quatro representantes da Venezuela; quatro representantes do Peru e, três representantes do Brasil, totalizando 19 participantes nas 2 aulas gravadas e transcritas para fins de análise. Devemos notar também que a maior parte dos alunos é falante de espanhol e isso está refletido na transcrição, pois diversas vezes há uma mistura entre as línguas portuguesa e espanhola na fala dos alunos. Ocorrem também algumas manifestações em inglês, mas essas foram bem pontuais e não se mostram relevantes na leitura dos dados. Não houve ocorrências de outras línguas.

A professora Desirée é falante nativa de Português e, como segunda língua, de Inglês. Em alguns poucos momentos ela recorre ao inglês ou a alguma palavra do espanhol para explicar algo para os alunos. Essa prática não se mostrou recorrente nos dados.

Conforme dito anteriormente, a nacionalidade dos participantes foi essencial neste estudo para ilustrar a diversidade linguística desta pesquisa, visando à observação do uso do *Frame* de Conversa e da IF como um possível indicador do fenômeno como um universal linguístico.

5.5 Dados

Antes de iniciar as gravações das aulas, houve uma reunião com a professora e posteriormente com os alunos, na qual, foi solicitada a permissão para as gravações e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de todos os presentes na sala. Ainda nessa primeira conversa, tratou-se superficialmente sobre a pesquisa, para que não houvesse nenhum tipo de interferência que tornassem os dados enviesados.

Levando isso em consideração, foram gravadas duas aulas, aleatoriamente, sem aviso prévio à professora (isso foi conversado anteriormente e autorizado) para que não houvesse nenhum tipo de preparação exclusiva para a gravação que pudesse comprometer a naturalidade dos dados.

As duas aulas possuem temas e andamentos diferentes entre si e não são sequenciais. A língua usada durante toda a aula é o Português e, como dito anteriormente, houve poucas manifestações em Inglês e Espanhol.

Passaremos, neste momento, a uma breve descrição das aulas analisadas.

- Aula 1: tem início com a apresentação da aluna Mafalda, de origem francesa, sobre uma lenda de seu país (essa era uma tarefa prevista em uma aula anterior). Em seguida, a professora retoma as ideias principais de um texto lido em sala de aula, cujo tema era a vida em um país estrangeiro, para promover uma “roda de conversa” entre os alunos, na qual eles deveriam relatar suas experiências como alunos estrangeiros. Os alunos foram convidados a falar sobre as maiores dificuldades enfrentadas em outro país, em um tom informal, fazendo uso da Língua Portuguesa. As carteiras estavam dispostas em um círculo.
- Aula 2: difere-se completamente da aula 1, por ser uma aula expositiva de caráter gramático-textual com uma menor participação dos alunos, quando comparada à anterior. A docente inicia a aula justificando a escolha do tema após revisar algumas produções escritas dos alunos e perceber a ausência de

elementos que estabelecessem relações lógicas entre as sentenças. Nessa aula, as carteiras ficaram dispostas em fileiras.

Uma característica comum às aulas é a escolha de temas que fomentam discussões baseadas em experiências pessoais dos alunos. É uma estratégia que além proporcionar um uso real da língua faz com que todos tenham algo a dizer, garantindo dessa forma, uma prática da habilidade oral. Ao se identificarem com um tema os alunos empreendem grande esforço para defender seu ponto de vista. Isso os leva a lançarem mão de estratégias, como a IF e a cooperação interacional para expor suas opiniões.

Em alguns momentos da transcrição observamos os alunos recorrerem a palavras em Inglês e Espanhol. Foram demarcadas também na transcrição traços de sotaque dos alunos, tal como a pronúncia do “r” pelos alunos franceses, o ordenamento sintático, as escolhas lexicais e as pronúncias mais proeminentes. Optamos por transcrever dessa forma para manter, na medida do possível, a identidade com a nacionalidade desses alunos.

Com relação aos procedimentos de gravação e transcrição, as aulas foram gravadas com o auxílio de um aplicativo de gravação de voz, em um celular modelo Motorola G3. A gravação possui uma qualidade satisfatória e foi transcrita com base no modelo Jefferson (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974) de transcrição.

Nem todas as convenções de transcrição do modelo Jefferson foram seguidas, por entendermos que não eram cruciais ao objetivo pretendido na análise. A tabela com as convenções utilizadas segue abaixo:

Tabela 2: Convenções de transcrição (Modelo Jefferson)¹⁰

.	Entonação descendente
?	Pergunta
,	Entonação de continuidade
↑	Mais agudo
↓	Mais grave
Palavr-	Marca de corte abrupto
Pala::vra	Prolongamento do som (maior duração)
palavra	Sílaba ou palavra enfatizada
PALAVRA	Intensidade maior ("volume" alto)
° palavra °	Intensidade menor ("volume" baixo)
>palavra<	Fala acelerada
<palavra>	Fala desacelerada
=	Elocações contíguas, sem intervalo
[]	Início e fim de falas simultâneas/ sobrepostas
(2,4)	Medida de silêncio (em segundos e décimos de segundo)
(.)	Menos de 1 segundo
()	Fala que não pôde ser transcrita
(palavra)	Transcrição duvidosa
((olha para baixo))	Descrição de atividade não-vocal/comentários do transcritor

5.6 Procedimentos Analíticos

A análise teve início com a leitura do *corpus*, sem acesso ao áudio, realizando-se o mapeamento das ocorrências mais emblemáticas de IF, já descritas na literatura. Tais ocorrências foram identificadas no excerto através de um sublinhado na cor laranja, conforme exemplo abaixo:

218 Mafalda É::: a primeira vez que foi fora do país tinha dezenove
 219 anos, e::: e-eu estava nos estados unidos no país da
 220 França tem sete horas diferença. quando você tem
 221 problema mamãe não tá mais aqui ela tá dormindo. então
 222 você tá ligando, mãe tenho problema de barriga, como faz?

¹⁰ Retirado e adaptado de GARCEZ, P. de M.; BULLA, G. de S.; LODER, L.L. *Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos*. DELTA, v.30, n.2,2014.

223 problema de:::qualquer coisa de saúde eu tava acostumada
 224 a::: ligar ou ter problema com::: qualquer coisa da
 225 administração, você::: você tem que fazer todas as coisas
 226 sozinho °sabe?° então isso [eu acho que é a dificuldade]

Em um segundo momento foi feita a leitura do *corpus* em concomitância com a oitiva, para que pistas discursivas, como a prosódia, fossem verificadas e pudessem constituir como evidência ao fenômeno. Por esse motivo, os excertos são acompanhados pelo trecho da gravação de áudio. Durante a análise, percebemos que a oitiva é fundamental para a circunscrição do propósito comunicativo empregado na utilização de IF.

Os excertos foram selecionados considerando o contexto discursivo no qual o fenômeno está inserido, tanto anteriormente, quanto posteriormente. Levando isso em consideração, os tamanhos dos excertos analisados são diferentes.

Mesmo as ocorrências semelhantes entre si foram selecionadas para a análise para observarmos a construção do fenômeno dentro do discurso, um dos objetivos da análise. Ocorrências podem mostrar construções similares, mas propósitos comunicativos diferentes.

Além das manifestações de IF, foram relatadas, para efeito de comparação, ocorrências de discurso reportado, marcadas com um sublinhado azul, como mostrado no excerto abaixo, no qual, a IF está marcada em laranja e o discurso reportado em azul:

917 Desirée e:::xatamente. exatamente né? e é o preço que a gente paga
 918 por sair (.) quando a gente nunca saiu, a gente não sabe o que
 919 é ser daquele país né (1,0) a gente nunca saiu de lá (.) no dia
 920 que a gente sai fala olha ser brasileiro então é assim né? (.)
 921 igua- a primeira vez que olharam pra minha cara em em niterói
 922 (.) falaram assim você é mineira né? (.) eu falei por que você
 923 acha isso? ah, seu jeito. °totalmente diferente° aí eu falei,
 924 uai, como assim?

Apesar de não ter sido alvo de investigação desta pesquisa, o discurso reportado mostrou-se relevante para a contraposição com a IF, além de servir como evidência ao padrão discursivo que diferencia os fenômenos dentro do discurso.

Um dos pontos da investigação é a construção do fenômeno e de que forma ele contribui para o processo de ensino/aprendizagem. Por isso, optamos por analisar os excertos na ordem em que eles aparecem. Dessa forma, estabelecemos um encadeamento lógico na análise, facilitando a compreensão do leitor sobre a construção da aula em questão.

Por fim, ressaltamos que a escolha metodológica foi uma mescla das abordagens *corpus-based* e *corpus-driven* e que, por isso, apesar de termos partido de uma teoria em direção aos dados, não descartamos as ocorrências que apareceram durante a leitura e análise.

6. Análise Pontual

Este capítulo apresenta análise e discussão da emergência de manifestações sequenciais de instâncias específicas de Interação Fictiva, tais como a Exemplificação em Discurso Direto Fictivo e o padrão Pergunta-Resposta, nas duas aulas de Português para Estrangeiros, sendo que o primeiro, nesta análise, atua como formas de conceptualizar: atividade, sensação, compreensão repentina (ou *insight*), postura ou atitude, admiração, saudação, pedido de informação, indignação e explicação a serem descritos na seção de análise global. Trata-se de uma seção qualitativa que visa, principalmente, a investigar os usos e os propósitos comunicativos do fenômeno em um contexto de ensino/aprendizagem de Português como L2.

As ocorrências mapeadas nessa seção se apresentam como elementos favoráveis ao entendimento do fenômeno da Interação Fictiva como um universal linguístico (Pascual, 2014), visto que o *corpus* lida com informantes de diferentes partes do mundo que possuem um objetivo comum: a aprendizagem da Língua Portuguesa. Além disso, os achados corroboram com a hipótese inicial, segundo a qual a IF atuaria como uma estratégia eficaz no processo de ensino /aprendizagem.

A análise das manifestações do fenômeno nos permite observar que o *Frame* de Conversa veicula informações de natureza verbal e emocional tornando o evento em

questão mais vívido, por meio da teatralização¹¹. As instâncias ocorrem em projeções de espaços mentais que parecem promover maior engajamento dos participantes e, conseqüentemente, maior identificação com a situação que está sendo proposta naquele momento.

A divisão dos excertos se deu a partir das manifestações do fenômeno, considerando seu caráter discursivo, sendo, portanto, importante observar os turnos que precedem e que sucedem o fenômeno. A escolha dos trechos levou ainda em consideração, a relevância das informações para a análise, justificando-se o fato de que os trechos possuem tamanhos diferentes.

Por vezes será utilizado como procedimento analítico, a explicitação de um cenário para a contraparte factiva da ocorrência, como forma de observar os elementos (ou a falta de) que propiciam a emergência da fictividade.

Objetiva-se a análise de ocorrências que sejam relevantes para a construção do domínio discursivo de sala de aula tendo como base instâncias do fenômeno da Fictividade, em especial, a Interação Fictiva, de forma a comprovar se, de fato, o fenômeno pode atuar como uma estratégia de ensino/aprendizagem.

6.1 Aula 1

A primeira ocorrência de IF acontece no momento da aula em que os alunos compartilham suas experiências acerca do que é estar distante de seus países de origem. Eles estão respondendo à questão inicial proposta pela professora, sobre as condições do estrangeiro fora da terra natal. Nesse contexto, a aluna Mafalda, de origem francesa, relata sua experiência:

Excerto 1.1 (13:47 – 14:27):

216 Mafalda eu acho que precisa maturidade também
217 Desirée Maturidade

¹¹ Compreendemos teatralização aqui como uma encenação da situação que está sendo descrita ou referida.

218 Mafalda É::: a primeira vez que foi fora do país tinha dezenove
 219 anos, e::: e-eu estava nos estados unidos no país da
 220 França tem sete horas diferença. quando você tem
 221 problema mamãe não tá mais aqui ela tá dormindo. então
 222 você tá ligando, mãe tenho problema de barriga, como faz?
 223 problema de::: qualquer coisa de saúde eu tava acostumada
 224 a::: ligar ou ter problema com::: qualquer coisa da
 225 administração, você::: você tem que fazer todas as coisas
 226 sozinho °sabe?° então isso [eu acho que é a dificuldade]

No relato da aluna, observa-se que sua resposta à questão proposta pela professora gira em torno da manifestação de conflitos cotidianos que requerem necessidade de independência e autonomia de decisões, pois não há família por perto para oferecer suporte. Não é aleatório o fato de que a construção de sua resposta seja expressa como um caso de Exemplificação em Discurso Direto Fictivo, uma IF no nível sentencial, conforme Pascual (2014). Nas linhas 221 e 222 a aluna utiliza elementos do *Frame* de Conversa, como a suposição de um interlocutor do outro lado da linha telefônica, e o padrão pergunta-reposta, que leva a uma troca de turnos típica desse *frame*, para ilustrar sua afirmação anterior (linha 216), relativa à importância da maturidade.

A aluna parte de um relato pessoal, mas ao mesmo tempo assume que os colegas estrangeiros vivenciam ou já vivenciaram situação similar, o que é atestado na linha 222, com o uso do dêitico “você” que abarca todos aqueles que experienciam a distância de casa, inclusive ela mesma. Tal uso leva a uma interpretação mais genérica acerca do que está sendo dito, pois atribui um grau de impessoalidade ao enunciado. O dêitico “você” é seguido pelos verbos “estar” no presente e “ligar” no gerúndio, o que nos sugere que a situação é habitual.

A genericidade atribuída ao dêitico “você” em conjunto com o uso de verbos no presente e no gerúndio, atua como uma pista favorável à interpretação desse discurso direto, presente na linha 222, como fictivo. A impessoalidade do enunciado favorece a leitura de que Mafalda utilizou uma fala fictiva em lugar de reportar um discurso que de fato ocorreu.

Por outro lado, a contraparte factiva do enunciado levaria em consideração o uso do pronome pessoal “eu” ligado a verbos no passado (“eu liguei”), ou mesmo no presente (“eu ligo”), sendo dessa forma, um relato particular. Isso tornaria a fala mais

instanciada, de codificação existencial, diferente de uma perspectiva mais esquemática ou genérica, atribuída à IF da linha 222.

Outra evidência favorável à interpretação fictiva desse enunciado é a retomada, na linha 223, da aplicação pessoal do discurso. Há um deslocamento no centro dêitico, que deixa de ser genérico e volta a ser particularizado, com o uso do pronome “eu”, agora relatando situações mais específicas da vida de Mafalda.

Em resumo, tratamos a interação presente na linha 222 como fictiva, pois há um objetivo de servir como exemplo ao que está sendo defendido, sob ótica argumentativa. Ao recorrer a um dêitico genérico, como o “você”, a aluna projeta os ouvintes naquela cena criada, como uma forma de eles se identificarem com o que está sendo dito. Com isso, angaria atenção na tentativa de que haja adesão emocional por parte da audiência ao cenário que ela constrói.

Conforme Rocha (2018), em função de que tanto o Discurso Direto Canônico quanto o Discurso Direto Fictivo ocupam uma posição crucial na construção argumentativa do discurso, observa-se a tendência de que o primeiro representa uma fase discursiva de apresentação de problema e sua versão fictiva, outra, a de apresentação de uma solução, a contar com o padrão “Problema-Solução” (HOEY,2001). Portanto, o que Mafalda expressa na linha 222 espelhará uma solução, no sentido de que a princípio, antes de compreender a necessidade da maturidade, a solução era ligar para a mãe quando se deparava com algum problema.

Essa constatação de Rocha (2018) corrobora com a leitura de que o uso de IF nesse excerto não é aleatório. Ao empregar essa instância de Discurso Direto Fictivo, típico de IF, a aluna apresenta uma solução à questão proposta de forma mais objetiva, projetando os ouvintes na cena, para justificar sua colocação inicial. A IF nesse excerto carrega os elementos necessários à cena (tais como o uso de uma conversa telefônica, devido à distância, e um interlocutor capaz de ajudar) para que sirva como ilustração ao que está sendo dito. Ao dizer que há um grau de objetividade na IF presente nesse excerto, queremos dizer que o *Frame* de Conversa, em si, carrega os elementos necessários para se atingir o objetivo comunicativo, não sendo preciso

desdobrar cada parte do exemplo, como poderia ser feito, por exemplo, na contraparte factiva.

Ainda no contexto das dificuldades enfrentadas ao viver longe de seu país de origem, a aluna Mafalda, novamente, compartilhando sua experiência faz uso da Exemplificação em Discurso Direto Fictivo para conceptualizar uma situação:

Excerto 1.2 (48:17 – 48:38)

826 Mafalda [aprendeu a fazer] pão aqui.quando::: deixei a França. aprendeu a
 827 fazer comida, aprendeu a fazer pão porque minha mãe [()]=
 828 Turma [((risos))]
 829 Desirée [()]
 830 Mafalda = as padarias estavam fazendo. eu chego aqui não tem croissant
 831 não tem pão (),tenho que fazer.
 832 Desirée ((risos))
 833 Mafalda quando eu tenho que fazer (croissant), ai meu deus demora doze horas
 834 para fazer?
 835 Turma ((risos))

O excerto 1.2 se assemelha ao excerto 1.1, pois mais uma vez ocorre uma IF no nível sentencial (Pascual, 2014), ilustrando a situação através do uso de Exemplificação em Discurso Direto Fictivo, nas linhas 833 e 834. A aluna relata aos demais participantes que uma das coisas que precisou aprender a fazer sozinha, após deixar a França, foi *croissant* e comida. Mafalda faz uma pergunta fictiva (“ai meu Deus demora doze horas para fazer? ”) que imediatamente implica e, ao mesmo tempo abarca, uma resposta relacionada à necessidade de autonomia.

Na linha 833, temos um espaço mental aberto por uma oração subordinada iniciada pela conjunção condicional “quando”, sinalizando que se trata de uma condição necessária para que a ação descrita na oração seguinte (oração principal) seja realizada. Além disso, esse construtor de espaço mental situa os ouvintes em uma cena particular, diferente daquela em que eles estão.

Nas linhas 833 e 834, após a oração subordinada, temos a oração principal, realizada na forma de um Discurso Direto Fictivo. É importante observar que a oração principal, aquela que possui maior grau de relevância na sentença, é realizada por meio de uma

IF que não apresenta um verbo *dicendi* como “falo” ou “penso”, mas que podem ser inferidos. O sujeito da primeira oração é correferencial com o sujeito esquemático da segunda, visto que o sujeito da segunda não se realiza, embora esteja subentendido. A presença do conceptualizador¹² (Langacker, 2008, p.445) primário é subfocalizado no encaixe, mas sua presença é virtual.

A IF, nesse caso, possui um forte caráter retórico reforçando a teatralização, como se a cena estivesse sendo encenada naquele momento. A utilização desse recurso é respaldada pelo chamamento fictivo “ai meu Deus”, soando como uma conversa com determinado interlocutor (nesse caso, Deus). Esse chamamento fictivo ainda atribui à cena um sentimento de surpresa por parte do falante, conceptualizada através de um enunciado. Tal expressão “ai meu Deus” é caracterizada como chamamento fictivo, pois não se trata de uma invocação, tal como em uma oração, mas sim de uma forma de conceptualizar surpresa.

O apelo à teatralização parece acarretar nos ouvintes uma compreensão mais conceptualizável, sem truncamentos no discurso. Essa hipótese ganha força quando observamos a contraparte factiva: no lugar da IF a aluna poderia dizer “quando eu vou fazer croissant e me lembro de que leva 12 horas, fico surpresa”. Porém, a teatralização reúne mais informações acerca do que está sendo dito, tanto linguísticas quanto semânticas, devido ao conhecimento compartilhado sobre a situação que está sendo abordada, somados aos sentimentos envolvidos naquela cena, tornando-se mais similar à cena real, em relação à descrição (contraparte factiva) da mesma cena.

No excerto 1.3 abaixo, o chamamento fictivo “ai meu deus”, se repete em outro momento da fala de Mafalda, mais uma vez dentro da conceptualização de uma situação e uma sensação:

Excerto 1.3 (50:00 – 50:20): 

¹² Langacker (2008) compreende conceptualizador como aquele que compreende a proposição e a constrói com maior ou menor grau de objetividade, julgando seu status com respeito à sua concepção de realidade.

“It is C who apprehends the complement proposition, construes it with a greater or lesser degree of objectivity, and adjudicates its status with respect to C’s conception of reality.” (LANGACKER, 2008)

871 Mafalda uma coi- uma coisa também que é engraçada (.) que quando::: quando
 872 eu tô no brasil se sente muito francesa (.) mas quando volto pra
 873 França me sinto turista
 874 Turma ((risos))
 875 Mafalda quando chego na França, meu deus tudo lin:::do, arquitetura linda,
 876 esse céu
 877 Turma [((risos))]

O excerto 1.3 segue o mesmo padrão apresentado no excerto anterior: abertura de um espaço mental com uma oração subordinada temporal, introduzida pela conjunção “quando”, seguida pela oração principal, realizada por uma IF no nível sentencial. Mafalda recorre à Exemplificação em Discurso Direto Fictivo para ilustrar seu sentimento ao retornar à França, seu país de origem.

A projeção é estabelecida na linha 875 e se mantém na linha 876 devido ao uso do dêitico “esse” que aponta para uma cena que se situa em outras coordenadas espaço-temporais. Além de apontar para essa cena descrita, a presença do pronome “esse”, ressalta a teatralização empregada no enunciado, assim como no excerto 1.2, pois parece se aproximar mais da situação fictivamente manifestada do que da contraparte factiva, que poderia ser produzida através da descrição daquela situação (quando chego à França fico admirada com o céu e a arquitetura).

O que se destaca no excerto 1.3 reitera o que foi falado no excerto 1.2: por meio da IF, Mafalda enfatiza o recurso da teatralização, canalizando mais expressão de emoções (surpresa e admiração) que a contraparte factiva, visto promover não só a projeção dos ouvintes para a cena simulada, com coordenadas espaço-temporais distintas da atual, mas também a identificação de suas experiências de vida com o que está sendo relatado.

No início do excerto, nas linhas 871,872 e 873 a aluna Mafalda, como já se sabe, de origem francesa, expõe sentimentos em relação à sua experiência de ocupar uma espécie de entrelugar. Quando se encontra no Brasil, sente-se francesa, ao passo que, quando está em território francês, sente- se turista. Tal experiência como turista

em sua própria terra natal é ilustrada nas linhas 875 e 876 por meio da Exemplificação em Discurso Direto Fictivo, para reiterar o que ela já havia dito. Essa reiteração reforça a nossa hipótese acerca de que a IF contribui para promover projeções de identificação nos interlocutores, visto que é mais vívida e teatralizada, tendo, portanto, mais apelo às emoções.

O chamamento fictivo “meu Deus”, presente mais uma vez, atua como abordagem de um interlocutor fictivo, por conta do uso do *Frame* de Conversa e não como, de fato, uma invocação por meio de oração. Tal chamamento fictivo, na verdade uma expressão de surpresa, além de reiterar a noção de que o *Frame* de Conversa está sendo empregado naquele enunciado, também reitera a noção de teatralização, como um meio de demonstrar que uma Exemplificação em Discurso Fictivo tem a propensão de tornar o discurso mais projetivo e identificável, para os demais participantes, no processo de produção e interpretação do sentido. Tal observação em relação ao chamamento fictivo, também se estende ao excerto anterior.

Ainda nesse tópico da aula, no excerto 1.4, imediatamente seguinte ao excerto 1.3, a professora Desirée relata aos alunos sua experiência ao morar 11 anos em uma cidade diferente daquela onde ela nasceu:

Excerto 1.4: (50:25 – 52:17):



878 Mafalda [()]
 879 Desirée é verdade é verdade (1,0) sabe que eu passei por esse
 880 [processo] =
 881 João [()]
 882 Desirée = simplesmente porque eu morei (1,0) quase onze anos, fora de
 883 juiz de fora (.) eu num morei fora do brasil. mas eu morei em
 884 niterói (.) sete anos eu acho ou oito e depois eu morei três
 885 anos em itaipava (.) que é::: ↑É perto e eu vinha toda semana
 886 (.) mas eu me acostumei a fazer compra lá, a ter mé:::dico
 887 dentista (.) é::: comprar roupa, fazer un:::ha, coisa de
 888 menina né? cotidiano. eu conhecia o supermercado de Niterói
 889 todinho (.) aí eu voltei pra juiz de fora, <perdida>
 890 Turma ((risos))
 891 Desirée eu olhava, cadê a loja? (.) a loja acabou Desirée. há anos
 892 você não percebeu? Eu falei não. Porque eu só vinha em
 893 juiz de fora rápido (.) e eu vinha pra trabalhar (.) então
 894 quando eu chegava em juiz de fora, eu chegava aqui dentro
 895 i:::sso aqui era juiz de fora pra mim. isso e meu apartamento
 896 que eu tinha aqui. mas entrava no apartamento >comia, tomava
 897 banho e dormia, acordava e vinha pra universidade< e daí eu
 898 pe-pegava minha bolsinha porque eu tinha dois guarda roupas

899 (.) dois de tudo na minha vida (.) e::: voltava pra minha
 900 outra casa em outra cidade. né? quando eu cheguei só em juiz

906 Desirée você é daqui. falei é eu sou, acho que eu sou. mas né:::

907 mas eu demorei um tempo pra me tornar juizdeforana cem por

908 cento outra vez (.) isso é muito muito muito curioso

901 de fora, ma foi muito esquisito. eu entendo o que você quer

902 dizer. >eu falava assim< gente que prédio legal né? olha essa

903 loja aí as pessoas te olham assim::: ma:::s você não é daqui?

904 ((risos))

905 Turma ((risos))

O trecho selecionado relata a experiência da professora Desirée de morar por quase onze anos fora da cidade de Juiz de Fora e, principalmente, seu retorno após esse tempo. No intervalo que compreende as linhas 878-889, a docente descreve sua rotina e seus hábitos na cidade de Niterói e então, descreve sentimentos relativos à sua volta.

Mais uma vez observamos que a parte que contém as informações mais relevantes naquele discurso são inseridas através da Exemplificação em Discurso Direto Fictivo. O excerto 1.4 é imediatamente seguinte ao excerto anterior (1.3), no qual a aluna Mafalda expõe sentimentos em relação à sua experiência de ocupar uma espécie de entrelugar e, por isso, o enunciado nas linhas 879-880 (“é verdade é verdade (1,0) sabe que eu passei por esse processo”), sugere que será feito um relato similar ao anterior que recorre, inclusive, à mesma estratégia comunicativa (IF) empregada pela aluna.

No trecho que compreende as linhas 882-889 Desirée resume os acontecimentos precedentes à sua volta a Juiz de Fora, estabelecendo a cena, na linha 889 (“aí eu voltei pra Juiz de Fora, perdida”). A partir de então, nas linhas 891-892, 902-903 e 906 são inseridos exemplos por meio da IF, de forma a ilustrar sua afirmação anterior (linha 889).

A primeira instância de Exemplificação em Discurso Direto Fictivo é inserida pelo sujeito “eu” acompanhado do verbo “olhar” no passado, na linha 891, que atua como

um construtor de espaço mental, situando os ouvintes em outra cena. Nesse contexto, “eu olhava”, também introduz uma fala reportada, na qual Desirée anima, nas linhas 891 e 892, os papéis tanto de falante quanto de interlocutor (“cadê a loja? (.) a loja acabou Desirée. há anos você não percebeu? Eu falei não”). Não há nesse trecho e em nenhuma parte do excerto, alguma pista (como menção a alguém, atribuição do enunciado a outra pessoa ou flexão verbal) que sinalize a presença de um interlocutor real nas cenas que são descritas, por isso, reforça-se a tendência de que seja uma Interação Fictiva.

A cena pode ter ocorrido factivamente com a presença de um interlocutor real, mas quando analisamos a fala de Desirée, nas linhas 891 e 892, vemos que houve uma opção em reportar o discurso a partir de uma perspectiva fictiva, na qual além do enunciado, veiculou-se também o conteúdo expressivo a respeito de se sentir perdida em um lugar que antes era bem conhecido por ela. A fala introduzida após o construtor de espaço mental, “eu olhava”, resume a sensação descrita pela falante, de procurar por algo, mas com uma carga emocional, apelando para a teatralização já mencionada anteriormente, como uma forma de tornar a experiência mais vívida.

A segunda ocorrência de IF, nesse excerto, ocorre nas linhas 902-903 e é introduzida pelo sujeito “eu”, seguido do verbo *dicendi* “falar” no passado, e do advérbio “assim”, que juntos atuam como um construtor de espaço mental. Essa ocorrência pode ser dividida em duas partes. A primeira parte (“gente que prédio legal né? olha essa loja”) remete à cena descrita por Mafalda, no excerto 1.3, quando essa descreve sua reação ao voltar à sua terra natal. Desirée produz uma descrição semelhante, compartilhando da experiência da aluna e, ilustrando sua afirmação, nas linhas 901-902 (eu entendo o que você quer dizer).

Para reforçar a ideia de que se trata de uma IF, recorreremos a Rocha e Arantes (2016) que tratam de algumas pistas que sinalizam a presença de um Discurso Fictivo e, uma dessas pistas, se encontra na presença de vocativos retóricos, como o “gente”. A presença desse vocativo contribui para uma leitura fictiva, pois não se refere a uma entidade genuína, mas sim, possui um caráter argumentativo, usado para adicionar drama (p. 256). Além disso, o verbo *dicendi* “falar”, em uma leitura fictiva, é usado no

lugar do verbo “pensar”, estruturando seu estado mental e emocional através de um diálogo.

A segunda parte mencionada se encontra nas linhas 902,903 e 906 (“aí as pessoas te olham assim: mas você não é daqui [...] você é daqui. Falei é eu sou. Acho que eu sou”). Essa segunda parte trata de um típico uso de IF à medida que atribui um enunciado fictivo a interlocutores também fictivos, utilizando-se do *Frame* de Conversa, como se a reação dos outros tivesse sido necessariamente de natureza linguística. Por ser uma reportagem fictiva, a percepção de Desirée acerca do estranhamento dos outros frente à sua reação, pode ter sido captada por reações gestuais e corporais.

Para dar conta disso, Desirée simula uma conversa fictiva, a fim de estruturar seu discurso para os demais participantes da aula e demonstrar a eles, de modo linguisticamente dramático, o alto grau de surpresa das pessoas ao vê-la se comportando como uma turista na cidade onde ela nasceu e morou por muito tempo.

O próximo excerto conta com um exemplar de Interação Fictiva como conceptualizador de uma reação, em tom de *insight*, e contrapõe dois fenômenos muito similares em sua forma: Interação Fictiva e Discurso Reportado Canônico.

Excerto 1.5 (52:56 - 53:35): 

917 Desirée e:::xatamente. exatamente né? e é o preço que a gente paga
 918 por sair (.) quando a gente nunca saiu, a gente não sabe o que
 919 é ser daquele país né (1,0) a gente nunca saiu de lá (.) no dia
 920 que a gente sai fala olha ser brasileiro então é assim né? (.)
 921 igua- a primeira vez que olharam pra minha cara em em Niterói
 922 (.) falaram assim você é mineira né? (.) eu falei por que você
 923 acha isso? ah, seu jeito. °totalmente diferente° aí eu falei,
 924 uai, como assim?

O excerto 1.5 nos permite observar a ocorrência de dois fenômenos similares, mas que possuem efeitos distintos no discurso: A Interação Fictiva (Discurso Direto Fictivo, mais especificamente), nas linhas 919 e 920, sublinhado em laranja, e o Discurso Reportado, nas linhas 922,923 e 924, sublinhado em azul.

A IF nas linhas 919 e 920 ocorre introduzida pelo verbo *dicendi* “falar” seguido de um enunciado fictivo (“olha ser brasileiro então é assim né”). A interpretação do enunciado como fictivo tem início com a contextualização feita nas linhas 918 e 919 (“quando a gente nunca saiu, a gente não sabe o que é ser daquele país né”) que atua como um construtor de espaço mental, no qual os interlocutores são projetados.

O Discurso Direto Fictivo em questão, nas linhas 919 e 920, atende ao propósito de conceptualizar a sensação de se descobrir pertencente a um determinado país, através de um enunciado, que não possui um interlocutor factivo, podendo ser interpretado nesse caso como um diálogo interior. Essa sensação descrita por meio do *Frame* de Conversa pode ter sido captada por meio de situações e experiências que culminaram nessa percepção repentina (ou *insight*).

Desirée faz uso de um Discurso Direto Fictivo, nas linhas 919 e 920, marcado pela genericidade presente tanto no uso do pronome “gente” quanto do adjetivo “brasileiro” que poderia ser substituído por qualquer outra nacionalidade, visto tratar-se de um exemplo. A genericidade desse enunciado proporciona um maior grau de identificação dos interlocutores com a cena descrita, já que se trata de um contexto no qual diversas nacionalidades interagem.

Nas linhas 922-924 temos a ocorrência de um Discurso Reportado Canônico, sublinhado em azul, para contrastar com a instância de IF. Rocha e Coutinho (2016) apontam que um dos primeiros indícios na marcação do Discurso Reportado é o léxico sintático, refletido nos verbos *dicendi* ou outra expressão que indique citação, licenciando diferentes vozes para serem introduzidas e interpretadas.

Na linha 921, Desirée contextualiza a cena (“a primeira vez que olharam para minha cara em Niterói”). E, na linha 922, introduz o Discurso Reportado com o verbo “falar” na 3ª pessoa (falaram), sinalizando uma citação e atendendo aos primeiros indícios apontados por Rocha e Coutinho (2016), mencionados no parágrafo anterior.

Apesar de serem parecidos, IF e Discurso Reportado diferem quanto ao seu propósito dentro do discurso. Rocha (2018) ressalta que o estabelecimento de diferenças entre

um e outro cabe a informações de caráter discursivo (enquadre factivos ou fictivos), prosódico e dêitico. Ao observarmos o trecho relativo ao Discurso Reportado, nas linhas 922,923 e 924, vemos que o dêitico “você” aponta para a cena em que o discurso ocorreu e não para a cena de sala de aula, isto é, Desirée se refere ao falante como “você” e não, como “ele” ou “ela”, não havendo, portanto, uma incongruência dêitica, típica dos Discursos Diretos Fictivos.

Conforme apontado no excerto 1.1, Rocha (2018) constata que em função da posição crucial na construção argumentativa do discurso, ocupada tanto pelo Discurso Direto Canônico, quanto o Discurso Direto Fictivo, há uma tendência de que o primeiro represente uma fase discursiva de apresentação de problema e o segundo represente a apresentação de uma solução, como já foi mencionado. No excerto 1.5 esse padrão “Problema-Solução” fica evidente, reforçando a hipótese de Rocha (2018). Nas linhas 922-924 há a manifestação de um problema: saber de onde Desirée é, já que ela não parece ser de Niterói. Já nas linhas 919-920 há a manifestação de uma solução: encontrar-se como cidadão pertencente a um país, no exemplo mencionado, o Brasil.

6.2 Aula 2:

As manifestações de Interação Fictiva na segunda aula analisada têm início com um caso de Exemplificação em Discurso Direto Fictivo, como podemos observar no excerto 2.1 abaixo:

Excerto 2.1 (06:52 – 07:12):

065 Desirée eu to dizendo, quando eu falo eu fui pra espanha,pra frança nada de
 066 importante. mas se eu estou com vontade de virar e falar assim, ai
 067 eu sou chic eu falo eu fui pra espanha e também pra frança. Faço
 068 com a mãozinha assim

O excerto 2.1 apresenta a professora Desirée utilizando uma instância de IF para tratar das diferenças de significado entre as conjunções “e” e “e também”. Nas linhas 066 e 067, ao enunciar “mas se eu estou com vontade de virar e falar assim, ai eu sou *chic*”, temos a conceptualização da postura de ser uma pessoa que possui requinte e

sofisticação, através de uma instanciação de IF intrassentencial. O enunciado “eu sou *chic*”, dessa forma, serve como uma expressão para enfatizar o que será dito.

A interpretação da ênfase veiculada nesse enunciado (“virar e falar assim, ai eu sou *chic*”) é corroborada na linha 068, com a frase “faço com a mãozinha assim”, a qual é reforçada por um gesto feito com a mão, por Desirée, como se a mão estivesse pendurada, similar à imagem abaixo:



Figura 3: Gesto “faço com a mãozinha assim”¹³

Trata-se de um gesto típico quando a cena “ser *chic*” está em questão e, no excerto analisado, torna-se um elemento que reforça a ênfase dada, atribuindo mais elementos à cena em questão.

Na linha 066, os verbos seriados “virar” e “falar”, em conjunto com o advérbio “assim”, neste contexto, sugerem uma leitura metafórica, podendo ser interpretados como “posicionar-se mentalmente” e “pensar”, respectivamente, pois remetem muito mais a uma postura que a uma fala, de fato. Rocha e Arantes (2016) sinalizam que construções desse tipo podem ter duas interpretações: a primeira relacionada a um Ato de Fala, e a segunda representando um pensamento sem, necessariamente,

¹³ Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=mostando+anel&hl=emBR&tbm=isch&tbs=rimg:CdZ7HL5AMRALljiYSAKcBRhHRRbueJGvJXC7_1h-JnZg170trfwmaBR5GP542YXNMGYMXy1dFC2AqVp6e-OQfKAOzbioSCZhlApwFGEdFEeSQe9nN4apUKhIJFu54ka8lcLsRESXSSuA7D9UqEgnH4mdmDXvsxF_1MJCcCN8SiCoSCWt_1CZoFHkY_1EfFtpy0XQRyJKhIJnjZhc0wZgxcRywwzMRJziVAqEgnLV0ULY CpWnhEA83NjnENqeyoSCZ745B8oA7NuEcr4GSqG_1MI1&tbo=u&sa=X&ved=2ahUKEwj9npCtjvjiAhUiC9QKHeF4DAsQ9C96BAgBEBw&biw=1366&bih=651&dpr=1#imgsrc=nvjkHygDs27giM: Acesso em 20 de junho de 2019.

envolver um Ato de Fala. Dessa forma, a interpretação do enunciado “mas se eu estou com vontade de virar e falar assim eu sou *chic*” está muito mais próxima de representar um pensamento, do que de um Ato de Fala. O significado do verbo “falar”, neste caso, se aproxima do significado de verbos como pensar, considerar, avaliar, julgar e apreciar (p.247).

Observamos, então, que a expressão “eu sou *chic*” tem a função de modelar o que será dito posteriormente, como uma contextualização para uma projeção em uma cena. O fato de usar a conjunção “e também” nesse contexto, além de enfatizar os lugares visitados, carrega em si uma interpretação relacionada a um *status* social privilegiado, segundo a professora. A interpretação sinalizada pela sentença “eu fui para a Espanha e também para a França” extrapolaria o campo estritamente linguístico, possibilitando também, uma interpretação social e cultural.

O fragmento mostra que a professora recorreu a autêntico exemplar de IF, manifestado por um caso de Discurso Direto Fictivo, para explicitar a diferença entre as conjunções. Entretanto, ela poderia ter codificado o conteúdo sem recurso ao metadiscurso. A IF além de acessar uma interpretação que agrega mais informações, principalmente por veicular emoções através da dramatização, serve como mais um elemento para promover a ênfase, visto que, a conjunção “e também” que já possui um caráter enfático, torna-se ainda mais enfática quando associada ao gesto com a mão, que busca reforçar a postura de requinte e sofisticação que se quer transmitir.

A ocorrência seguinte faz uso da IF para conceptualizar o sentimento de admiração, isto é, faz-se uso de um enunciado, uma parte do *Frame* de Conversa para explicar o que está sendo dito:

Excerto 2.2 (08:39 – 09:32): 

086 Desirée mais uma fã do yan, né? quando eu falo e ainda faz teatro, eu to,
 087 dizendo assim, isso é incrível. certo? isso é além do esperado. ta?
 088 se a se eu to contando viagem, eu posso falar assim eu sai do rio de
 089 janeiro de ca:::rro, passei (.) pelo nordeste todo, conheci todas as
 090 capitais e ainda deixei o carro e fui de avião até Manaus e voltei (.)
 091 o deixei o carro, fui até Manaus e voltei é um (.) extra certo? ta
 092 entendendo? bom.

A expressão conjuntiva explicada pela docente no momento em que o excerto 2.2 está inserido é “e ainda”. O excerto 2.2 mostra a professora Desirée utilizando o exemplo do aluno Yan para explicar tal conjunção. Trata-se de um aluno japonês muito tímido que surpreendeu ao se engajar em várias atividades na universidade e na cidade, como o teatro. A explicação do sentido sinalizado pela conjunção, e seu caráter enfático, ocorrem por meio de uma instância de IF em Discurso Direto. Em outros termos, o uso de “e ainda” é um recurso para valorizar a prática da atividade, por parte de Yan. E essa valorização se torna mais explícita quando a professora faz equivaler esse sentido valorativo utilizando-se da IF em “eu tô, dizendo assim, isso é incrível”.

Importante observar que se trata de uma escolha dentro do padrão discrepante de fictividade, visto que é possível promover a explicação por meio de sua contraparte factiva. O uso da IF condensa em si a parte mais relevante da explicação, aplicada a um cenário conhecido e possivelmente já vivenciado pelos indivíduos presentes naquela aula, ou seja, considerar algo como incrível. O uso da IF permite agregar ao mesmo enunciado seu contexto de aplicação, o sentido e o caráter enfático.

O excerto seguinte mostra a IF sendo usada para conceptualizar e contextualizar uma situação:

Excerto 2.3 (18:46 – 19:13): 

180 Desirée °ok?° (45,0) vamos ler junto? (2,0) quem já passou por essa situação?
 181 (.) a pessoa cumprimenta com um forte abraço, dizendo seu nome (.) e
 182 você não tem (a mais) >remota ideia de quem seja< (.) °quer dizer que
 183 você não sabe quem é° nem imagina (.) a pessoa fala seu nome, tudo
 184 bom, quanto tempo que eu não te encontro e fala fala fala ()
né?

Anterior ao excerto 2.3, a professora Desirée projetou um texto no quadro branco e pediu aos alunos que o lessem silenciosamente. Após 45 segundos, tem início o excerto 2.3, com a sugestão de Desirée de lerem o texto juntos, e uma pergunta factiva sobre se alguém já havia passado pela situação descrita no texto. A leitura do texto é intercalada com explicações sobre palavras, expressões e a situação abordada.

A leitura do texto em voz alta, pela professora, tem início na linha 181 e vai até a linha 182 quando é inserida a explicação da expressão “(a mais) remota ideia de quem seja”, que é julgada por Desirée como não conhecida pelos alunos. A explicação sobre essa expressão se estende até a linha 183 (“você não sabe quem é nem imagina”) quando há uma mudança prosódica, verificada por intermédio da oitava, que atua como um introdutor de espaço mental, projetando os alunos na cena que está sendo descrita pela professora. Para reforçar a situação que está sendo tratada no texto, a professora interrompe a leitura em voz alta, e faz uso da IF na linha 184 “a pessoa fala seu nome, tudo bom, quanto tempo que eu não te encontro e fala () né?”, novamente em formato de Discurso Direto Fictivo.

A professora usa o *Frame* de Conversa metonimicamente, de forma que apenas um turno da fala é suficiente para retomar toda a cena, isto é, não é necessária uma troca de turnos, mas sim, apenas uma parte que se destaque, em uma situação em particular, como é o caso do encontro de duas pessoas, que está sendo descrito. Esse uso proporciona aos alunos entenderem não só a situação, mas também o significado da expressão “(a mais) remota ideia de quem seja”.

Podemos dizer que houve uma projeção mental em uma situação social ordinária, portanto, conhecida por todos, o que torna a explicação conceptualizável e provoca uma identificação nos alunos, como pode ser comprovado perlocucionariamente, quando os alunos começaram a discutir soluções possíveis para esse tipo de situação, o que será discutido no excerto 2.5.

A leitura do texto projetado no quadro é então retomada por Desirée, em voz alta, após a linha 184, e segue até que uma expressão, posterior à transcrição desse excerto, causa dúvidas em uma aluna, não identificada na transcrição, que pergunta à professora Desirée o que é “traquejo social”. O excerto 2.4 trata da explicação dessa expressão e inicia a discussão sobre as possíveis soluções apresentadas pelos alunos para a situação descrita, através da conceptualização de saudações.

Excerto 2.4 (19:56 – 21:03):

196 Desirée é. socialmente. traquejo social, por exemplo, é quando você sabe se
 197 comportar em um jantar chique (.) ter que pegar o garfinho, fazer
 198 assim () né? é::: saber como se comportar com as pessoas, de um
 199 modo diferente. esse tipo de coisa. né? é::: se a outra pessoa lembra
 200 seu nome, provavelmente vocês já foram apresentados. e porque você
 201 esqueceu dela? (.) porque esqueceu né? você não lembra, não tem
 202 por que (.) a desculpa de memória péssima para nomes é uma desculpa
 203 desgastada, mas é verdadeira. assim como se referir a pessoa como
 204 querida ou querido. a gente faz oi querida. oi querido, tudo bom? né
 205 e a pessoa vai fazendo isso. **como você faz quando acontece?**

A partir da linha 196 até a linha 199 Desirée explica a expressão “traquejo social” para a aluna que a questionou durante a leitura. A professora, utiliza como exemplo a descrição factiva de uma situação, a partir da qual traquejo social poderia ser entendido, dentro de um contexto. Observamos que nesse caso, a explicação é feita sem recorrer a uma instanciação fictiva, estratégia já adotada em ocorrências anteriores.

Ao final da linha 199, tem início com “se a outra pessoa lembra”, a retomada da leitura do texto projetado no quadro, até chegar nas linhas 201 e 202, nas quais Desirée insere um comentário pessoal “porque esqueceu né? você não lembra, não tem por que”.

Após esse comentário a leitura do texto é retomada mais uma vez, da linha 202 até a 204, na qual, há também o início da IF introduzida pelo verbo “fazer”: “a gente faz oi querida. oi querido, tudo bom?”, e sinalizada pela mudança prosódica percebida na oitiva. O enunciado é tomado como fictivo devido à presença de expressões próprias do *Frame* de Conversa, fora de seu uso prototípico, isto é, as expressões não estão sendo usadas dentro de uma interação genuína de saudação, mas sim, como exemplos que procuram explicar o enunciado “assim como se referir a pessoa como querida ou querido” de forma aplicada, na situação em questão.

A linha 205 se encerra com uma pergunta factiva da docente “como você faz quando acontece?” direcionada a uma aluna de origem peruana, cuja resposta será abordada no excerto 2.5 e que servirá, como mencionado na discussão do excerto 2.3, para

comprovar perlocucionariamente que os alunos compreenderam a situação proposta. Os próximos três excertos ilustrarão as propostas dos alunos para essa situação.

Excerto 2.5 (21:05 – 21:33): 

206 Isabelle eu::: quando uma pessoa me cumprimenta=
 207 Desirée Uhum
 208 Isabelle =e eu não sei quem é=
 209 Desirée Uhum
 210 Isabelle = é::: eu sigo::: na conversa com ela
 211 Turma ((risos))
 212 Isabelle () de onde eu conheço ela? não sei não sei
 213 Turma ((risos))
 214 Isabelle só que ela () comenta alguma coisa que plim. ah sim o:::i

O excerto 2.5 é uma continuidade imediata do excerto 2.4. Trata-se da resposta da aluna Isabelle, de origem peruana, à pergunta factiva feita pela professora Desirée no final do seu turno de fala, no excerto apresentado anteriormente.

O que nos chama a atenção nesse excerto é que a aluna Isabelle optou pelo uso da mesma estratégia adotada pela professora, para explicar sua reação frente à situação discutida. Podemos perceber uma projeção mental na cena na linha 212, destacado em verde, quando Isabelle expressa um diálogo mental, percebido por meio da oitiva, como se, de fato, estivesse vivenciando aquela situação. Na linha 214, última de seu turno de fala, após o uso da onomatopeia “*plim*”, simbolizando uma percepção repentina, há uma mudança prosódica percebida na oitiva que introduz a IF “ah sim o:::i”.

Pascual (2014) aponta na seção de caminhos para futuras pesquisas (p. 270) que as crianças ao usarem a estrutura básica de conversa como uma estratégia comunicativa, recorrem, principalmente às onomatopeias. Em outras palavras, as onomatopeias integram o fenômeno da IF, já que se trata da estruturação de sons por meio de palavras.

O enunciado “ah sim o:::i” se caracteriza como fictivo, pelo mesmo motivo apresentado no excerto 2.4. Há o uso de uma expressão própria do *Frame* de Conversa, “oi”, mas com vistas a servir como exemplo e não como um cumprimento genuíno dentro de uma interação.

A expressão de cumprimento “oi” está sendo utilizada, nesse caso, como componente da cena descrita pela aluna, que remete ao fato, de que, em determinado momento da interação, ela se lembrou de quem é a pessoa e, a partir de então, engaja-se na interação consciente de quem é.

A pergunta feita por Desirée e a resposta dada por Isabelle suscita nos alunos possibilidades de solução para a questão tratada no texto (ser cumprimentado por uma pessoa que você não reconhece a princípio). O excerto 2.6 traz uma solução apresentada por Ramon, brasileiro e bolsista da professora da Desirée, que acompanhava as aulas. Entretanto, quem produz uma solução em IF é a aluna Ágata, de origem russa, nas linhas 58-61, quando conceptualiza pedido de informação.

Excerto 2.6 (24:11 – 24:51): 

252	Ramon	a tática que eu uso é <u>perguntar como é que tá seu sobrenome no facebook?</u> ai
253		a pessoa fala o nome e o sobrenome
254	Turma	((risos))
255	Desirée	bo:::a. <u>ai se a pessoa te responder, não não tenho facebook</u> (1,0)
256		<u>ai você () mas com qual nome você gostaria de fazer?</u>
257	Turma	((risos))
258	Ágata	ou <u>você::: pode::: dar seu número de telefone</u>
259		((falas simultâneas))
260	Ágata	<u>() porque portuquese portuquês é difícil para mim. pode</u>
261		<u>escrever ()</u>

O excerto 2.6, apesar de não ser imediatamente seguinte ao excerto anterior, está inserido no momento da aula, no qual a professora abre espaço para que os alunos falem de suas experiências, quando vivenciam essa situação.

Ao analisarmos o excerto 2.6 observamos que o aluno Ramon, na linha 252, ao compartilhar sua tática para a solução do problema, o faz através de um exemplar de Discurso Reportado Canônico, visto que, o emprego do verbo “usar” no presente, sugere habitualidade na ação. A professora Desirée então, na linha 255, contra-argumenta, através de um exemplar de Discurso Direto Fictivo, fazendo com que a solução compartilhada por Ramon se torne um discurso fictivo (“ai se a pessoa te responder: não, não tenho *Facebook*. Ai você: mas com qual nome você gostaria de fazer”).

Os enunciados de Desirée nas linhas 255 e 256, integram uma interação hipotética, para retratar um cenário, no qual a proposta de Ramon não é eficaz. Dentro dessa cena projetada, que se baseia na situação inicialmente proposta (encontrar com alguém, iniciar uma conversa, mas não se lembrar de quem é a pessoa), Ágata propõe, nas linhas 258, 260 e 261 uma solução através da Interação Fictiva, sem nenhuma sinalização prévia, algo que ainda não tinha se manifestado nos dados e que, portanto, torna o excerto relevante para nós.

Na linha 258, a aluna Ágata, de origem russa, propõe outra solução: pedir a pessoa que coloque seu número de telefone diretamente no celular dela, devido à sua dificuldade com a Língua Portuguesa.

A IF está sinalizada pelo uso do dêitico “você”, projetando sua solução em outro espaço mental, como se a cena estivesse ocorrendo naquele momento, e pela mudança prosódica, apesar de muito sutil, se comparada às outras. Nesse excerto, o espaço mental é introduzido diretamente com uma fala, o que ainda não havia ocorrido nos excertos analisados até aqui. O excerto 2.6 evidencia que a IF não só compõe o espaço mental, mas também pode atuar como um introdutor de espaço mental (*space-builder*). A combinação da mudança na oitiva e o discurso direto proporcionam a projeção dos ouvintes no espaço aberto, convidando-os a analisar o enunciado como uma solução para a solução que está sendo discutida, de forma aplicada. O uso do *Frame* de Conversa para propor uma solução torna a fala de Ágata, uma Interação Fictiva.

A aluna Ágata faz uso da IF em seu discurso novamente no decorrer da interação, como mostra o excerto 2.7, conceptualizando uma saudação e uma indagação:

Excerto 2.7 (26:28 – 27:54):

280	Ágata	eu falei (antes) meu marido tem memória para nomes ótima
282	Desirée	que maravi::ilha de marido
282	Ágata	ó::tima ele () nome. Tudas pessoas o nome
283	Desirée	ai que coisa
284	Ágata	é. eu não sei porque-
285	Desirée	é até absurdo né? até incomoda. poxa, não precisa tanto
286	Ágata	()
287	Desirée	sabe tudo?
288	Ágata	sim (.)
289	Desirée	°eu sou incapaz°

Consideramos clara a explicação pela aluna, devido à reação dos participantes da cena, com comentários e risos, como se conhecessem a situação previamente. Além disso, outra aluna, de origem venezuelana, inicia seu relato dizendo “eu tenho esse problema também” se referindo ao marido que também é aluno nesta turma, demonstrando que compreendeu a situação exemplificada por Ágata por meio da IF.

Passando a outro momento da aula, relevante à nossa análise, o excerto 2.8 traz uma instância de IF produzida pela professora Desirée, que novamente conceptualiza uma sensação por meio de IF:

Excerto 2.8 (34:49 – 36:11): 

387 Desirée talvez.não, mas eu tô pensando assim,é bom pra emagrecer::: mas gostoso
 388 não é. né? vocês gostam do café quente e doce. quando eu quero falar
 389 que o café tá quente e não está doce (.) eu simplesmente não estou
 390 falando sobre minha preferência. mas se eu falo o café está quente
 391 Mas está sem açúcar, eu tô dizendo que eu não gosto de café sem açúcar
 392 entenderam? (.) eu gosto assim. e não gosto desse (3,0) perfeito?(5,0)
 393 as vezes você pode usar o contrário também, as vezes a primeira parte
 394 você go- você go- não gosta e essa você gosta mas. a gente () mas
 395 é o que a gente não gosta não é? fala assim, hum ta sem açúcar né?
 396 então aqui é o efeito de <contraposição> é quando você tem duas frases
 397 que são ligadas de um jeito em que a segunda não é o que você espera

Anteriormente ao excerto 2.8, a professora Desirée introduz o próximo assunto a ser discutido com uma pergunta factiva “como que vocês gostam do café? Quente ou frio?”, e após ouvir as preferências dos discentes, chegou-se ao consenso de que a preferência é por café quente e com açúcar, como anunciado pela professora na linha 388.

Partindo do consenso estabelecido, a professora começa a explicar a contraposição, usando a conjunção “mas”, e a posição que os aspectos positivos e negativos podem ocupar em determinada sentença que conta com tal conjunção. Na linha 395, finalizando a explicação, a professora utiliza uma IF, (“hum, tá sem açúcar né?”) para explicar a sensação ao tomar um café sem açúcar. A IF é introduzida pelo verbo “falar” e o advérbio “assim” sinalizando a abertura de um espaço mental, na qual o enunciado ocorreria dentro de uma Interação Fictiva ou mesmo de uma Autocitação Fictiva (ROCHA, 2004, 2006), mais especificamente

Dando continuidade à apresentação das conjunções, o excerto 2.9 mostra-se como mais um exemplar de Exemplificação Fictiva, em conceptualização dialógica:

Excerto 2.9 (59:43 – 01:01:17): 

609 Desirée (3,0) entende? deixa eu fazer um outro exemplo que eu sempre usei
 610 com meus alunos brasileiros que, ajudava a entender a diferença. é::: imagina gente, que (.) nós vamos fazer uma viagem. nossa turma resolveu
 611 a gente se juntou e::: resolveu que vamos tentar viajar para:::
 612 para::: deixa eu ver para Tiradentes, no final da semana, tudo bem?
 613 aí, eu preciso, para viajar junto com vocês, da::: autorização do
 614 diretor. entende? vocês são meus alunos, é uma tarefa da faculdade,
 615 pra fazer isso eu preciso da autorização do diretor. Muito bem aí eu
 616 explico pra vocês na outra segunda feira, gente vão fazer viagem,
 617 vão fazer, vão perguntar pro diretor se pode (2,0) eu chego aqui na
 618 quarta feira e falo assim, o diretor gostou muito da ideia (.) o que
 619 que que vocês acham? assim ou assim?
 620
 621 Arlete ()
 622 Desirée o diretor gostou muito da ideia (2,0)
 623 Arlete °é bom°
 624 Desirée bom() tudo certo? mas não tem dinheiro (3,0)

A IF presente no excerto 2.9 se insere em uma projeção de um espaço mental aberto na linha 611, sinalizado pelo verbo “imaginar”, no imperativo. Após essa abertura, a cena é estabelecida: uma viagem para Tiradentes com a turma e que precisa da autorização do diretor da faculdade.

Na linha 617, o exemplo é inserido por meio de uma IF, e a abertura de outro espaço mental é promovida pela expressão “aí eu explico pra vocês na outra segunda-feira¹⁴”. Além dessas pistas, há uma mudança prosódica, percebida através da oitiva, ao dizer, nas linhas 617 “gente vão fazer viagem, vão fazer” e 618 “vão perguntar pro diretor se pode”. A simulação continua com a abertura de outro espaço mental, na linha 618-619, promovida pela expressão “eu chego aqui na quarta-feira e falo assim”, e mais uma IF “o diretor gostou muito da ideia”.

¹⁴ As aulas eram ministradas nas segundas e quartas. A aula em questão ocorreu em uma quarta-feira, portanto, ao abrir o espaço mental “segunda-feira”, ficou subentendido que se trataria da próxima aula.

Esse trecho traz a abertura sucessiva de espaços mentais que se sucedem e são sinalizados de formas diferentes. Tais espaços são preenchidos por Interações Fictivas, que contêm em si, as partes mais relevantes para que se entenda a situação proposta.

Observamos também que a fictividade está presente nesse trecho através da animação de vozes diferentes, pela professora Desirée. Nos espaços mentais abertos, a professora anima sua própria voz, mostrando ser participante daquela cena, e anima a voz do diretor da faculdade estabelecendo o par falante-ouvinte e pergunta-resposta do *Frame de Conversa*.

O excerto 2.9, se encaixa como uma Exemplificação em Discurso Direto Fictivo. Dessa vez, instanciado através da abertura de sucessivos espaços mentais, nos quais os alunos são projetados como participantes secundários, com o objetivo de compreenderem de forma mais clara a diferença entre o uso da conjunção “mas” e da conjunção “embora”.

O excerto 2.9 se encaixa como evidência à hipótese de que, a IF é usada, também, como forma de explicação alternativa, ao estabelecer um cenário hipotético. Essa leitura se justifica com a fala da professora na linha 609, ao dizer que dará “um outro exemplo”.

O excerto 2.10 aponta outro uso da IF no contexto de ensino/aprendizagem, ocorrendo na fala da professora Desirée, como conceptualização de um diálogo monológico:

Excerto 2.10 (01:01:23 – 01:03:41): 

626 Desirée () entende? a tristeza que da, não dá você ficou contente, com
627 a primeira parte da frase, aí vem um mas (1,0) quando você escuta o
628 mas já dá a tristeza, porque (.) não vai. não vai pra frente, não
629 é? só que quando você escuta o embora (.) você já vai prestar atenção
630 nesse. e vai saber se vai dar certo ou errado. por que quando vem o
631 embora, e fala assim embora o diretor tenha gostado muito da ideia (.)
632 ninguém se anima com essa (sentença) zero.zero de animação né. agora,
633 pode ser ao contrário. embora não tenha dinheiro. ô. o diretor vai
634 dar um jeito, certo? embora não tenha dinheiro o diretor vai falar
635 com o reitor. não sei (1,0) tem esperança. então o que é interessante
636 aqui. é quando você tem esse sistema, ele já desvaloriza essa parte.
637 certo? aqui não, aqui você não sabe o que vai acontecer até o mas

638 chegar. por isso esse formato é muito comum em ciência(.) por que?
 639 porque no texto acadêmico, você precisa, as vezes, explicar por que
 640 você não vai usar uma teoria. então, a gente fala assim, embora
 641 a teoria do Joaquim seja essa, essa, essa eu vou usar outra. entende?
 642 então () sono, eu to ficando com sono. esse barulhinho aqui,
 643 esse calor, a essa hora () tem três alunos assim já

Nesse excerto, observamos dois usos distintos de IF, pela professora Desirée: nas linhas 631,641 e 642, há exemplares de Discurso Direto Fictivo e, nas linhas 638 e 639, há uma IF atuando como um elemento organizador do discurso, na forma do par pergunta-resposta. Ambos exemplares são empregados para explicar a conjunção “embora”.

A primeira ocorrência do fenômeno, a Exemplificação em Discurso Direto Fictivo, na linha 631, tem início com a abertura de um espaço mental sinalizado por “fala assim”. Nesse espaço mental está inserida a IF (“embora o diretor tenha gostado muito da ideia”) que ilustra o que foi dito na linha 629 e 630 (“só que quando você escuta o embora (.) você já vai prestar atenção nesse e vai saber se vai dar certo ou errado”).

Esse padrão de uso de Exemplificação em Discurso Direto Fictivo se repete nas linhas 640 e 641, diferindo em relação à situação que está servindo como exemplo. Na primeira ocorrência, a IF atua como uma ilustração à afirmação feita anteriormente. Já nessa segunda ocorrência (linhas 640 e 641), a IF ilustra um contexto de uso da conjunção “embora” (em textos acadêmicos, para justificar a escolha de uma teoria em lugar de outra).

O segundo uso de IF nesse excerto está relacionado com o emprego de perguntas retóricas no contexto de ensino/aprendizagem que já havia sido apontado por Pascual (2014) como uma forma de organizar o conteúdo em sala de aula, como se o professor antecipasse uma possível dúvida do aluno.

Nas linhas 638 e 639 vemos como isso ocorre dentro do discurso. Ainda na explicação sobre os usos da conjunção “embora”, a professora dá início à justificativa de o uso dessa conjunção ser mais comum em textos acadêmicos que a conjunção “mas”.

Ela introduz o argumento e antecipa a possível dúvida dos alunos sobre porque essa conjunção seria mais comum. A IF ocorre quando a professora antecipa essa dúvida e a utiliza na forma de pergunta retórica para oferecer argumentos sobre o que ela está explicando. Os argumentos oferecidos poderiam ter sido feitos através da contraparte factiva, isto é, a professora poderia ter continuado a explicação sem o uso da pergunta retórica (“por isso esse formato é muito comum em ciência, porque no texto acadêmico [...]”), mas esse uso retórico e fictivo parece promover uma identificação maior com o aluno, como se a docente estivesse “lendo” os pensamentos dos alunos.

O excerto 2.11 apresenta uma sequência de Interações Fictivas, com o propósito de explicar uma palavra e ao mesmo aplicar a conjunção “embora”, em uma situação comum do cotidiano, mais uma vez por meio da conceptualização de um diálogo monológico:

Excerto 2.11 (01:03:50 – 01:06:08): 

646 Desirée o paulo dorme em todas as aulas ((risos)) o paulo é famoso, mas não é
 647 o paulo hoje não, o paulo tá quieto. tá até assim oh () bom,
 648 quando você quer inserir uma ressalva. isso aqui eu não soube
 649 traduzir bem pra vocês. ressalva é uma maneira de falar assim, olha
 650 tem isso, a gente (o porém) pior ainda né? é difícil. agora quando

651 você admite algo. as vezes é::: quando a gente é criança, e pede as
 652 coisas pro pai da gente ele tem esse discurso que a gente vai ver
 653 aqui é::: embora, eu saiba que você gosta mui:::to desse videogame.
 654 embora eu saiba que a sua mãe concordou. embora você mereça porque
 655 você é um excelen:::te filho, eu não vou poder dar (.) certo? isso a
 656 gente chama de concessiva na gramática. porque é assim. você fala
 657 assim eu sei, eu sei, eu entendo, agora, não vai ter jeito. então
 658 quando você usa esse sistema, você faz esse efeito. tá? de falar assim
 659 eu sei disso, eu sei, não adianta você falar. eu tô entendendo isso
 660 aqui é verdade, isso aqui é verdade, isso aqui é verdade. ma:::s não
 661 vai ter jeito, ok? então aqui você tem vários exemplos oh. embora o
 662 café esteja quente, está sem açúcar. então já sabe que você esta
 663 reclamando. tá? ainda que o café esteja quente, tá sem açúcar (.)
 664 agora, esse aqui é muito chique. °Não obstante° o café esteja quente.
 665 isso aqui é horrroso. °(esse) aqui a gente não usa quase nunca° eu
 666 nem soube usar direito

No excerto 2.11, a primeira manifestação de IF ocorre na linha 650, quando Desirée utiliza uma fala para explicar o significado da palavra “ressalva”. Nesse caso, há o uso de um extrato do discurso fora do tópico de conversação sobre o comportamento do aluno Paulo, como forma de explicar o significado de uma palavra dentro de um contexto.

A próxima manifestação ocorre entre as linhas 653 e 661. Na linha 651 e 652, a professora estabelece uma cena: pedir as coisas para o pai quando se é criança. Na linha 653, a cena é descrita através de enunciados possíveis dentro dessa cena estabelecida. Na linha 656, a docente explica aos alunos qual o nome que esse tipo de enunciado recebe no âmbito da gramática e reforça isso através de outros exemplos em IF.

Na linha 659, ainda dentro da explicação, Desirée fala “você faz esse efeito” e explica que efeito é esse através de pedaços de discurso, mais uma vez, através de Interações Fictivas.

Diferente do excerto 2.10, no qual Desirée animava tanto sua própria voz quanto a voz do diretor, no excerto 2.11 a única voz animada é a de um “pai”, como anunciado nas linhas 651 e 652 “pede as coisas pro pai da gente ele tem esse discurso”. O excerto 2.11 se insere, também, como um exemplar de Exemplificação em Discurso Direto Fictivo, pois estabelece uma cena e insere falas que servem para explicar tal cena. Não se trata de uma conversa conceptualizada como genuína, mas sim de enunciados próprios da fala, visando a atingir outros propósitos comunicativos.

Finalizando a aula 2, o excerto 2.12 também se instancia como uma Exemplificação em Discurso Direto Fictivo, mas dessa vez a Interação Fictiva conta com mais de um participante, diferente de todos os excertos anteriores:

Excerto 2.12 (01: 23:09 – 01:24:32): 

801	Desiree	eu imaginei isso. a gente não tem isso na gramática (
802		por exemplo, se for eu trabalhei (2,0) embora eu- quem me ajuda
803	Isabelle	tenha trabalhado
804	Desirée	tenha trabalhado (10,0) ok? <u>então se eu falar assim, professora eu</u>
805		<u>tirei uma nota ruim (2,0) embora eu tenha</u>
806	Yago	<u>Estudado</u>

807 Desirée estudado muito. exatamente né? aí eu diço pois é você veio a aula (.)
 808 embora você tenha chegado
 809 Yago Tarde
 810 Desirée tarde. tenha chegado. né. aí ele vai dizer o seguinte. embora eu
 811 tenha chegado tarde eu fiz o exercício (.) aí eu diço pra você
 812 embora você tenha feito o exercício, você não ouviu a explicação
 813 entende a briga?
 814 Arlete sempre a professora sempre ganha

Temos nesse excerto uma IF, na qual há o engajamento de mais de um participante. Nesse momento da aula, a professora pede aos alunos que façam um exercício estrutural, projetado no quadro, para praticar o uso das conjunções estudadas. Entretanto, ela esbarra em uma dificuldade encontrada pelos alunos no tocante ao tempo verbal que acompanha o uso de tais conjunções, como o uso de “embora” nesse fragmento.

Para explicar o tempo verbal acompanhado pela conjunção “embora” (ex.: eu trabalhei – embora eu tenha trabalhado), na linha 804, a docente dá início a uma IF instanciada, mais uma vez, por um construtor de espaço mental, no caso, “falar assim”. Interessante notar que, nesse caso, há a abertura de um espaço mental que pertence ao contexto aula, mas o que é encaixado nesse espaço não se confunde com o espaço corrente de interação na sala de aula, visto que a situação usada para a explicação remete a outras coordenadas espaço-temporais, que são conhecidas pelos alunos. A informação é corroborada na linha 814, quando a aluna Arlete, de origem venezuelana, diz “sempre a professora sempre ganha”, mostrando que a projeção foi feita e compreendida por ela.

Tratamos a troca de turnos presente nesse excerto, com as contribuições dos discentes, como fictiva devido ao objetivo empregado na interação (promover uma explicação através do *Frame* de Conversa). Apesar de não serem perguntas explícitas, a prosódia utilizada pela professora induz os alunos a completarem as sentenças.

Outra evidência para a manifestação da IF é o uso do verbo “dizer”, reiterando o uso de componentes próprios do *Frame* de Conversa, com um propósito para além da comunicação.

Esse se constitui um exemplo simples para observar de que forma a IF pode ser usada para fins de ensino/aprendizagem. Através da abertura de um espaço mental, com elementos socialmente compartilhados, como argumentações entre professor e aluno, é possível adicionar outros elementos à cena, não sendo necessariamente relacionados entre si, isto é, a situação de argumentação entre professor e aluno é utilizada para explicar o tempo verbal acompanhado pela conjunção “embora”. A docente usa um estoque de conhecimento compartilhado para acrescentar algo novo, apoiando-se no *Frame* de Conversa, cuja estrutura é tida como comum a todas as línguas, pois é preciso ter em mente que estamos tratando de um contexto, no qual há falantes e línguas diferentes, pertencentes a diferentes culturas e, mesmo assim, a projeção é facilmente estabelecida e acompanhada pelos alunos.

A próxima seção abordará os aspectos globais do fenômeno e os padrões formais e funcionais encontrados ao longo da seção pontual. Além disso, nessa seção discutiremos a questão dos marcadores conversacionais, deixados propositalmente para esta seção.

7. Análise Global

A seção anterior teve como propósito descrever e analisar pontualmente as ocorrências de Interação Fictiva em um banco de dados reais de fala coletado de aulas de Português como L2 observando-se como se dá a emergência do fenômeno na construção do discurso em perspectiva cognitiva e interacional. Buscou-se também investigar os propósitos comunicativos envolvidos no uso da Interação Fictiva, em função da hipótese de que o fenômeno coopera e atua substancialmente no ensino e na aprendizagem de Língua Portuguesa como L2.

Já esta seção de análise tem como objetivo tratar dos aspectos globais que envolvem os padrões formais e funcionais encontrados nas ocorrências de Interação Fictiva apresentadas na seção anterior. Faremos uma discussão acerca das generalizações encontradas, tendo em vista as hipóteses lançadas e os achados no decorrer da análise dos excertos transcritos, bem como de sua oitiva.

No que diz respeito à construção do fenômeno no discurso, podemos dizer que as ocorrências, em geral, apresentaram a seguinte estrutura: as amostras de IF, interagem em discurso favorável à fictividade por meio da projeção em um espaço mental fictivo, aberto por um construtor de espaço mental (*space-builder*), majoritariamente de natureza verbal, embora se verifique o apoio melódico nas oitavas.

Os verbos empregados, como “falar” e “dizer” são aprioristicamente descritos como sendo de natureza *dicendi*, por se referirem a ações metadiscursivas introdutoras de discurso de outrem, porém, como se observa em Rocha (2014, 2013a, 2013b) e em Rocha e Arantes (2016), os verbos *dicendi* em contextos de Interação Fictiva remetem à reportação de uma “conversa” interna, feita exclusivamente no plano mental.

O excerto 2.2 ilustra isso:

086 Desirée mais uma fã do yan, né? quando eu falo e ainda faz teatro, eu to,
 087 dizendo assim, isso é incrível. certo? isso é além do esperado. ta?
 088 se a se eu to contando viagem, eu posso falar assim eu sai do rio de
 089 janeiro de ca::rro, passei (.) pelo nordeste todo, conheci todas as
 090 capitais e ainda deixei o carro e fui de avião até Manaus e voltei (.)
 091 o deixei o carro, fui até Manaus e voltei é um (.) extra certo? ta
 092 entendendo? bom.

Nesse fragmento, a IF, realizada por meio do Discurso Direto Fictivo é introduzida pela combinação do verbo “dizer” com o advérbio “assim”, destacado em vermelho. O verbo “dizer” sugere que a seguir será inserida uma fala, enquanto o advérbio sugere que a fala inserida não é uma fala qualquer, mas sim uma fala apropriada e típica da situação em questão. Essa análise também se estende a combinações do advérbio “assim” com o verbo “falar”. Entretanto, a forma nominal “dizendo”, integrada à construção de natureza fictiva, tem o seu valor *dicendi* fictivizado, passando a remeter a uma ação mental que envolve apenas pensamento ou sentimento, não necessariamente verbalização. Assim, o prefácio “*dicendi*”, estruturalmente composto por sujeito e verbo, constrói um espaço mental de natureza fictiva, preenchido sintaticamente por um objeto discursivo.

Como dito anteriormente, a inserção da IF também pode ocorrer subsequentemente a um *space-builder* de natureza oracional, como oração principal, que promove a

abertura de espaço mental ao estabelecer uma cena prévia, como acontece no excerto 1.2:

826 Mafalda [aprendeu a fazer] pão aqui.quando::: deixei a frança. aprendeu a
 827 fazer comida, aprendeu a fazer pão porque minha mãe [()]=
 828 Turma [(risos)]
 829 Desirée [()]
 830 Mafalda = as padarias estavam fazendo. eu chego aqui não tem croissant
 831 não tem pão (),tenho que fazer.
 832 Desirée ((risos))
 833 Mafalda quando eu tenho que fazer (croissant), ai meu deus demora doze horas
 834 para fazer?
 835 Turma ((risos))

Nas linhas 833 e 834, o elemento análogo ao prefácio *dicendi* é realizado por uma oração principal de natureza temporal, cuja conjunção “quando” tem valor semântico de “nas vezes em que”. A oração “quando eu tenho que fazer (croissant)” constrói um espaço mental de tempo sem que haja sinal de sua própria fictivização, ao contrário do que ocorre com o exemplo anterior, em que o prefácio *dicendi* é fictivizado. Nesse caso do excerto 1.2, o elemento fictivo se dá apenas no encaixe das informações adicionadas ao espaço mental aberto, sendo a oração principal tomada fictivamente.

Interessante notar que não ocorre verbo *dicendi* no âmbito da introdução da oração subordinada “ai meu Deus demora doze horas para fazer? ”. No entanto, pode-se inferir sua supressão, visto que o encaixe ou a informação adicionada é de natureza metadiscursiva. Mesmo que a participante Mafalda empregasse o prefácio “eu penso”, por exemplo, para abrir espaço à principal “eu penso, ai meu Deus demora doze horas para fazer? ”, a fictividade interacional se manteria. Na verdade, não se pode garantir que Mafalda anteriormente tenha (ou não) pensado nesses exatos termos, mas o fato que se evidencia é que ela codifica o pensamento/sentimento como se fosse uma conversa interna, manifestando-a aos demais participantes.

Outra forma relevante de inserção da IF aconteceu em discurso direto, porém sem sinalização com verbos de natureza *dicendi*, no excerto 2.6, reproduzido abaixo:

252 Ramon a tática que eu uso é perguntar como é que tá seu sobrenome no facebook? ai
 253 a pessoa fala o nome e o sobrenome
 254 Turma ((risos))

255 Desirée bo:::a. aí se a pessoa te responder, não não tenho facebook (1,0)
 256 aí você () mas com qual nome você gostaria de fazer?
 257 Turma ((risos))
 258 Ágata ou você::: pode::: dar seu número de telefone
 259 ((falas simultâneas))
 260 Ágata () porque português português é difícil para mim. pode
 261 escrever ()

Na linha 255 o elemento que precede e insere a IF é realizado pela oração condicional “aí se a pessoa te responder” que induz o interlocutor a refletir sobre a possibilidade de a estratégia descrita não funcionar. Ou seja, considerando uma situação de encontro entre dois interlocutores em que um deles não se lembra do nome pessoal do outro, a estratégia para o esquecido seria, em princípio, perguntar como figura o nome desse outro no *Facebook*, sendo que se verifica depois que esse mesmo outro não participa da referida rede social. Por fim, a oração condicional ajuda a compor a solução em IF construindo um espaço mental sem traços de Fictividade, os quais aparecem apenas na informação que compõe o espaço mental aberto.

Na linha 256, a professora insere uma possível solução, em IF, para o problema descrito na linha 255. A solução é iniciada pelo dêitico “você” (em verde), que projeta os interlocutores em outra cena, como se todos fossem convidados a ensaiar uma possível solução de resposta. Ao projetar os interlocutores em outra cena, o dêitico “você” (em verde e remetendo genericamente aos discentes presentes), representado no espaço BASE, passa a figurar também no espaço MENTAL, como potenciais enunciadores de “mas com qual nome você gostaria de fazer? ”, contribuindo assim para possibilitar a emergência da possibilidade de solução. Em conjunto com “aí”, “você” (em verde) sinaliza que a orientação dêitica migra da cena atual para a cena projetada, quando surge uma resposta fictiva ao que foi empreendido no diálogo.

O “você” (em verde), da linha 256, se diferencia de ambos os dêiticos “você”, pois se trata de um pronome pessoal usado por Desirée para apontar os discentes, tanto na cena corrente como na projetada. O outro dêitico “você” da professora, na linha 256, remete a um interlocutor fictivo, assim como o “você” da aluna Ágata, linha 258, que insere a sua contribuição ao espaço mental aberto por Desirée através de um típico exemplar de IF das linhas 258 a 261. Conforme aponta Rocha (2018) a adição de

informações ao espaço mental, no domínio da fala, não é feita apenas por quem abre o espaço mental.

No que diz respeito aos padrões formais e funcionais, encontramos os seguintes, a serem detalhados em seguida:

1. Exemplificação em Discurso Direto Fictivo;
2. Padrão pergunta-reposta;
3. Marcadores discursivos (perguntas fictivas);

7.1 Exemplificação em Discurso Direto Fictivo

O padrão mais emblemático encontrado na análise foi a Exemplificação em Discurso Direto Fictivo. Podemos compreender esse padrão como uma instância de Interação Fictiva, na qual há o recurso ao *Frame* de Conversa com o objetivo de tornar a explicação do que se ensina ou do que se aprende como algo mais concreto, claro, vívido ou mais próximo do cotidiano das interações. De forma geral, o falante recorre a esse padrão para reafirmar algo que já foi pensado/sentido ou tornar sua colocação mais clara, pois observamos que nos casos encontrados, a parte mais relevante dessa explicitação do discurso ocorre por meio da Exemplificação em Discurso Direto Fictivo.

Chamamos esses usos de exemplificação como instâncias de Discurso Direto Fictivo, pois o enunciado que se constitui como o discurso direto não é utilizado de forma genuína. As falas empregadas, como dito anteriormente, tem o propósito de atuar como um exemplo e não como uma comunicação factiva.

Dentro desse padrão, chama-nos a atenção o uso de tipos diferentes exemplificações por parte dos falantes para promover conceptualizações de naturezas diversas, feitas por meio da IF. Elas se dão por meio de variadas instâncias da fórmula Fictiva X é Y, em que o elemento X se vincula a um exemplo de: ATIVIDADE, SENSAÇÃO, COMPREENSÃO REPENTINA ou *INSIGHT*, POSTURA ou ATITUDE, ADMIRAÇÃO, SAUDAÇÃO, PEDIDO DE INFORMAÇÃO, INDIGNAÇÃO E EXPLICAÇÃO. Já o elemento Y representa CONVERSA, esta relacionada a “conversas internas”, ao

frame cognitivo internalizado sobre as ações que envolvem a conversação. As conceptualizações encontradas estão listadas em negrito no texto corrente abaixo, tendo seus exemplos destacados em verde nos excertos.

a) Atividade (excerto 1.2):

826 Mafalda [aprendeu a fazer] pão aqui.quando::< deixei a França. aprendeu a
 827 fazer comida, aprendeu a fazer pão porque minha mãe [()]=
 828 Turma [(risos)]
 829 Desirée [()]
 830 Mafalda = as padarias estavam fazendo. eu chego aqui não tem croissant
 831 não tem pão (),tenho que fazer.
 832 Desirée ((risos))
 833 Mafalda quando eu tenho que fazer (croissant), ai meu deus demora doze horas
 834 para fazer?
 835 Turma ((risos))

Na análise do excerto 1.2, observamos que há o enquadramento de uma **atividade** por meio do *Frame* de Conversa. A aluna Mafalda insere em seu exemplo uma IF que remete a uma experiência quando ela se encontra na situação de preparar um *croissant*.

Podemos contrapor esse uso do *Frame* de Conversa, para enquadrar uma **atividade** com a sua contraparte factiva, na qual a aluna poderia descrever a atividade: “quando eu tenho que fazer *croissant*, fico surpresa em lembrar que são necessárias 12 horas para ficar pronto”. Entretanto, o uso o *Frame* de Conversa aliado à prosódia empregada na realização do discurso parece nos transportar para aquele momento, quase como se estivéssemos observando a aluna lendo a receita e dizendo “ai meu deus demora doze horas para fazer? ”. Esse “transporte” é licenciado pelos mecanismos cognitivos de identificação e projeção, tal como descritos por Fauconnier (1994, 1997), que impelem uma função pragmática de razões locais, fazendo com que interlocutores se coloquem mentalmente fora das coordenadas espaço-temporais da cena corrente. Assim, a contraparte factiva parece não dispor de elementos suficientes para a veiculação dessa cena, visto não propiciar a teatralização necessária para fomentar aspectos miméticos que forçam a intensidade da identificação e da projeção.

b) Sensação (excerto 1.3):

871 Mafalda uma coi- uma coisa também que é engraçada (.) que quando::: quando
 872 eu tô no brasil se sente muito francesa (.) mas quando volto pra
 873 França me **sinto** turista
 874 Turma ((risos))
 875 Mafalda **quando chego na França, meu deus tudo lin:::do, arquitetura linda,**
 876 **esse céu**
 877 Turma [((risos))]

O excerto 1.3 apresenta um exemplar de conceptualização de uma **sensação** codificada por meio do *Frame* de Conversa, caracterizando mais um caso de Interação Fictiva. O tópico discutido remete a uma carga emocional, já que está tratando da condição de ser estrangeiro, estar longe de casa e retornar para casa. O excerto é destacado para que se evidencie o enquadre fictivo da experiência da aluna francesa Mafalda no seu retorno à sua terra natal. Ao voltar para casa, ela experimenta sentimentos que a fazem se sentir como turista.

O sentimento de ser “turista” em seu próprio país de origem é descrito pela aluna na linha 873 e é enquadrado por meio do *Frame* de Conversa em IF nas linhas 875-876. Como se observa, a própria falante pré-enquadra discursivamente a perspectiva de turista adotada na voz fictiva encaixada à oração temporal “quando chego na França”.

A contraparte factiva poderia ser parafraseada desta forma: quando chego na França, presto mais atenção à arquitetura e me admiro como ela é bonita. A opção pelo *Frame* de Conversa, entretanto, remete a uma possível fala de um turista que está visitando um lugar pela primeira vez: “quando chego na França, meu deus tudo lin:::do, arquitetura linda, esse céu”. O prolongamento melódico da primeira sílaba no substantivo “lindo”, constitui-se como pista à veiculação do sentimento de admiração, e condiz com a leitura de uma fala proferida por um turista, quando acessamos nosso conhecimento de mundo sobre uma pessoa visitando um lugar bonito pela primeira vez.

c) Compreensão repentina ou *insight* (excerto 1.5):

917 Desirée e:::xatamente. exatamente né? e é o preço que a gente paga
 918 por sair (.) quando a gente nunca saiu, a gente não sabe o que
 919 é ser daquele país né (1,0) a gente nunca saiu de lá (.) no dia

920 que a gente sai fala olha ser brasileiro então é assim né? (.)

921 igua- a primeira vez que olharam pra minha cara em em niterói

922 (.) falaram assim você é mineira né? (.) eu falei por que você

923 acha isso? ah, seu jeito. °totalmente diferente° aí eu falei,

924 uai, como assim?

Ainda decorrente da sensação e da experiência de ser um estrangeiro em seu próprio país, o excerto 1.5 agora ilustra o momento em que o nativo se descobre como pertencente à sua própria terra. A professora Desirée durante a explanação de seu ponto de vista, insere uma IF “olha ser brasileiro então é assim né? ”, que atua como um resumo do que foi falado anteriormente.

A utilização da IF, nesse caso, está também atrelada a um convite para que os alunos se identifiquem com essa situação. Essa interpretação se apoia no contexto e, específica e discursivamente, no uso de “a gente”, na linha 920, que sinaliza uma generalização acerca do que será dito. Isso diz muito sobre o comportamento da IF como recurso argumentativo-explicativo em um cenário complexo em que se encontram falantes de distintas origens, cuja língua primordial de contato é o português. Ao codificar a **compreensão repentina ou *insight*** em IF, a docente aciona o *Frame* de Conversa, tão cognitivamente entrincheirado e recorrente a todos que a diversidade linguística da turma pode ser subfocalizada.

O exemplo enquadrado pelo *Frame* de Conversa “olha ser brasileiro então é assim né? ”, remete a uma potencial frase falada (ou pensada) pelos interlocutores e, por isso, há a possibilidade de identificação destes. Desirée prossegue o discurso apresentando um exemplo sobre ela mesma, de modo a tornar sua explicação ainda mais clara. Dessa vez, o exemplo é dado por meio do Discurso Reportado canônico (linhas 922,923 e 924, em azul). A docente reporta factivamente um caso acontecido com ela, para ilustrar sua afirmação anterior.

A sequência imediata e respectiva entre IF e DR no excerto acima merece destaque em respeito ao fluxo discursivo em que ocorre. A Interação Fictiva da linha 920 ilustra uma conversa interna manifestada pela docente, cujo interlocutor a priori é fictivo, embora ela esteja diante dos discentes na sala de aula. Assim, o debate interno sai

do campo do pensamento/sentimento para ser exposto aos demais. A comparação entre IF e DR nessa sequência revela o teor de abstração e generalização da Interação Fictiva, visto que, logo em seguida, a professora explicita em Discurso Reportado canônico uma situação em que instancia ou especifica, em termos factuais a abstração e a generalização codificadas pela IF.

d) Postura ou Atitude (excerto 2.1):

065 Desirée eu to dizendo, quando eu falo eu fui pra espanha,pra frança nada de
 066 importante. **mas se eu estou com vontade de virar e falar assim, ai**
 067 **eu sou chic eu falo eu fui pra espanha e também pra França.** faço
 068 com a mãozinha assim

Dentre as possibilidades de conceptualização por meio do *Frame* de Conversa em Interação Fictiva, encontramos ainda a conceptualização de uma **postura ou atitude**. Nesse caso, a IF, produzida pela professora é acompanhada por um gesto, associado à **postura ou atitude** de “ser *chic*” e atenuado para reforçar o enunciado. Observa-se o uso de IF, em Discurso Direto Fictivo, para que o enunciador conceptualize e profile uma **postura ou atitude**, o que não está diretamente correlacionado a uma representação verídica ou factiva (TALMY, 2000). Na verdade, alinha-se a uma representação concebida como não verídica ou fictiva, visto que a **postura ou atitude** é descrita como se fosse conversa.

A opção pela IF e o gesto de “desmunhecar”, ilustrado pela figura 3 na seção de análise pontual, substanciam a explicação, por parte da docente aos discentes, da ênfase atrelada à expressão conjuntiva “e também”, no enunciado transcrito nas linhas 066 e 067. Nesse caso, portanto, ela faz uso de uma IF aliada a um gesto para promover a explicação acerca da semântica da locução conjuntiva “e também”. Da mesma forma que o enunciado “eu sou *chic*” enfatiza o enunciado posterior, a conjunção “e também” opera da mesma maneira no enunciado. O importante é ressaltar que a IF é usada pontualmente como estratégia comunicativa de ensino/aprendizagem. Recai sobre ela a tarefa crucial de contribuir para que os discentes compreendam o emprego de “e também”.

e) Admiração (excerto 2.2):

086 Desirée mais uma fã do yan, né? quando eu falo e ainda faz teatro, eu to,
 087 dizendo assim, isso é incrível. certo? isso é além do esperado. ta?
 088 se a se eu to contando viagem, eu posso falar assim eu sai do rio de
 089 janeiro de ca:::rro, passei (.) pelo nordeste todo, conheci todas as
 090 capitais e ainda deixei o carro e fui de avião até Manaus e voltei (.)
 091 o deixei o carro, fui até Manaus e voltei é um (.) extra certo? ta
 092 entendendo? bom.

Nessa fala de Desirée (linhas 086 e 087, em verde), o *Frame* de Conversa, em IF, é usado para fazer as vezes de uma expressão de **admiração**, não significando necessariamente reportagem discursiva canônica. Mais uma vez a IF atende ao propósito de se integrar à explicação semântica de uma locução conjuntiva, nesse caso, “e ainda” (linha 086). A docente repete a mesma estratégia do excerto 2.1, ao estabelecer um paralelo com o diálogo fictivo que permite explicar a ênfase atribuída à conjunção por meio de uma fala, que se encaixa em uma determinada situação. Ou seja, o significado de “e ainda” é explicado aos discentes por meio da IF “eu to dizendo assim, isso é incrível. certo? isso é além do esperado tá?” E isso já vem sendo observado em Rocha (2018), que considera IF (Discurso Direto Fictivo) como representante do padrão discursivo “solução” (HOEY, 2001).

A ênfase de “e ainda” é traduzida por meio do sentimento de admiração, por alguém ter apresentado um resultado além do esperado. A todo momento falamos do compartilhamento e uso de experiências pessoais em sala de aula e, nesse excerto, a docente usa diretamente o caso de um aluno que surpreendeu ao superar a timidez e se envolver em várias atividades.

À primeira vista, parece que, nas linhas 086 e 087, a docente produz um Discurso Direto canônico, em forma de autocitação factiva, pareada com o momento da enunciação. Mas afinal, é possível o uso canônico de discurso direto para reportar a si mesmo, sendo que o que se reporta é imediatamente pensado/sentido? A docente talvez faça isso, usando a expressão “eu to dizendo assim” para introduzir sua própria fala, o que pode fazer desse exemplo um caso fronteiro, entre IF e DR. Ocorre que ela está simulando uma conversa para realizar a explicação e dá forma ao pensamento como se ele fosse fala, utilizando de recursos vocais dramáticos e de

certa forma teatrais, o que pode ser observado na oitiva, comprovando-se que ela fala consigo mesma para o outro.

f) Saudação (excerto 2.4):

196 Desirée é. socialmente. traquejo social, por exemplo, é quando você sabe se
197 comportar em um jantar chique (.) ter que pegar o garfinho, fazer
198 assim () né? é::: saber como se comportar com as pessoas, de um
199 modo diferente. esse tipo de coisa. né? é::: se a outra pessoa lembra
200 seu nome, provavelmente vocês já foram apresentados. e porque você
201 esqueceu dela? (.) porque esqueceu né? você não lembra, não tem
202 por que (.) a desculpa de memória péssima para nomes é uma desculpa
203 desgastada, mas é verdadeira. assim como se referir a pessoa como
204 querida ou querido. **a gente faz oi querida. oi querido, tudo bom?** né
205 e a pessoa vai fazendo isso. **como você faz quando acontece?**

A conceptualização de **saudação** é também interessante quando falamos em IF. O fenômeno faz uso de elementos do *Frame* de Conversa para estruturar algo que não é uma conversa e, com esse excerto fica mais claro esse conceito.

A forma mais comum de se iniciar uma interação em Português Brasileiro é por meio das expressões de cumprimento como “oi”, “olá”, “tudo bem?” e “tudo bom?”. O excerto 2.4 traz essas expressões no discurso docente, utilizadas não para efeitos de saudação, mas sim para explicar e, tornar mais clara a situação descrita nas linhas 204, que é cumprimentar alguém de quem não se lembra o nome. Além disso, a IF “oi querida. oi querido, tudo bom?” atua como forma de encerrar a leitura do texto, garantindo que a situação foi compreendida, já que, faz uso do *Frame* de Conversa, para explicar a situação em questão e, abre espaço para uma discussão sobre aquela situação, com uma pergunta factiva direcionada a uma aluna peruana, como visto na seção de análise pontual.

g) Pedido de informação (excerto 2.6):

252 Ramon a tática que eu uso é perguntar como é que tá seu sobrenome no facebook? ai
253 a pessoa fala o nome e o sobrenome
254 Turma ((risos))
255 Desirée bo:::a. ai se a pessoa te responder, não não tenho facebook (1,0)
256 ai você () mas com qual nome você gostaria de fazer?
257 Turma ((risos))
258 Ágata ou **você::: pode::: dar seu número de telefone**
259 ((falas simultâneas))
260 Ágata **() porque portuguese português é difícil para mim. pode**

No excerto 2.6, há a manifestação de propostas de solução para uma situação posta anteriormente: estar em uma interação com alguém que não se lembra o nome. Dentre as possíveis soluções, Ágata insere sua contribuição, mais especificamente um **pedido de informação** (o nome e o número de telefone), através de uma IF. A fala usada, de caráter genérico e aplicável a vários contextos de uso, projeta-nos na situação simulada já com os elementos necessários para a compreensão da proposta, sem que seja oportuna uma descrição factiva de qual seria sua solução. O interessante é notar que a solução é criada a partir do *Frame* de Conversa em Interação Fictiva, embora não se trate de uma conversa veridicamente instanciada, mas inventada, simulada ou mesmo fictiva.

Por outro lado, a contraparte factiva poderia ser parafraseada dessa forma: “eu pediria para a pessoa colocar o nome e o telefone no meu celular, e eu explicaria que o português é difícil para mim e não gostaria de escrever o nome dela errado.” Toda essa informação já está veiculada na IF, posta de forma teatralizada e dramática, o que aliado à prosódia, torna-nos quase espectadores da situação, como se ela estivesse ocorrendo naquele momento. Assim, a IF ganha em vivacidade, em capacidade de convencimento e de entendimento. Afinal, o ato de explicar pode ser compreendido como uma forma de persuadir o outro para o conhecimento.

h) Indignação (excerto 2.7):

280 Ágata eu falei (antes) meu marido tem memória para nomes ótima
 282 Desirée que maravi::lha de marido
 282 Ágata ó::tima ele () nome. Todas
 283 Desirée ai que coisa
 284 Ágata é. eu não sei porque-
 285 Desirée é até absurdo né? até incomoda. poxa, não precisa tanto
 286 Ágata ()
 287 Desirée sabe tudo?
 288 Ágata sim (.)
 289 Desirée °eu sou incapaz°
 290 Ágata por exemplo, um deles ele é::: (cone-)=
 291 Desirée Conheceu
 292 Ágata si. pessoa uma vez, depois oi, olá (.) e aí é olá. que é isso? (porque
você-)
 293 Turma ((falas simultâneas)) ((risos))
 294 Ágata todas mulheres, todas ()
 295 ((falas simultâneas))
 296 Desirée andré andré começa a esquecer meu filho. aprende a esquecer
 297 Arlete eu tenho esse problema também
 298 Desirée com quem?
 299 Arlete com (yago) porque (lembra de) cara, nome, escola, vida tudo

A aluna de nacionalidade russa, Ágata recorre ao *Frame* de Conversa, em Interação Fictiva, para veicular um ato de **indignação**, nas linhas 292 e 293 (em verde). Isso ocorre logo após ela manifestar o fato de que basta uma primeira vez de contato entre o marido dela e as pessoas para ele não se esquecer do nome delas. Imediatamente em seguida, Ágata conceptualiza uma saudação em forma de IF (“oi, olá (.) e aí é olá”), animando a voz dos interlocutores, em caráter genérico nas linhas 292 e 293 (“que é isso? (porque você)), em verde. A aluna faz uso da IF para expor sua indignação com o fato de o marido ter tanta facilidade para se lembrar das pessoas e ela não. Essa manifestação faz parte da cena projetada e, atende a um outro propósito comunicativo, como dito anteriormente, a conceptualização de um sentimento de **indignação**. Ágata poderia fazer uso de uma representação factiva para enquadrar esse sentimento, dizendo por exemplo: “eu fico impressionada com a memória dele”. No entanto, opta por um molde de discurso reportado não genuíno, que, por ter similaridades formais e funcionais com Discurso Reportado canônico, ativa a dramaticidade interacional da cena e torna sua **indignação** mais vívida, tão vívida que ela é conceptualizada como conversa.

i) Explicação (excerto 2.11):

646 Desirée o paulo dorme em todas as aulas ((risos)) o paulo é famoso, mas não é
 647 o paulo hoje não, o paulo tá quieto. tá até assim oh () bom,
 648 quando você quer inserir uma ressalva. isso aqui eu não soube
 649 traduzir bem pra vocês. ressalva é uma maneira de falar assim, olha

650 tem isso, a gente (o porém) pior ainda né? é difícil. agora quando
 651 você admite algo. as vezes é::: quando a gente é criança, e pede as
 652 coisas pro pai da gente ele tem esse discurso que a gente vai ver
 653 aqui é::: **embora, eu saiba que você gosta mui:::to desse videogame.**
 654 **embora eu saiba que a sua mãe concordou. embora você mereça porque**
 655 **você é um excelen:::te filho, eu não vou poder dar** (.) certo? isso a
 656 gente chama de concessiva na gramática. porque é assim, **você fala**
 657 **assim eu sei, eu sei, eu entendo, agora, não vai ter jeito.** então
 658 quando você usa esse sistema, **você faz esse efeito. tá? de falar assim**
 659 **eu sei disso, eu sei, não adianta você falar. eu tô entendendo isso**
 660 **aqui é verdade, isso aqui é verdade, isso aqui é verdade. ma:::s não**
 661 vai ter jeito, ok? então aqui você tem vários exemplos oh. embora o
 662 café esteja quente, está sem açúcar. então já sabe que você está
 663 reclamando. tá? ainda que o café esteja quente, tá sem açúcar (.)
 664 agora, esse aqui é muito chique. °Não obstante° o café esteja quente.
 665 isso aqui é horroroso. °(esse) aqui a gente não usa quase nunca° eu
 666 nem soube usar direito

A professora Desirée, nesse excerto, faz uso circunstancial de um monólogo que apresenta um diálogo fictivo em que explica o uso da conjunção “embora”. Destacam-se as linhas 653 a 660, em verde, nas quais a docente faz uso de experiências cotidianas para tratar de tópicos gramaticais. A **explicação** acerca dos empregos de “embora” ocorre a partir de uma contextualização de caráter fictivo, em que falas e interlocutores são forjados para atender ao propósito comunicativo de ensino. As expressões de IF emolduram a explicação, recorrendo mais uma vez ao *Frame* de Conversa, como estrutura de conhecimento a serviço da busca de eficácia comunicativa. As experiências abordadas possuem uma carga semântica semelhante a aquela que se pretende explicar no uso da conjunção, e o *Frame* de Conversa atende a esse propósito.

Os casos de Exemplificação em Discurso Direto Fictivo, para promover conceptualizações descritos acima, evidencia alguns pontos. O primeiro deles diz respeito a não aleatoriedade no emprego da IF que acaba influenciado o segundo ponto, relativo às informações veiculadas pelo fenômeno.

As aulas de Português para Estrangeiros são fortemente marcadas por cenas de interação verbal entre docente e discentes e pelo compartilhamento de informações,

diferentemente de aulas de inclinação expositiva. O ambiente composto por pessoas de diferentes nacionalidades torna esse compartilhamento natural e enriquecedor, não só na aprendizagem da Língua Portuguesa, mas também no processo de enriquecimento cultural. As duas aulas analisadas apresentam essa questão como ponto comum. São aulas com temas diversos e muito marcadas por essas contribuições dos alunos.

Essa informação é relevante nesse ponto da análise, pois como dito anteriormente, um dos aspectos que também nos chama a atenção diz respeito à questão emocional veiculadas pela IF. Ao criarem uma cena para compartilhar suas experiências por meio da Interação Fictiva, os falantes atribuem ao fenômeno um caráter dramático e teatral, tornando suas manifestações pessoais mais vívidas, que apelam fortemente para o engajamento emocional dos interlocutores. Mesmo a professora Desirée também adiciona esse caráter dramático a suas manifestações de IF, o que licencia os alunos a fazerem o mesmo.

Por outro lado, a opção pela contraparte factiva dos usos de IF, inseridos como possíveis exemplos ao longo dessa seção, parece não agregar essa informação de natureza emocional, da mesma forma que a IF. A IF possibilita aos ouvintes, se tornarem espectadores das cenas, acessando não só seu conhecimento acerca da língua, mas também suas experiências particulares que vão além do conteúdo linguístico. Observa-se que o uso de IFs como estratégia de ensino/aprendizagem diz respeito ao apelo à natureza dos afetos e das afetações como forma de busca de engajamento dos participantes para a temática que está sendo tratada em sala de aula. Não há como negar que o processo de ensino/aprendizagem passa por um filtro afetivo, que atua, como uma base constitutiva. Krashen (1982) utiliza o termo “filtro afetivo” para tratar dos fatores externos à sala de aula e das emoções (fator interno) dos alunos como elementos da influência do rendimento em sala de aula. O professor não necessariamente possuiria controle sobre esse filtro, pois não seria possível desligá-lo, sendo possível apenas concluir, portanto, que toda aprendizagem passa por ele.

As diferentes conceptualizações encontradas nos mostraram, então, que ao veicular as emoções presentes nas situações, o discurso apresenta-se mais disponível ou

acessível ao engajamento cognitivo-interacional conjunto entre os participantes envolvidos na cena sala de aula e, conseqüentemente, o propósito comunicativo de ensino/aprendizagem parece se tornar mais simples de ser alcançado. Ao se veicularem a informações objetivas, tanto docente quanto discentes, por meio de uma estrutura bem conhecida por todos (*Frame de Conversa*) também veiculam informação emocional, tornando maior a potencialidade de identificação entre interlocutores acerca de vivências e experiências.

Dessa forma, baseando-nos nas análises empreendidas, podemos considerar a IF como um fenômeno por meio do qual as emoções são canalizadas.

Os interlocutores criam enunciados fictivos para situações específicas e, com esses enunciados, transmitem toda a carga semântica e emocional ligada a determinados momentos vividos. Parece não ser possível desvincular o conteúdo emocional atrelado à IF, que traz exemplos de situações vividas, principalmente por se tratar de experiências particulares. Por outro lado, a descrição através da contraparte factiva, parece diluir a carga emocional, já que se fala de uma perspectiva externa sobre o fato, enquanto a Interação Fictiva, permite aos participantes das cenas, quase reviverem (ou se imaginarem vivendo) o momento experienciado.

7.2 Padrão Pergunta-Resposta

O segundo padrão encontrado retoma Pascual (2014) quando a autora aponta o uso da estrutura pergunta-reposta pelo professor (p.52), como forma de organizar o discurso.

Esse uso organiza o andamento da explicação de um tópico, de forma a prever possíveis dúvidas dos alunos, antecipando-as antes que elas se manifestem, garantindo o fluxo do discurso, como mostra o excerto 2.10:

626 Desirée () entende? a tristeza que da, não dá você ficou contente, com
 627 a primeira parte da frase, aí vem um mas (1,0) quando você escuta o
 628 mas já dá a tristeza, porque (.) não vai. não vai pra frente, não
 629 é? só que quando você escuta o embora (.) você já vai prestar atenção
 630 nesse. e vai saber se vai dar certo ou errado. por que quando vem o
 631 embora, e fala assim embora o diretor tenha gostado muito da ideia (.)
 632 ninguém se anima com essa (sentença) zero.zero de animação né. agora,

633 pode ser ao contrário. embora não tenha dinheiro. ô. o diretor vai
 634 dar um jeito, certo? embora não tenha dinheiro o diretor vai falar
 635 com o reitor. não sei (1,0) tem esperança. então o que é interessante
 636 aqui. é quando você tem esse sistema, ele já desvaloriza essa parte.
 637 certo? aqui não, aqui você não sabe o que vai acontecer até o mas
 638 chegar. por isso esse formato é muito comum em ciência(.) **por que?**
 639 **porque no texto acadêmico,** você precisa, as vezes, explicar por que
 640 você não vai usar uma teoria. então, a gente fala assim, embora
 641 a teoria do Joaquim seja essa, essa, essa eu vou usar outra. entende?
 642 então () sono, eu to ficando com sono. esse barulhinho aqui,
 643 esse calor, a essa hora () tem três alunos assim já

Esse uso já era esperado no contexto de sala de aula, visto que já havia sido postulado por Pascual (2014, p.52) mas nos surpreendeu com relação à sua produtividade. Apenas um excerto, dentre as duas aulas analisadas, contou com o padrão pergunta-resposta como organizador de discurso. O padrão de Exemplificação em Discurso Direto Fictivo não era esperado e se mostrou com uma recorrência muito maior no contexto analisado.

Podemos compreender o padrão nos termos de Pascual (2014, p. 51) que o caracteriza como um padrão gramaticalizado, prototípico na estrutura conversacional, representando uma alternância nos papéis de falante e ouvinte. No nível discursivo, a autora enquadra o padrão pergunta-resposta no nível interssentencial, marcado por apresentar informações estruturais e relacionais entre sentenças ou cláusulas.

O falante e o interlocutor se engajam em uma troca de turnos, mas que não corresponde diretamente aos atuais participantes da interação, isto é, os participantes que ocupam as posições de falante e interlocutor são fictivos. Além disso, o que está sendo veiculado com o *Frame* de Conversa, não é, de fato uma conversa, como mostra o excerto acima. A professora se engaja na troca de turnos, animando tanto a voz do falante quanto do interlocutor, via *Frame* de Conversa, mas com o objetivo de antecipar e esclarecer uma possível dúvida dos alunos.

Pascual (2014) trata dos possíveis propósitos comunicativos pretendidos ao se lançar mão do padrão pergunta-resposta, a saber: introduzir tópico (e.g. Você conhece a nossa empresa? Nossa empresa está no ramo há mais de 10 anos), foco (e.g. Por que? Todos nós sabemos) e condicionalidade (e.g. Ele virá? Então eu irei embora).

O excerto 2.10 apresenta um caso de uso do padrão pergunta-resposta com o objetivo de estabelecer um foco. Ao enunciar uma pergunta, os ouvintes tendem a ficar mais atentos, seja por acreditarem que terão que respondê-la, seja por se interessarem pela resposta. No contexto de sala de aula, portanto, o uso desse padrão atende tanto a um propósito comunicativo de estabelecer foco, quanto de promover uma reparação prévia de uma possível dúvida.

Outro indício de que se trata de uma pergunta fictiva, presente nas linhas 638 e 639, está relacionada à falta de tempo de resposta. A docente pergunta e responde mantendo o fluxo discursivo, não havendo nenhum tipo de tempo de espera para que aquela pergunta fosse respondida ou ao menos refletida pelos alunos. Dentro do contexto de ensino/aprendizagem essa manutenção do fluxo discursivo, colabora para a compreensão do que está sendo tratado naquele momento. É quase como se o professor pudesse ler a mente dos alunos naquele momento da explicação.

Ainda no tocante às perguntas fictivas, temos os marcadores fictivos que foram propositalmente deixados para essa seção de análise, por terem sido recorrentes nas duas aulas. Os marcadores discursivos são compreendidos como perguntas fictivas, mas não pertencem ao padrão pergunta-resposta e nem ao nível interssentencial, como veremos a seguir.

7.3 Marcadores discursivos

Dentre os padrões funcionais encontrados, os marcadores discursivos se mostraram o mais recorrente no *corpus*, estando presente em quase todos os excertos analisados na seção de análise pontual. Entretanto, os propósitos comunicativos desses marcadores são tão similares que optamos por tratá-los em uma única vez.

Os marcadores discursivos são tratados por Pascual (2014) como perguntas fictivas que ocorrem no nível sentencial. Esses casos são tratados por Langacker (1999) como Atos de Fala Virtuais¹⁵ compreendidos por ele como instância de fictividade que ocorrem no nível de força ilocucionária. Em outras palavras, o falante “na verdade

¹⁵ “Virtual speech acts”

não pretende induzir o ouvinte a aceitar a proposição como verdadeira, mas sim colocá-lo para ser avaliado¹⁶. ” (LANGACKER, 1999, p.90)

As perguntas fictivas são entendidas dessa forma, pois usam a estrutura de uma pergunta com outro propósito discursivo. Não há a intenção de que tal pergunta seja respondida pelo interlocutor, figurando muito mais como um comentário, cujo significado é compreendido intersubjetivamente no discurso. Dessa forma, ao enunciar “Quem precisa de um Mercedes? ”, não se trata de uma pergunta que anseia por uma resposta, mas sim um comentário no qual já está embutida uma resposta negativa, isto é, ninguém precisa de um Mercedes.

Dentro do nível sentencial, além das perguntas fictivas, também se encontram as afirmações fictivas (e.g “Deus sabe o quanto eu lutei”), os comandos fictivos (e.g “Diga se isso não é uma ofensa”), as perguntas fictivas (e.g “Para que se preocupar?”) e os cumprimentos, pedidos de desculpa e trocas de polidez fictivas (e.g “Que me desculpe o Paulo, mas aquilo foi ridículo”) (Pascual, 2014).

As perguntas fictivas podem atender a diferentes propósitos comunicativos, como introduzir afirmações, expressar intensa convicção (Pascual, 2014) e checar a audiência, como é o caso dos marcadores discursivos encontrados no *corpus*.

Como os usos dos marcadores discursivos foram recorrentes e encontrados em grande parte dos excertos, reproduzimos o excerto 2.10 abaixo para observarmos como ocorrem e qual propósito comunicativo objetivam.

626 Desirée () **entende?** a tristeza que da, não dá você ficou contente, com
 627 a primeira parte da frase, aí vem um mas (1,0) quando você escuta o
 628 mas já dá a tristeza, porque (.) não vai. não vai pra frente, **não**
 629 **é?** só que quando você escuta o embora (.) você já vai prestar atenção
 630 nesse. e vai saber se vai dar certo ou errado. por que quando vem o
 631 embora, e fala assim embora o diretor tenha gostado muito da ideia (.)
 632 ninguém se anima com essa (sentença) zero.zero de animação né. agora,
 633 pode ser ao contrário. embora não tenha dinheiro. ô. o diretor vai
 634 dar um jeito, **certo?** embora não tenha dinheiro o diretor vai falar
 635 com o reitor. não sei (1,0) tem esperança. então o que é interessante
 636 aqui. é quando você tem esse sistema, ele já desvaloriza essa parte.
 637 **certo?** aqui não, aqui você não sabe o que vai acontecer até o mas
 638 chegar. por isso esse formato é muito comum em ciência(.) por que?
 639 porque no texto acadêmico, você precisa, as vezes, explicar por que

¹⁶ “[...] actual intent is not to induce the hearer to accept the proposition as true, but merely to put it on stage for examination.” (LANGACKER, 1999 , p.90)

640 você não vai usar uma teoria. então, a gente fala assim, embora
 641 a teoria do Joaquim seja essa, essa, essa eu vou usar outra. entende?
 642 então ()sono, eu to ficando com sono. esse barulhinho aqui,
 643 esse calor, a essa hora ()tem três alunos assim já

Os marcadores discursivos “entende?”, “não é?” e certo?”, destacados em azul, ocorreram diversas vezes na fala da docente, como podemos observar no excerto acima. Tais marcadores não anseiam por uma resposta e não pertencem ao padrão pergunta-resposta, pois além de não haver tempo hábil para resposta, após seu uso verificamos uma sequência discursiva. As perguntas fictivas destacadas em azul, não apresentam nenhum tipo de conteúdo para o qual se espera uma resposta.

O uso desses marcadores no contexto de sala de aula atende ao propósito de checar a audiência, isto é, observar se os alunos estão compreendendo o que está sendo dito, sendo que essa checagem é feita por meio da observação de gestos de cabeça ou mesmo da expressão facial dos alunos. Além disso, atendem o propósito de abrir espaço para que o aluno reflita se ele possui uma dúvida e a manifeste naquele momento.

De forma geral, os marcadores são tratados como instâncias de IF por não serem tratados, de fato, como perguntas. A compreensão desses marcadores está muito mais ligada a um encadeamento discursivo, quase como um pedido da docente para que possa seguir na explicação. As perguntas fictivas presentes no excerto 2.10 são seguidas por uma explicação, atuando como uma estratégia para reforçar o que foi dito anteriormente, aliado a uma checagem por parte da docente, se os alunos estão compreendendo aquele conteúdo.

Acreditamos, com base nos achados nessa análise, que os marcadores discursivos constituem uma estratégia amplamente usada no contexto de sala de aula. Por vezes, o discurso docente se torna um monólogo, mas que precisa de um *feedback* da audiência, no caso, os alunos. Esse *feedback* acontece, principalmente, por meio de gestos de cabeça e expressão facial, mas não descartamos a possibilidade de esses marcadores abrirem espaço para que os alunos manifestem suas dúvidas ou comentários verbalmente, isto é, apesar de serem empregadas como perguntas fictivas, é possível que algum aluno a interprete como uma pergunta factiva, fugindo

do padrão observado nessa análise. O significado da linguagem é construído de forma intersubjetiva, então, apesar de alguns padrões se mostrarem recorrentes na construção discursiva, pode ser que na interação, o falante interprete de outra forma, dependendo do propósito comunicativo pretendido.

Afim de observar os excertos analisados em sua totalidade, a próxima subseção contará com um quadro síntese, cujo objetivo é esquematizar os achados de forma que todos os excertos analisados nas duas aulas possam ser vistos de forma global.

7.4 Quadro-Síntese

Conforme anunciado na subseção anterior, a atual subseção apresenta um quadro-síntese que visa observar todos os excertos examinados na seção de análise pontual de forma global, descritos em 3 categorias: a tipologia funcional, proposta neste trabalho, na seção de análise global, a tipologia de conceptualizações ou o propósito comunicativo pretendido pela instancia de IF e, por último, se a instância está inserida no padrão discursivo Problema-Solução, proposto por Hoey (2001) e reivindicado por Rocha (2018) para casos de discursos reportados canônico e fictivo.

A tabela procura contemplar dentro da seção de análise global também os excertos que não possuíam como objetivo a conceptualização. Os marcadores discursivos, por terem ocorrido de forma aleatória e dispersa no *corpus* não entraram nessa tabela.

Tabela 3: Quadro-síntese dos excertos analisados

Instâncias de IF encontradas	Tipologia funcional	Tipologia de conceptualizações/ propósito comunicativo	Padrão discursivo Problema-Solução Hoey (2001)
<p>1)</p> <p>216 Mafalda eu acho que precisa maturidade também</p> <p>217 Desirée Maturidade</p> <p>218 Mafalda É::: a primeira vez que foi fora do país tinha dezenove</p> <p>219 anos, e:: e-eu estava nos estados unidos no país da</p> <p>220 frança tem sete horas diferença.quando você tem</p> <p>221 problema mamãe não tá mais aqui ela tá dormindo. então</p> <p>222 <u>você tá ligando. mãe tenho problema de barriga.como faz?</u></p> <p>223 problema</p> <p>de:::qualquer coisa de saúde eu tava acostumada</p> <p>224 a::: ligar ou ter problema com::: qualquer coisa da</p> <p>225 administração, você::: você tem que fazer todas as coisas</p> <p>226 sozinho °sabe?° então isso [eu acho que é a dificuldade]</p>	<p>Exemplificação em Discurso Direto Fictivo</p>	<p>Conceptualização de situação</p>	<p>Solução, pois a aluna ao utilizar a instância de IF sinaliza que a princípio, a solução para os problemas que surgiam era ligar para a mãe.</p>
<p>2)</p> <p>826 Mafalda [aprendeu a fazer] pão aqui.quando::: deixei a frança. aprendeu a</p> <p>827 fazer comida, aprendeu a fazer pão porque minha mãe [()]=</p> <p>828 Turma</p> <p>[[((risos))]]</p> <p>829 Desirée</p> <p>[()]</p> <p>830 Mafalda = as padarias estavam fazendo. eu chego aqui não tem croissant</p> <p>831 não tem pão (),tenho que fazer.</p> <p>832 Desirée ((risos))</p> <p>833 Mafalda <u>quando eu tenho que fazer (croissant). ai meu deus demora doze horas</u></p> <p>834 para fazer?</p> <p>835 Turma ((risos))</p>	<p>Exemplificação em Discurso Direto Fictivo</p>	<p>Atua como exemplo a afirmação anterior “não tem pão () tenho que fazer”</p>	<p>Solução, pois ao se lembrar que são necessárias 12 horas para o preparo do Croissant, Mafalda enuncia a solução para o fato de não haver pão.</p>
<p>3)</p> <p>871 Mafalda uma coi- uma coisa também que é engraçada (.) que quando::: quando</p> <p>872 eu tô no brasil se sente muito francesa (.) mas quando volto pra</p> <p>873 frança me sinto turista</p> <p>874 Turma ((risos))</p> <p>875 Mafalda <u>quando chego na frança. meu deus tudo lin:::do. arquitetura linda.</u></p> <p>876 esse céu</p> <p>877 Turma [[((risos))]]</p>	<p>Exemplificação em Discurso Direto Fictivo</p>	<p>Conceptualização de Sensação</p>	<p>Não se aplica, pois não se trata do Padrão Problema-Solução</p>
<p>4)</p> <p>878 Mafalda [()]</p> <p>879 Desirée é verdade é verdade (1,0) sabe que eu passei por esse</p> <p>880 [processo] =</p> <p>881 João [()]</p> <p>882 Desirée = simplesmente porque eu morei (1,0) quase onze anos, fora de</p> <p>883 juiz de fora (.) eu num morei fora do brasil. mas eu morei em</p>	<p>Exemplificação em Discurso Direto Fictivo</p>	<p>Exemplos que ilustram o sentimento de entrelugar experimentado por Desirée.</p>	<p>Não se aplica, pois não se trata do Padrão Problema-Solução.</p>

<p>884 niterói (.) sete anos eu acho ou oito e depois eu morei três</p> <p>885 anos em itaipava (.) que é::: ↑É perto e eu vinha toda semana</p> <p>886 (.) mas eu me acostumei a fazer compra lá, a ter mé:::dico</p> <p>887 dentista (.) é::: comprar roupa, fazer un:::ha, coisa de</p> <p>888 menina né? cotidiano. eu conhecia o supermercado de niterói</p> <p>889 todinho (.) aí eu voltei pra juiz de fora, <perdida></p> <p>890 Turma ((risos))</p> <p>891 Desirée <u>eu olhava. cadê a loja? (.) a loja acabou Desirée. há anos</u></p> <p>892 <u>você não percebeu? Eu falei não.</u> Porque eu só vinha em</p> <p>893 juiz de fora rápido (.) e eu vinha pra trabalhar (.) então</p> <p>894 quando eu chegava em juiz de fora, eu chegava aqui dentro</p> <p>895 i:::sso aqui era juiz de fora pra mim. isso e meu apartamento</p> <p>896 que eu tinha aqui. mas entrava no apartamento >comia, tomava</p> <p>897 banho e dormia, acordava e vinha pra universidade< e daí eu</p> <p>898 pe-pegava minha bolsinha porque eu tinha dois guarda roupas</p> <p>899 (.) dois de tudo na minha vida (.) e::: voltava pra minha</p> <p>900 outra casa em outra cidade. né? quando eu cheguei só em juiz</p> <p>901 de fora, ma foi muito esquisito. eu entendo o que você quer</p> <p>902 dizer. >eu falava assim< gente que prédio legal né? olha essa</p> <p>903 loja aí as pessoas te olham assim::: ma:::s você não é daqui?</p> <p>904 ((risos))</p> <p>905 Turma ((risos))</p>			
<p>5)</p> <p>917 Desirée e:::xatamente. exatamente né? e é o preço que a gente paga</p> <p>918 por sair (.) quando a gente nunca saiu, a gente não sabe o que</p> <p>919 é ser daquele país né (1,0) a gente nunca saiu de lá (.) <u>no dia</u></p> <p>920 <u>que a gente sai fala olha ser brasileiro então é assim né? (.)</u></p> <p>921 igua- a primeira vez que olharam pra minha cara em em niterói</p> <p>922 (.) <u>falaram assim você é mineira né? (.) eu falei por que você</u></p> <p>923 <u>acha isso? ah. seu jeito. °totalmente diferente° aí eu falei.</u></p> <p>924 <u>uai. como assim?</u></p>	<p>Exemplificação em Discurso Direto Fictivo</p>	<p>Compreensão repentina ou <i>insight</i></p>	<p>Solução, pois as instâncias de IF tratam da compreensão de si como pertencente a um determinado lugar, solucionando a questão de não saber de onde é.</p>
<p>6)</p> <p>065 Desirée eu to dizendo, quando eu falo eu fui pra espanha,pra frança nada de</p> <p>066 importante. <u>mas se eu estou com vontade de virar e falar assim.</u></p> <p>067 <u>ai eu sou chic eu falo eu fui pra espanha e também pra frança. faço</u></p> <p>068 <u>com a mãozinha assim</u></p>	<p>Exemplificação em Discurso Direto Fictivo</p>	<p>Conceptualização de Postura ou Atitude</p>	<p>Não se aplica, pois não se trata do Padrão Problema-Solução</p>
<p>7)</p>	<p>Exemplificação em Discurso Direto Fictivo</p>	<p>Conceptualização de Admiração</p>	<p>Não se aplica, pois não se trata do</p>

<p>086 Desirée mais uma fã do yan, né? quando eu falo e ainda faz teatro, <u>eu to.</u></p> <p>087 <u>dizendo assim. isso é incrível.</u> certo? isso é além do esperado. ta?</p> <p>088 se a se eu to contando viagem, eu posso falar assim eu sai do rio de</p> <p>089 janeiro de ca:::ro, passei (.) pelo nordeste todo, conheci todas as</p> <p>090 capitais e ainda deixei o carro e fui de avião até Manaus e voltei (.)</p> <p>091 o deixei o carro, fui até Manaus e voltei é um (.) extra certo? ta</p> <p>092 entendendo? bom.</p>			Padrão Problema-Solução
<p>8)</p> <p>180 Desirée °ok?° (45,0) vamos ler junto? (2,0) quem já passou por essa situação?</p> <p>181 (.) a pessoa cumprimenta com um forte abraço, dizendo seu nome (.) e</p> <p>182 você não tem (a mais) >remota ideia de quem seja< (.) °quer dizer que</p> <p>183 você não sabe quem é° nem imagina (.) a pessoa fala seu nome, <u>tudo</u></p> <p>184 <u>bom. quanto tempo que eu não te encontro</u> e fala fala fala () né?</p>	Exemplificação em Discurso Direto Fictivo	Conceptualização de Saudação	Não se aplica, pois não se trata do Padrão Problema-Solução
<p>9)</p> <p>196 Desirée é. socialmente. traquejo social, por exemplo, é quando você sabe se</p> <p>197 comportar em um jantar chique (.) ter que pegar o garfinho, fazer</p> <p>198 assim () né? é::: saber como se comportar com as pessoas, de um</p> <p>199 modo diferente. esse tipo de coisa. né? é::: se a outra pessoa lembra</p> <p>200 seu nome, provavelmente vocês já foram apresentados. e porque você</p> <p>201 esqueceu dela? (.) porque esqueceu né? você não lembra, não tem</p> <p>202 por que (.) a desculpa de memória péssima para nomes é uma desculpa</p> <p>203 desgastada, mas é verdadeira. assim como se referir a pessoa como</p> <p>204 querida ou querido. <u>a gente faz oi querida. oi querido. tudo bom?</u> né</p> <p>205 e a pessoa vai fazendo isso. como você faz quando acontece?</p>	Exemplificação em Discurso Direto Fictivo	Conceptualização de Saudação	Não se aplica, pois não se trata do Padrão Problema-Solução
<p>10)</p> <p>206 Isabelle eu::: quando uma pessoa me cumprimenta=</p> <p>207 Desirée Uhum</p> <p>208 Isabelle =e eu não sei quem é=</p> <p>209 Desirée Uhum</p> <p>210 Isabelle = é::: eu sigo::: na conversa com ela</p> <p>211 Turma ((risos))</p> <p>212 Isabelle () de onde eu conheço ela? não sei não sei</p> <p>213 Turma ((risos))</p>	Exemplificação em Discurso Direto fictivo	Conceptualização de Compreensão Repentina ou <i>insight</i>	Não se aplica, pois não se trata do Padrão Problema-Solução

<p>214 Isabelle só que ela () comenta alguma coisa que <u>plim. ah sim o::i</u> 11)</p> <p>252 Ramon a tática que eu uso é perguntar <u>como é que tá seu sobrenome no</u> <u>facebook?</u> ai</p> <p>253 a pessoa fala o nome e o sobrenome</p> <p>254 Turma ((risos))</p> <p>255 Desirée bo::a. <u>ai se a pessoa</u> <u>te responder. não não tenho facebook</u> (1,0)</p> <p>256 <u>ai você () mas com</u> <u>qual nome você gostaria de fazer?</u></p> <p>257 Turma ((risos))</p> <p>258 Ágata <u>ou você:: pode:: dar</u> <u>seu número de telefone</u></p> <p>259 ((falas simultâneas))</p> <p>260 Ágata () <u>porque</u> <u>português português é difícil para mim.</u> <u>pode</u></p> <p>261 ()</p>	<p>Discurso Direto Canônico / Discurso Direto Fictivo</p>	<p>Conceptualização de Pedido de informação</p>	<p>Solução, pois a aluna Ágata propõe sua solução para o problema debatido diretamente por meio de uma instância de IF.</p>
<p>12)</p> <p>280 Ágata eu falei (antes) meu marido tem memória para nomes ótima</p> <p>282 Desirée que maravi::lha de marido</p> <p>282 Ágata ó::tima ele () nome. Tudas</p> <p>283 Desirée ai que coisa</p> <p>284 Ágata é. eu não sei porque-</p> <p>285 Desirée é até absurdo né? até incomoda. poxa, não precisa tanto</p> <p>286 Ágata ()</p> <p>287 Desirée sabe tudo?</p> <p>288 Ágata sim (.)</p> <p>289 Desirée °eu sou incapaz°</p> <p>290 Ágata por exemplo, um deles ele é:: (cone-)=</p> <p>291 Desirée Conheceu</p> <p>292 Ágata si. pessoa uma vez, depois oi, olá (.) <u>e aí é olá. que é isso?</u> <u>(porque você-)</u></p> <p>293 Turma ((falas simultâneas)) ((risos))</p> <p>294 Ágata todas mulheres, todas ()</p> <p>295 ((falas simultâneas))</p> <p>296 Desirée andré andré começa a esquecer meu filho. aprende a esquecer</p> <p>297 Arlete eu tenho esse problema também</p> <p>298 Desirée com quem?</p> <p>299 Arlete com (yago) porque () lembra de) cara, nome, escola, vida tudo</p>	<p>Exemplificação em Discurso Direto Fictivo</p>	<p>Conceptualização de Indignação</p>	<p>Não se aplica, pois não se trata do Padrão Problema- Solução</p>
<p>13)</p> <p>387 Desirée talvez. não, mas eu tô pensando assim, é bom pra emagrecer:: mas gostoso</p> <p>388 não é. né? vocês gostam do café quente e doce. quando eu quero falar</p> <p>389 que o café tá quente e não está doce (.) eu simplesmente não estou</p> <p>390 falando sobre minha preferência. mas se eu falo o café está quente</p> <p>391 Mas está sem açúcar, eu tô dizendo que eu não gosto de café sem açúcar</p> <p>392 entenderam? (.) eu gosto assim. e não gosto desse (3,0) perfeito?(5,0)</p>	<p>Exemplificação em Discurso Direto Fictivo</p>	<p>Conceptualização de sensação</p>	<p>Não se aplica, pois não se trata do Padrão Problema- Solução</p>

<p>393 as vezes você pode usar o contrário também, as vezes a primeira parte</p> <p>394 você go- você go- não gosta e essa você gosta mas. a gente () mas</p> <p>395 é o que a gente não gosta não é? <u>fala assim. hum ta sem açúcar né ?</u></p> <p>396 então aqui é o efeito de <contraposição> é quando você tem duas frases</p> <p>397 que são ligadas de um jeito em que a segunda não é o que você espera</p>			
<p>14)</p> <p>609 Desirée (3,0) entende? deixa eu fazer um outro exemplo que eu sempre usei</p> <p>610 com meus alunos brasileiros que, ajudava a entender a diferença. é:::</p> <p>611 imagina gente, que (.) nós vamos fazer uma viagem. nossa turma resolveu</p> <p>612 a gente se juntou e::: resolveu que vamos tentar viajar para:::</p> <p>613 para::: deixa eu ver para Tiradentes, no final da semana, tudo bem?</p> <p>614 aí, eu preciso, para viajar junto com vocês, da::: autorização do</p> <p>615 diretor. entende? vocês são meus alunos, é uma tarefa da faculdade,</p> <p>616 pra fazer isso eu preciso da autorização do diretor. Muito bem aí eu</p> <p>617 explico pra vocês na outra segunda feira, <u>gente vão fazer viagem.</u></p> <p>618 <u>vão fazer. vão perguntar pro diretor se pode</u> (2,0) eu chego aqui na</p> <p>619 quarta feira <u>e falo assim. o diretor gostou muito da ideia</u> (.) o que</p> <p>620 que que vocês acham? assim ou assim?</p> <p>621 Arlete ()</p> <p>622 Desirée o diretor gostou muito da ideia (2,0)</p> <p>623 Arlete °é bom°</p> <p>624 Desirée bom() tudo certo? mas não tem dinheiro (3,0)</p>	<p>Exemplificação em Discurso Direto Fictivo</p>	<p>Explicação da diferença de uso das conjunções “mas” e “embora”</p>	<p>Não se aplica, pois não se trata do Padrão Problema-Solução</p>
<p>15)</p> <p>626 Desirée () entende? a tristeza que da, não dá você ficou contente, com</p> <p>627 a primeira parte da frase, aí vem um mas (1,0) quando você escuta o</p> <p>628 mas já dá a tristeza, porque (.) não vai. não vai pra frente, não</p> <p>629 é? só que quando você escuta o embora (.) você já vai prestar atenção</p> <p>630 nesse. e vai saber se vai dar certo ou errado. por que quando vem o</p> <p>631 embora, e <u>fala assim embora o diretor tenha gostado muito da ideia</u> (.)</p> <p>632 ninguém se anima com essa (sentença) zero.zero de animação né. agora,</p>	<p>Padrão Pergunta-Resposta / exemplificação em Discurso Direto Fictivo</p>	<p>Uso do padrão pergunta-resposta com vistas a manter o fluxo discursivo e antecipar possível dúvidas dos alunos.</p>	<p>Não se aplica, pois não se trata do Padrão Problema-Solução</p>

<p>633 pode ser ao contrário. embora não tenha dinheiro. ô. o diretor vai</p> <p>634 dar um jeito, certo? embora não tenha dinheiro o diretor vai falar</p> <p>635 com o reitor. não sei (1,0) tem esperança. então o que é interessante</p> <p>636 aqui. é quando você tem esse sistema, ele já desvaloriza essa parte.</p> <p>637 certo? aqui não, aqui você não sabe o que vai acontecer até o mas</p> <p>638 chegar. por isso esse formato é muito comum em ciência(.) <u>por que?</u></p> <p>639 <u>porque no texto acadêmico.</u> você precisa, as vezes, explicar por que</p> <p>640 você não vai usar uma teoria. então, <u>a gente fala assim. embora</u></p> <p>641 <u>a teoria do Joaquim seja essa. essa. essa eu vou usar outra.</u> entende?</p> <p>642 então ()sono, eu to ficando com sono. esse barulhinho aqui,</p> <p>643 esse calor, a essa hora ()tem três alunos assim já</p>			
<p>16)</p> <p>646 Desirée o paulo dorme em todas as aulas ((risos)) o paulo é famoso, mas não é</p> <p>647 o paulo hoje não, o paulo tá quieto. tá até assim oh () bom,</p> <p>648 quando você quer inserir uma ressalva. isso aqui eu não soube</p> <p>649 traduzir bem pra vocês. <u>ressalva é uma maneira de falar assim. olha</u></p> <p>650 <u>tem isso. a gente</u> (o porém) pior ainda né? é difícil. agora quando</p> <p>651 você admite algo. as vezes é::: quando a gente é criança, e pede as</p> <p>652 coisas pro pai da gente ele tem esse discurso que a gente vai ver</p> <p>653 aqui é::: <u>embora eu saiba que você gosta mui:::to desse videogame.</u></p> <p>654 <u>embora eu saiba que a sua mãe concordou. embora você mereça porque</u></p> <p>655 <u>você é um excelen:::te filho. eu não vou poder dar (.) certo? isso a</u></p> <p>656 gente chama de concessiva na gramática. porque é assim. <u>você fala</u></p> <p>657 <u>assim eu sei. eu sei. eu entendo. agora. não vai ter jeito. então</u></p> <p>658 quando você usa esse sistema, você faz esse efeito. tá? <u>de falar assim</u></p> <p>659 eu sei disso. eu sei. <u>não adianta você falar. eu tô entendendo isso</u></p> <p>660 <u>aqui é verdade. isso aqui é verdade. isso aqui é verdade. ma:::s não</u></p> <p>661 <u>vai ter jeito. ok?</u> então aqui você tem vários exemplos oh. embora o</p>	<p>Exemplificação em Discurso Direto Fictivo</p>	<p>Conceptualização de uma Explicação</p>	<p>Não se aplica, pois não se trata do Padrão Problema-Solução</p>

<p>662 café esteja quente, está sem açúcar. então já sabe que você esta 663 reclamando. tá? ainda que o café esteja quente, tá sem açúcar (.) 664 agora, esse aqui é muito chique. ^oNão obstante^o o café esteja quente.</p>			
<p>17) 801 Desiree eu imaginei isso. a gente não tem isso na gramática () 802 por exemplo, se for eu trabalhei (2,0) embora eu- quem me ajuda 803 Isabelle tenha trabalhado 804 Desirée tenha trabalhado (10,0) ok? então <u>se eu falar assim.</u> <u>professora eu</u> 805 <u>tirei uma nota ruim (2,0) embora eu tenha</u> 806 Yago <u>Estudado</u> 807 Desirée <u>estudado</u> muito. exatamente né? <u>ai eu digo pois é você veio a aula (.)</u> 808 <u>embora você tenha</u> <u>chegado</u> 809 Yago <u>Tarde</u> 810 Desirée <u>tarde. tenha chegado.</u> <u>né. ai ele vai dizer o seguinte. embora eu</u> 811 <u>tenha chegado tarde</u> <u>eu fiz o exercício (.) ai eu digo pra você</u> 812 <u>embora você tenha</u> <u>feito o exercício. você não ouviu a explicação</u> 813 entende a briga? 814 Arlete sempre a professora sempre ganha</p>	<p>Exemplificação em Discurso Direto Fictivo</p>	<p>Conceptualização de Explicação</p>	<p>Não se aplica, pois não se trata do Padrão Problema-Solução</p>

Como podemos observar na tabela acima, as manifestações de Interação Fictiva encontradas no *corpus* podem ser todas (com exceção do excerto 2.10) classificadas como Exemplificação em Discurso Direto Fictivo. Esse achado se manifestou na deriva do *corpus*, se mostrando produtivo no contexto analisado. Entretanto, é preciso observar que apesar de, na maioria dos casos, a Exemplificação em Discurso Direto Fictivo ter como propósito comunicativo, um tipo de conceptualização, foram encontrados excertos nos quais essa Exemplificação atua como forma de ilustrar uma situação ou uma afirmação posta anteriormente, como explicitado na tabela.

Com relação ao Padrão Problema-Solução, observamos que ele ocorreu em excertos nos quais havia uma situação proposta. A tabela acima não contemplou os exemplares de Discurso Direto Canônico, mas eles foram encontrados nos excertos 5 e 11, marcados em azul na tabela, representando uma fase de apresentação de um problema, enquanto as manifestações marcadas em laranja, nos excertos 2,5 e 11, representam a fase de apresentação de uma solução, por meio de uma instância de Interação Fictiva no nível sentencial.

8. Considerações Finais

Nesta última seção do trabalho, objetivamos retornar às hipóteses iniciais, a fim de respondê-las de acordo com os achados no decorrer das análises pontual e global. Além disso, pretendemos, de forma breve, versar sobre as contribuições teóricas deste trabalho para a literatura sobre Interação Fictiva, e, sobretudo, corroborar com a hipótese, segundo a qual, estamos lidando com um universal linguístico. Finalizando a seção, trataremos da relação dos achados da pesquisa com a educação, estabelecendo, de forma rudimentar, um caminho para pesquisas posteriores que procurem observar o fenômeno como estratégia de ensino/aprendizagem em outros contextos.

A pesquisa partiu de um interesse em observar como cognição, por meio da Interação Fictiva, e ensino/aprendizagem poderiam se relacionar empiricamente. Durante a leitura de Pascual (2014) deparamo-nos com duas questões que reforçaram essa disposição inicial. A primeira questão está ligada a uma percepção da autora sobre a ocorrência do fenômeno como um organizador de discurso, no nível interssentencial. A segunda questão diz respeito à suposição da autora de se tratar de um universal linguístico.

O nosso conhecimento sobre o *frame* aula, nos levou intuitivamente a pensar que outras instâncias de IF, além daquela já percebida por Pascual (2014), fariam parte desse contexto. As interações verbais ocorridas em sala, por vezes, se assemelham sobremaneira à uma conversa, corroborando ainda mais com nossa hipótese inicial.

Não pretendemos atestar o fenômeno como um universal linguístico, pois compreendemos a insuficiência dos nossos dados para atestar algo nesse nível. Entretanto, o presente trabalho atua como mais uma evidência favorável, estabelecendo, dessa forma, um ponto no caminho para futuras pesquisas nesse sentido.

Após a definição do tema da pesquisa, a primeira pergunta foi como a IF ocorre em um contexto de ensino/aprendizagem de Português como Língua Estrangeira.

Durante a análise, pudemos observar que o fenômeno ocorre nos três níveis descritos por Pascual (2014) (intrassentencial, interssentencial, sentencial), na forma de Discurso Direto Fictivo, em contraposição ao Discurso Direto Canônico.

A segunda pergunta, relativa a quem faz uso do fenômeno no contexto abordado, revela o que já imaginávamos: tanto professora, quanto alunos fazem uso da IF em suas interações verbais buscando propósitos comunicativos semelhantes. Inicialmente, prevíamos uma produtividade maior do fenômeno por parte da docente, partindo da concepção de uma aula expositiva. Entretanto, as aulas analisadas não possuem um forte caráter expositivo, sendo equilibradas as produções dos alunos e da professora.

Esse equilíbrio nos tempos de fala da professora e dos alunos está ligada ao alto grau de compartilhamento de experiências pessoais contido nas aulas. O objetivo geral das aulas de Português como Língua Estrangeira se aproxima mais de um desenvolvimento da habilidade oral dos alunos e, usar as experiências pessoais naquele contexto, faz com que todos tenham algo a dizer. Além de criarem um ambiente de aprendizagem, aquele ambiente também se torna um espaço de acolhimento.

Durante a análise, observamos que os propósitos discursivos pretendidos ao se fazer uso da IF estavam ligados à busca por uma exemplificação. Os participantes faziam uso do fenômeno em Discurso Direto buscando exemplificar uma afirmação anteriormente dita e conceptualizar situações diversas, como ATIVIDADE, SENSAÇÃO, COMPREENSÃO REPENTINA ou *INSIGHT*, POSTURA ou ATITUDE, ADMIRAÇÃO, SUDAÇÃO, PEDIDO DE INFORMAÇÃO, INDIGNAÇÃO E EXPLICAÇÃO. Em outras palavras, os falantes recorriam ao *Frame* de Conversa, para tratar de situações que não são compreendidas como conversa. O acesso a essas “cenas” ocorria por meio de uma Interação Fictiva.

Pensando na relação entre a IF e o processo de ensino/aprendizagem, observamos que o fenômeno atua efetivamente na construção do conhecimento ao ser aplicado como uma estratégia para tornar uma explicação mais conceptualizável, isto é, para se fazer entender no discurso. Em se tratando de um contexto de aprendizagem de

língua, percebemos que os falantes recorrem a partes mais relevantes do diálogo para falar de situações que estão ocorrendo naquele momento. Além disso, as ocorrências do fenômeno carregam em si um forte caráter dramático, quase como teatro, uma encenação enquanto está havendo a projeção em um espaço mental. A teatralização agregada às instâncias de IF parece tornar a cena em questão mais vívida, provocando uma identificação maior dos interlocutores.

Como dito anteriormente, os padrões formais encontrados são os mesmos já descritos por Pascual (2014), mas no que diz respeito aos padrões funcionais, além do padrão pergunta-resposta e dos marcadores discursivos, a emergência das conceptualizações de ATIVIDADE, SENSAÇÃO, COMPREENSÃO REPENTINA ou *INSIGHT*, POSTURA ou ATITUDE, ADMIRAÇÃO, SUDAÇÃO, PEDIDO DE INFORMAÇÃO, INDIGNAÇÃO E EXPLICAÇÃO se mostraram a mais produtiva em sala de aula. Acreditávamos que o padrão pergunta-resposta como organizador do discurso seria o mais produtivo, mas fomos surpreendidos pelas conceptualizações.

A universalidade do *Frame* de Conversa e o conhecimento dos seus elementos o tornam de fácil acesso no encadeamento discursivo, seja com um caráter argumentativo ou conceptualizador, como visto neste trabalho.

Finalizando, podemos dizer que o fenômeno da IF é sim produtivo no contexto de sala de aula, isto é, de fato, a IF atua como uma estratégia no processo de ensino/aprendizagem, pois os falantes tendem a usar o que é de conhecimento comum para tornar a comunicação mais clara possível, sem truncamentos ao longo do discurso. Isso se torna evidente na análise, quando vemos que os próprios interlocutores licenciam essa interpretação, atestando, no discurso, que compreenderam a informação inserida por meio do fenômeno.

O trabalho ainda mostrou que de fato o *Frame* de Conversa se constitui como conhecimento compartilhado, sendo empregado rotineiramente. Os falantes fazem um uso quase inconsciente do fenômeno. Dessa forma, acreditamos que este trabalho se constitui como uma contribuição teórica ao mostrar que o fenômeno pode ser utilizado conscientemente, como uma estratégia alternativa no processo de ensino/aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNER, J.S. (1983). *Child's talk*. New York: Norton.

BUDWING, N., Užgiris, I.Č., & Wertsch, J.V. (Eds.). (2000). *Communication: An arena of development*. Stamford: Ablex

CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. São Paulo: Martin Claret, 2007. Título original em inglês: *Alice's Adventures in Wonderland* (1866)

CICOUREL, A.V. 1974. Interviewing and memory. In C. Cherry (ed.) *Pragmatic Aspects of Human Communication*. Dordrecht and Boston: D. Reidel Publishing Company.

CLARK, H.H. 1996. *Using language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

CLARK, H. H., & BRENNAN, S. E. (1991). Grounding in communication. In L. B. Resnick, J. M. Levine, & S. D. Teasley (Eds.), *Perspectives on socially shared cognition* (pp. 127-149). Washington, DC, US: American Psychological Association.

CLARK, E.V. 2003. *First Language Acquisition*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

COSTA JÚNIOR, J. C. D. *Compostos de Discurso Direto no Português do Brasil*. 2016. 128f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

COUTINHO, P. R. V. ROCHA, L. F. M. . A contraparte prosódica em construções de discurso reportado. *REVISTA LINGUÍSTICA*, v. 12, p. 173-187, 2016.

DABENE, L. (1984) Pour une taxonomie des opérations métacommunicatives en classe de langue étrangère. *Études de Linguistique Appliqués* 55:39-46. Paris: Didier Erudition.

DORNELAS, A. B.; ROCHA, L. F. M. Movimento fictivo no português brasileiro: uma abordagem construcionista. *Linguagem & Ensino*, v. 17, n. 1, 2014, 129-150.

EDMONSON, W. (1985) *Discourse worlds in the classroom and in foreign language learning. Studies in Second Language Acquisition* 7:159-168.

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. New York: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G. *Mental Spaces: aspects of meaning construction in natural languages*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.

FILLMORE, C.J. Pragmatic and the description of discourse. In P. Cole (Ed.), *Radical pragmatics* (Vol. 3). New York: Academic Press, p.1143-166, 1981.

FILLMORE, C.J. Frame semantics. In: *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co., p.111-137, 1982.

FERRARI, Lilian. A teoria dos espaços mentais. In: _____. *Introdução à Linguística Cognitiva*. 1. ed., 2. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016. p. 109-128.

GARCEZ, P. de M; BULLA, G. de S.; LODER, L.L. *Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos*. DELTA, v.30, n.2,2014.

GAWRON, J. M. *Frame Semantics*. San Diego State University, 2008.

GIL, G. A dimensão imaginária da sala de aula de língua estrangeira: considerações preliminares de um estudo etnográfico de sala de aula de LE. Universidade Federal de Santa Catarina, 1997

GOFFMAN, Erving (1976), "Replies and responses". *Language and Society*, 5 (3) (Dec.): 257–313.

HOEY, M. (2001). *Textual interaction: An introduction to written discourse analysis*. London: Routledge. McCarthy, M. (1991). *Discourse analysis for language teachers*. Cambridge, Cambridge University Press. McCarthy, M. (1993). *Discourse analysis for language teachers*. Cambridge: Cambridge University Press. McCarthy, M. and R. A. Carter (1994). *Language as discourse: perspectives for language teaching*. London, Longman.

JANZEN, T. 1999. The grammaticization of topics in American Sign Language. *Studies in Language* 23: 271–306

KEENAN, E.L. & R.D. HULL. 1973. The logical syntax of direct and indirect questions. In C. Corum, T. Cedric Smith-Stark & A. Weiser (eds). *You Take the High Node and I'll Take the Low Node*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 348–371.

KRASHEN, S. D. (1982). *Principles and practice in second language acquisition*. Oxford: Pergamon Press.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 1980.

LANGACKER. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, R. Virtual Reality. *Studies in the Linguistic Sciences*. v. 29, n. 2, 1999.

MAGALHÃES, L.C. A Interação Fictiva e a Dêixis: A emergência da Fictividade em sala de aula, 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

MATSUMOTO, Y. How abstract is subjective motion? A comparison of coverage path expressions and access path expressions. In: GOLDBERG, A. *Conceptual Structure, Discourse and Language*. Stanford: CSLI Publications, 1996.

MCENERY, T.; HARDIE, A. Corpus-based versus corpus-driven linguistics. _____. Corpus-as-theory versus corpus-as-method. In: _____. *Corpus linguistic: method, theory and practice*. New York: Cambridge University Press, 2012, p. 5-6; 147-152.

Nunberg, G. *The Pragmatics of Reference*. Bloomington, Ind.: Indiana University Linguistics Club, 1978.

PASCUAL, Esther. *Imaginary Dialogues Conceptual Blending and Fictive Interaction in Criminal Courts*. PhD Dissertation, Vrije Universiteit te Amsterdam, 2002.

_____. *Fictive interaction within the sentence a communicative type of fictivity in grammar*. *Cognitive Linguistics* 17(2), 245-267, 2006.

_____. *Fictive Interaction: the conversation frame in thought, language, and discourse*. John Benjamins Publishing Company, 2014.

PASCUAL, E.; SANDLER, S. *The conversation Frame*. Forms and Functions of Fictive Interaction. Amsterdam, Philadelphia, John Benjamins, 2016

ROCHA, L. F. M. *A fala silenciosa reportada: metáfora, metonímia e mesclagem*. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 23-38, 2006.

ROCHA, L.F.M. *A autocitação fictiva: abordagem sociocognitiva de um tipo de fictividade discursiva em Português Europeu e Brasileiro*. 2011. 185 f. Relatório (Estágio Pós-Doutoral). Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos, Universidade Católica Portuguesa. Braga, 2011.

ROCHA, L. F. M. A perspectivação conceptual em Autocitação Factiva e Fictiva. DELTA. *Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (PUCSP. Impresso), v. 29, p. 311-339, 2013.

ROCHA, L. F. M. Autocitação fictiva como escaneamento mental: mover-se conceptualmente sem se deslocar. *Revista da ABRALIN*, v. 11, p. 113-143, 2013.

ROCHA, L. F. M.; ARANTES, P. Intonation of fictive vs. actual direct speech in a Brazilian Portuguese corpus. In: PASCUAL, E.; SANDLER, S.. (Org.). *Intonation of fictive vs. actual direct speech in a Brazilian Portuguese corpus*. 1ed. Amsterdam: John Benjamins, 2016, v. 55, p. 215-234.

ROCHA, L.F.M. *Interação Fictiva em corpus de fala espontânea: cognição, discurso e empiria*. Pesquisa de Pós-Doutorado, Belo Horizonte: UFMG, 2018.

SWEETSER, Eve. Changes in figures and changes in grounds: A note on change predicates, mental spaces, and scalar norms. *Cognitive Studies: Bulletin of the Japanese Cognitive Science Society*, 3:3 (Sept. 1996 - Special Issue on Cognitive Linguistics), 1996, p. 75-86.

_____. Role and individual readings of change predicates. In: *Language and Conceptualization*, eds. J. Nuyts and E. Pederson. Oxford University Press, 1997.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation. *Language*, V. 50, 1974.

TALMY, L. Fictive motion in Language and “Ception”. In: Bloom, P; Peterson, M. A.; Garrett, M. F. *Language and Space*. MIT Press: Cambridge, p. 211-276, 1996.

TALMY, L. *Toward a cognitive semantics*. 2 volumes. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology, 2000.

TOMASELLO, M. 1999. *The Cultural Origins of Human Cognition*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

TOMASELLO, M. 2003. *Constructing a Language: A Usage-Based Theory of Language Acquisition*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

TOGNINI-BONELLI, E. *Corpus linguistics at work*. Amsterdã / Atlanta, John Benjamins, 2001.

TREVARTHEN, C., & HUBLEY, P. (1978). Secondary intersubjectivity: Confidence, confiding and acts of meaning in the first year. In A. Lock (Ed.). *Action, gesture and symbol: The emergence of language* (pp. 183–229). London: Academic Press.

VYGOTSKY, L.S. [1934] 1962. *Thought and Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

ZLATEV, J. 2005. What’s in a schema? Bodily mimesis and the grounding of language. In B. Hampe (ed). *From Perception to Meaning: Image Schemas in Cognitive Linguistics*. Berlin: Walter de Gruyter, 313–342.

ZLATEV, J. 2007. Intersubjectivity, mimetic schemas and the emergence of language. *Intellectica* 2–3(46–47): 123–152.

ZLATEV, J. 2008. The dialectics of consciousness and language. *Journal of Consciousness Studies* 15: 5–14.

ZLATEV, J., T.P. Racine, C. Sinha & E. Itkonen (eds). 2008. *The Shared Mind: Perspectives on Intersubjectivity*. Amsterdam: John Benjamins.

WEISS, Denise de Barros. Conversação em aula de português para estrangeiros. *Tese de Doutorado*. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Letras, 2007.

Anexo: Transcrição do *corpus* utilizado

Aula 1

001 Desirée Aham

002 Mafalda então, isso é uma lenda que aconteceu na minha região na
003 França (.) E não conhecia ela, antes de pesquisar para
004 o dever de casa de hoje =

005 Desirée ((risos)) °que legal°

006 Mafalda = não sabia que que tinha essa lenda (3,0) Era uma vez
007 () dos reis, um casal que decide de casar em
008 julho (.) Na cidade todo mundo estava preparando as
009 roupas mais elegantes, mais *chics*, as pessoas estavam
010 matando porcos e bitelas para fazer patê, o forno não
011 estava parrando e as pessoas estavam fazendo tantos bolos
012 e tortas que não tinha mais lugar para colocá-los (.)

013 Desirée °uhum°

014 Mafalda e também tinha muita cidro e esse cidro =

015 Desirée CIDRA?

016 Mafalda = que sã::o (.) uma:: bebida colorida com u::m a base de
017 [maçã]

018 Desirée [maçã]

019 Mafalda (.)que:: é quase como um soda,e::com maçã com gás muito bom
020 e se::: se bebe com crepe.Com- comendo crepe e bebendo
021 cidra, muito bom.

022 Desirée ((risos))

023 Mafalda Então-

024 Desirée ((cantando)) alguém está com saudade de casa ((risos))

025 Mafalda mas sim é muito bom. E::: tinha tanto, que ao fim do
026 banquete a gente estava bebada (.)

027 Desirée BÊBADA

028 Mafalda be-bêbada

029 Desirée Bêbada

030 Mafalda ah então::: acentua aqui

031 Desirée é,tá um pouquinho errado

032 Mafalda Bêbado

033 Desirée pode?

034 Mafalda pode (.) O casal se foi () para dançar. () é
035 Bom?

036 Desirée () é bom

037 Mafalda (puxado) para dançar. e todos os convidados seguiram.
038 depois, o padre falou o sacramento santo () para
039 fazer a união do casal.

040 Desirée °uhum°

041 Mafalda >nesse momento que o padre tava falando o sacramen- < o
042 sacramento santo,as pessoas ouviram uma musica estranha
043 que estava vindo do caminho. a música- triste estava
044 em uma pro-procissão funerrária que estava vindo. o violino
045 continuou a tocar e os casais dançaram mais falando que
046 o caminho () todo mundo que (eles) fazer a dança dele (.)
047 (volta para sua) igreja, disse Faham-(Faraham), lá vocês
048 não serão incomodados pelas nossas danças (2,0) mas a
049 procissão funerraria continuou a andar no caminho, e os
050 convidados do casamento de- se- se transformaram em

051 pedras por causa da raiva de Deus,entendi? porque eles
052 tavam dançando, e a procissão funerrária tava passando.
053 as pessoas que a uma minuta estava dançando, agora não
054 pode mais levantar seus pés do chão (.) as pedras que
055 são aqui (1,0)=

056 Desirée °uhum°
057 Mafalda = agora são um livro onde a lenda esta viva (1,0)
058 agora a gente °a gen:::te°

059 Desirée a gente
060 Mafalda (desculpa) pode ver os convidados do casamento
061 transformados em pedra.pode ver o cachorro do casal
062 aqui, >parece um cachorro né?< e o proprie- e o
063 proprietário da posada da cidade (.)ENTÃO essas
064 pedras são::: a gente pode ver o casal,homem e uma
065 Mulher

066 Desirée °aham°
067 Mafalda ()lenda
068 Desirée °que lindo°
069 Mafalda a gente fala que cada ano, ao dia do casamento desse
070 casal, pode ver as pedras mudando a noite(.) do outro
071 lado do caminho tem uma fonte aqui, onde a água se
072 torna em vinho no dia ant- antes de são joão só para
073 os crentes que se aproximam da fonte (2,0)
074 Desirée ° é isso aí°
075 Mafalda então ta bom::: Uma história, é só uma lenda
076 Desirée ah, foi::: bacana
077 Mafalda Obrigada
078 Desirée () adorei
079 Turma ((aplausos))
080 Mafalda então se vocês querem ver esse casal, () região da
081 da França, tem-
082 Desirée ((risos)) tem que ir lá ((risos))
083 Mafalda tem que ir lá
084 Desirée muito bom () quitei ((risos))
085 Mafalda oi?
086 Desirée eu quitei a apresentacion
087 Mafalda ah () pode fechar
088 Desirée pode fechar?
089 Mafalda pode fechar no computador
090 Desirée () desliga?(1,0) Ou não precisa fazer isso?
091 Mafalda você faz assim
092 Desirée I::sso () muito bom. muito obrigada. Eu acho-

093 ((barulhos))
094 Desirée °deixa eu fechar aqui° não é o ideal,mas::: ()
095 como funciona? () ((barulhos))
096 Marurício com licença
097 Desirée † oi tudo bom? (1,0) Bem a tempo,Maurício, Maurício,
098 por favor
099 Turma ((risos))
100 Desirée ah ele já chegou,ele já chegou fazendo.

101 Maurício ela tem uma-[uma coisa desse lado]
102 Desirée [O Maurício ficou com isso,] foi prática
103 oh, ((risos))((aplausos)) arrasou:::u, chegou o
104 Maurício. tá ótimo(3,0) () então, na (2,0)
105 depois que (3,0) depois dessa apresentação (2,0) nós vamos
106 ter, um um exercício (3,0) de discussão do texto que nós
107 vimos na segunda feira,ok? (2,0) pra isso, primeiro eu
108 queria saber se alguém não veio na segunda feira.
109 João Eu
110 Desirée AH, só ocê né, seu perdido
111 João é:::como se ()
112 Desirée ta cer:::to ()vai ser tranquilo. Cê por um
113 acaso não lembrou daquele vídeo não né? (1,0)sabe aonde que
114 o meu ficou? (1,0)
115 Lavinia tem aqui::: tem a:: que você [(deu pra mim)]
116 Desirée [o:::i ()]
117 Izabelle [oi]
118 Desirée tem:::
119 Lavinia não não [trouxe]
120 Desirée [(provavelmente)] pois é. E a minha ficou (.)
121 no carro (.) e eu pensei assim ta lá atrás no carro e eu
122 pego(.) e aí eu subi, cheguei aqui, °não peguei°, então:::
123 (2,0)to procurando (.)
124 Lavinia se estivesse no [computador ()]
125 Desirée [o texto que] na verdade, só tenho que
126 achar ()°é bem sério esse negócio de máquina°
127 eu tenho máquina demais gente, eu tenho três máquinas, três
128 computadores (2,0) nenhuma pessoa normal, tem (.) três
129 computadores só eu. (2,0) então, pera só um pouquinho (9,0)
130 desisto, desisto.Vamos fazer o seguinte, a tarefa de
131 vocês vai ser- de uma maneira não precisa muito do texto
132 não.vai ser fazer OUTRA leitura desse texto.ok? E ele (.)
133 trata (1,0) de. uma::: é uma é uma reportagem (.) feita
134 Sobre. um casal de irmãos (.) que mora (1,0) onde? no
135 Brasil ou fora dele? quem lembra?
136 Turma Fora
137 Desirée fora. Em que cidade?
138 Turma New York
139 Desirée New york. Nova iorque. Não é isso? E que falam das
140 dificuldades e das alegrias de viver fora do país, não é
141 isso? então eu queria que vocês lessem sozinhos mais uma
142 vez- João senta com- senta com alguém
143 João posso tirar uma::: fazer xerox
144 Desirée pode. Pode, ta aí?
145 Lavinia Não
146 Desirée tua, também não né. alguém empresta uma cópia aí pra gente?
147 Lavinia eu vou la,não[precisa de cópia não]senão perde a explicação
148 Desirée [ah:::]isso.não,porque pra fazer leitura:::
149 tira 2[duas-tira três pra gente (inaudível) só para poder
150 acompanhar (3,0) Então quem tem a folha? Pega pra mim (2,0)

151 >todo mundo esqueceu< ih::: () oi?
152 Arlete ((fala muito baixa))
153 Desirée em nova iorque. exatamente. e eles, eles gostam de morar em
154 nova iorque, ou eles não gostam?
155 Arlete Gostam
156 Desirée gostam (.) mas eles falaram se é muito fácil?
157 Turma não, não
158 Desirée não acharam fácil,não é?
159 Maurício muitas promessas e poucas verdades
160 Desirée ISSO. Muitas promessas e poucas verdades. boa lembrança (.)
161 né? é::: o texto fala isso e (.) é::: nosso trabalho agora
162 (.) vai ser a partir disso (.) fazer uma espécie de
163 discussão sobre o que que vocês acham (1,0) que (.) são as
164 maiores dificuldades (.) que um estrangeiro enfrenta (.)
165 quando ele sai do seu país (.) e vai para outro lugar (.)
166 certo? e (.) que que vocês acham que são as vantagens disso
167 (1,0) ok? a gente podia fazer uma::: uma roda o que que
168 vocês acham? para ai a gente pode começar
169 João Vamo
170 Desirée né
171 ((barulhos))
172 Desirée pronto? todo mundo pronto? tem cadeira pra:::deixa mais umas
173 três carteiras dando sopa, porque é tradição a gente começa
174 a conversar chega mais gente.i:::sso aqui muito be:::m.(2,0)
175 na opinião de vocês (2,0) é mais::: (1,0) deixa eu fazer
176 uma pergunta inicial. O que que vocês acham que é preciso
177 ter (.) para (.) morar em outro país? todos vocês (.) aqui-
178 eu nunca morei em outro país. Julieta já?
179 Julieta Não
180 Desirée então fora nós duas,você já morou fora, né (.) Todo mundo
181 aqui está fora do país,nesse momento.o que vocês acham que
182 precisa? (1,0) vou perguntar pra um por um
183 Leila Coragem
184 Desirée coragem. Por que coragem?
185 Leila porque você tem que::: viver muitas coisas diferentes, você
186 tem que sair da::: comodidade que você tinha,de você
187 conhece tudo, para conhecer cosas novas. com::: a incerteza
188 é::: de que você tem em outro novo país.
189 Desirée novo país. muito bem. quem mais?
190 João não::: ela já falou a palavra certa
191 Turma ((risos))
192 Desirée ()deixado ela falar por último ((risos)) diz pra
193 Gente
194 João é verdade, cê tem que ter a coragem de::: assim de morar num
195 outro país né (1,0) por exemplo (.) alguém que::: assim (.)
196 no meu caso que eu viajei aqui pela pela primeira vez (.)
197 assim eu achei muito muitas faculdades né da língua né
198 do do clima de:::quase tudo
199 Desirée quase tudo era diferente
200 João Mas::: porque tinha essa coragem, que assim, também queria né

251 Yan () (3,0) (tem que reconhecer isso) e::: ()
252 (4,0) () mas no Japão () favela é perigoso
253 e::: ()tem que::: saber várias coisas de::: outro
254 País
255 Desirée de outro país.Então nós já temos coragem,maturidade e
256 conhecimento não é? Preparação. QUE mais? Sandro,o que que
257 você acha? (6,0)
258 Sandro acho que::: tipo de sentimento. é::: diferença de:::
259 sentimento. ahn::: por exemplo::: (1,0)na Coréia tem muitas
260 palavra::: palavras tipos de::: sentimento mas (.) aqui:::
261 não tem (1,0) ahn::: muito palavras=
262 Desirée Aham
263 Sandro = então (1,0) isso é isso é muito difícil
264 Desirée Isso é muito [difícil]
265 sandro [de lidar] e::: diferença da cultu-da
266 Cultura é muito::: grande=
267 Desirée Uhum
268 Sandro = asiático e oriental. Nós e:::ocidental. Porque na
269 Coréia (.) é importante que::: pontualidade
270 Desirée uhum
271 Sandro e::: arrumação ou (.) o que::: o que é aparecido para outras
272 pessoa é muito importante (1,0)
273 Leila e a gente- para nós vizinhos do Brasil, é muito mais fácil
274 a adaptacion, muito parecidas nossas culturas ,fica mais
275 fácil para nós mas, para outra pessoa como estão diziendo
276 deve muito difícil porque eu penso como seria se eu fosse lá
277 Desirée Uhum
278 Leila seria para mim:::
279 Desirée é verdade
280 Leila mui:::to (maravilhoso) tudo, muito-
281 desirée muita novidade
282 Leila muita novidade (mesmo)
283 Desirée ° muita novidade°
284 Leila ° com certeza° (.)
285 Desirée quem mais? (5,0)
286 Ramon eu acho que precisa de respeito (.)
287 Desirée Hum
288 Ramon porque quando você vai prum outro país, muitas coisas são
289 muito diferentes, por mais que o país seja próximo também.as
290 vezes você ta acostumado a fazer uma coisa no seu país, que
291 no outro país você não pode fazer (.)
292 Desirée Uhum
293 Ramon eu acho que tem que saber muito respeitar as diferenças
294 culturais,entendeu? não apenas querer, conhecer mas também
295 Respeitar
296 Desirée [°respeitar°]
297 Ramon [o outro]o lugar do outro né.não sei explicar também mas o
298 respeito ele é mutuo né? tenho que respeitar o lugar que eu
299 tô, mas eu também tenho que ser respeitado no lugar °acho que
300 isso é importante°

301 Desirée aham. perfeito.que é a ideia de achar seu lugar °dentro daquele
302 lugar° e isso não é fácil né (1,0) nem sempre isso é simples
303 Leila mente aberta né? para::: aprender. tem que ter [maturidade]=
304 Desirée [i:::sso]
305 leila conhecer muitas coisas (.) e aproveitar as (dificuldad-) as
306 oportunidade para (.) aprender a lidar, crescer
307 Desirée perfeito (.) °muito bem°. Camile, o que que você acha?
308 (1,0)
309 Camile eu acho que::: é muito importante (.) um gosto, por tipo, a
310 lugar, a país, um país estrangeiro a chegar (.)
311 Desirée uhum
312 Camile porque::: é::: eu acho que se eu gosto de país ahn::: eu
vou
313 ter forti é::: força=
314 Desirée aham. °força°
315 Camile = para ahn::: para aguentar todas as [dificuldades]
[dificuldades]
316 Desirée
317 Camile e (decepções)
318 Desirée é verdade (.) mas se você não gosta (1,0) não vai dar
319 certo (.) né tudo vai ficar mais difícil(.) né (.) o que
320 que você acha, cê que veio com criança pro Brasil
321 °né° você além de tudo chegou com (.) família. e aí? (.)
322 Izabelle e::: ahn:::minha família para (mim) se muito::: arriscada?
323 (.) non::: non sei como [se (fala)]
324 Lavínia [se arriscaram]
325 Izabelle °arriscaram°
326 Desirée arriscada? você quer dizer você é muito::: destemida (.)
327 Maurício Corajosa
328 Aluna [()]
329 Izabelle [é:::isso] [()]
330 Desirée [você se arrisca]
331 Izabelle [()] é::: (valiente) ()
332 Aluna [()]
333 Desirée [VALENTE.] valente. perfeito
334 Izabelle °valente, corajosa° e::: outra muito louca ((risos))
335 Turma [((risos))]
336 Desirée [ah::: tava esperando essa frase] ((risos)) eu sabia.
Família
337 sempre acha que a gente é louco
338 Arlete [si]
339 Izabelle [°é::: a loca°]
340 Desirée ((risos))
341 Leila deixa tudo
342 Izabelle é::: isso não deixa la sua casa, sua família, seu
trabalho,tudo.
342 para experimentar una nova::: nova vida.
344 Desirée Uhum
345 Izabelle eu acho que é é::: nós também tenemos que tener espírito de
346 Aventura
347 Desirée uhum
348 Izabelle é o espírito de aventura que nos faz conhecer outras
realidades
349 Desirée uhum. °muito bem° (3,0)
350 Izabelle ahn::: como falaram é preciso conhecer muito o país (.)

351 Desirée uhum

352 Izabelle então eu não tenho una diferença que (.) co-con-conhece su país,

353 e como vá () sonho, dentro de ()

354 Desirée uhum (1,0)

355 Izabelle então:::então não::: não aguenta (.)

356 Desirée Uhum

357 Izabelle aguenta e vá para outro país e experimenta

358 Desirée °e experimenta° (.) mui:::to bem. quem mais? quem mais? (.)

359 ahn::: (1,0) diga

360 Paulo ()

361 Desirée o que que você acha Paulo, disso? ()

362 Paulo sair de casa es mui mui difícil e::: foi mui, muito difícil pra

363 mim (.)e:::u eu sempre::: pensei (1,0)que::: que::: não sai- que

364 não [saía de meu país] =

365 Desirée [olha]

366 Paulo = que se for una ambición =

367 Desirée Aham

368 Paulo = sair de Peru, eu não pensei que si (.) sair (.) pronto

369 Desirée É?

370 Paulo é:::

371 Desirée um dia você acordou e falou eu vou

372 Paulo pero pero si tenia e::: si tenia::: (ganasde) (.)

373 Desirée VONTADE

374 Paulo tinha vontade de

375 Desirée vontade de

376 Paulo tinha vontade de sair de casa =

377 Desirée Aham

378 Paulo = para conhecer com otras personas, diferentes é::: sociali-

379 socializationes

380 Desirée Aham

381 Paulo e::: e yo siempre::: eu sempre pensei que::: que non::: ia

383 conocer per-pessoas que que (perderam) essa oportunidade

383 Desirée Uhum

384 Paulo e::: eu sempre que as pessoas se me apresentava (.) e::: me fal-

385 me falava e::: (sobre) diferentes países que eu (conocia)

386 Desirée °uhum°

387 Paulo e::: e eu siempre estava::: emocionado (sinto muito) ()

388 e eu disse non()no creo que eu non creo que saia de país,

389 muito mui difícil para mim por dinero

390 Desirée Aham

391 Paulo () e::: graças a Deus e:::u (tive) pessoas que me falaram

392 sim::: tenha vontade vontade para sair és és muito importante

393 quando quando ()pessoas que ficam a falar a cerca do

394 outro país e::: () sí, certo (.) () tenho vontade (.)

395 Desirée Aham

396 Paulo para sair (1,0) e::: e:::quando quando eu saí de ca-sai de casa

397 Desirée °uhum°

398 Paulo despedi de mi pa:::is, de mis irmão:::s de mis. foi mui

399 difícil e:::quando cheguei aqui em Brasil (hasta horita hasta hora)

400 Desirée Até HORA

401 Paulo até a hora e:::u tenho muita tristeza por minha família
402 Desirée aham
403 Paulo ma:::pero eu-eles sempre falam (.) [(espanhol)]
404 desirée [se:::gue]
405 Paulo E (eso):::(e-eso)::: me motiva muito
406 Desirée Claro
407 Paulo e:::mis hermanos falam () professional (.) tu pue:::des
408 assim. e eso motiva-me me muito
409 Desirée Uhum
410 Paulo () yo soy::: e yo-yo eu siempre pensei que família és la
411 Fortaleza
412 Desirée Uhum
413 Paulo que:::que::: ajuda-me a crescer como persona
414 Desirée e agora você descobriu que você é a fortaleza (.) que a sua
415 família olha e >fala assim< OLHA ele foi
416 Paulo é::: e-eu soy de::: unico persona [e:::de los hermanos] que tem e:::=
417 Desirée [()]
418 Paulo que tem una carrera
419 Desirée >que tem uma carreira<
420 Paulo e isso é::: mi-mis otros hermanos não tinha carrei:::ra,so lo
421 terminaram o secundário pero
422 Desirée Uhum
423 Paulo = não tem carrera (.) eu sou (de) único
424 Desirée ah:::
425 Paulo e por isso, eles falam [(puedes)],(sai), dê valor:::
426 Desirée [is:::so] bacana
427 Paulo e::: isso ajuda-me yo- é::: eu creo que (.) deus me deu
428 e:::ssa fortaleza para poder () seguir adelante
429 Desirée °com certeza°
430 Paulo muito (maior) () mi familia ()
431 Desirée () °isso é muito bacana né° (.)e a coragem de sair de casa
432 é (.) é quase uma loucura né
433 Paulo é e::: non una loucura é es-és creio::: con->conhecer< e e:::
434 diferentes socialidades e socializar com las pessoas
435 Desirée I:::sso
436 Paulo porque es muito importante::: saber e::: da culturas de los
437 paises, pessoas (.) e::: para mim és muito importante (1,0) yo-yo
438 trabalhavo eu trabalhavo com::: ciento cinco::: traba-
439 Trabajadores
440 Desirée cento e cinco trabalhadores
441 Paulo cento e cinco trabalhadores e::: yo non conhecia sus vidas
442 personales e::: e::: () aqui em brazil es és o mesmo
443 Desirée é a mesma coisa
444 Paulo és la mesma coisa
445 Desirée uhum
446 Paulo esso e::: e::: eu eu tenho que fazer isso
447 Desirée tem que fazer
448 Paulo porque::: é importante
449 Desirée isso
450 Paulo E::: e::: é muito perigoso ser diferente em lugares como me-meu país

451 meu país também::: é é único (.) é um lugar (.) eu moro em um lugar mui

452 perigoso

453 Desirée uhum

454 Paulo aqui em Brasil tambiem (.) ((espanhol)) lugares perigosos [pero]

455 Desirée [sim]

456 Paulo [()]

457 Desirée [aqui você]mora onde?

458 Paulo aqui és () mui mui importante conocer pessoas que tem (.) tem

459 mais cuidado com [lu-lugares] (non)

460 Desirée [uhum]

461 Paulo se encontro personas que:::que::: me falam sobre lugares perigo:::sos

462 então,e todas essas coisas e:::yo trato de evitar de ir-lo

463 Desirée °uhum°

464 Paulo para::: seguir adiante com mis coisas non (1,0)

465 Desirée °uhum° mui:::to bem (1,0) e vocês? (1,0) Vocês chegaram aqui tem

466 muito tem:::po (1,0) e o que que vocês acham que precisa (.) ter para

467 sair do país? (.)

468 Arlete fé

469 Desirée fé °bom° por que?

470 Arlete ahn::: meu país() eu acho que para eles falta oportunidade é:::

471 () para não sair() minha fé

472 Desirée minha fé

473 Arlete minha fé ()

474 Desirée °entendi°

475 Arlete eu acho que::: que::: não sei, quiça

476 Desirée ()

477 Arlete 5 ano passe () agora eu quero fazer::: muitas coisas para

478 formar como profissional e::: é::: ajudar meu país ()

479 Desirée e você vai se formar:::você está na faculdade

480 Arlete Yo soy:::estou eu soy

481 Desirée eu so:::u

482 Arlete eu sou::: engenheira

483 Desirée engenheira

484 Arlete industrial. agora eu:::aprender português

485 Desirée aham

486 Arlete E::: quero ()

487 Desirée desculpa,quero?

488 Arlete estudar mais ()

489 Desirée sei

490 Arlete preparar

491 Desirée preparar para fazer mestrado

492 Arlete °para fazer meu mestrado° (1,0)

493 Desirée °muito bem° ok::: e esse senhor (.) aí do seu lado?

494 Turma ((risos))

495 Desirée sério ele né? muito sério. Parece me-ni-no

496 Turma ((risos))

497 Desirée muito jovem (.) muito jovem ((risos)) conta ai, o que que você acha

498 que precisa ter (.) para sair do °país°? (1,0)

499 Yago eu acho (.) que sair::: de meu país (.)foi::: decisão (.) muito

500 difícil

501 Desirée uhum (8,0)

502 Yago se se (me) apresentou

503 Desirée uhum (.) se apresentou (1,0)

504 Yago uma oportunidade (.) de::: uma bolsa

505 Desirée I:::sso

506 Yago para maestrado em ciências da computação

507 Desirée uhum (5,0)

508 Yago e como sempre::: ((espanhol)) (gostava muito de estudar)
 509 Desirée uhum (2,0)
 510 Yago decidi (.) venir a Brasil
 511 Desirée >vir ao Brasil<
 512 Arlete decision
 513 Yago decision
 514 Desirée decidir. Perfeito (2,0)
 515 Yago e com ajuda (2,0) hum::: (6,0) () acompanha
 516 Desirée uhum (6,0)
 517 Yago () acompanha acompanha
 518 Desirée ta acompanhando. perfeito (1,0) é uma aventura duplo.
 519 Turma ((risos))
 520 Desirée esse ano nós temos (.) vários (.) casais (.) ou que se casaram aqui

 521 Turma ((risos))
 522 Desirée não é? tem gente que já casou (.) tem gente que já veio casado, nunca
 523 tive tanto casal como teve esse ano. tem TRÊS né. isso fora assim:::
 524 Turma ((risos))
 525 Desirée eu não vou falar nada ((risos)) umas histórias lin:::das () né
 526 então a gente tem uma turma diferente formada aqui. PRA terminar essa
 527 roda, Ágata (.) o que que você acha que precis (.) na sua
 528 opinião para sair? (.)
 529 Ágata ahn:::para mim viver na outro país é::: processo contínuo=
 530 Desirée uhum
 531 Ágata = para aprender, para estar todos os dias=
 532 Desirée todos os dias
 533 Ágata porque cada dia eu ah::: tenho muitos problemas (.)ca-coisas

 534 diferentes e::: na Rússia ahn::: falamos que ahn:::ca-cada
 535 pessoa tem ahn::: lugar confortável =
 536 Desirée uhum
 537 Ágata = que::: ()
 538 Desirée a gente chama de zona de conforto
 539 Ágata ↑ ah ok (.) zona de conforto =
 540 Desirée exatamente isso
 541 Ágata = e progresso=
 542 Desirée aham
 543 Ágata é possível só:::ahn::: somente que::: você (.) [sair sair sair]=

 544 Desirée [°exato°]
 545 Ágata = de essa zona.
 546 Desirée uhum
 547 Ágata e::: na outro país é::: muito rá:::pido (convivência),de:::viver

 548 na::: casa =
 549 Desirée uhum
 550 Ágata porque língua diferente,cultura,comi:::da todas essas co-coisas

551 diferente e::: para mim é-es segunda (.)essa segunda vez para:::
552 viver na outro país e::: não sei, eu tenho vinte e oito anos,
553 mas eu::: penso que::: eu tenho trinta e cinco
554 Turma ((risos))
555 Ágata eu tenho muita experi-experiência
556 Desirée exatamente
557 Ágata é muito bom na minha::: ponto de vi:::da de vista é bom (.) é muito
558 difícil, muito,mas é::: a::: personalidade é (.) muito::: eficiente
559 Desirée muito bom. [perfeito]
560 Ágata [e para crianças] () todos crianças é::: eu acho
561 que é (.) muito bom também porque::: para o prgresso
562 Desirée claro (.) °muito bom° agora vamos saber a opinião de duas pessoas
563 que nunca foram. Julieta, você tem vontade?
564 Julieta eu tenho sim, tenho muita vontade Ainda não tive a oportunidade(.)
565 assim >ainda não tive nem a oportunidade de sair de minas gerais<
566 Desirée MENINA ((risos))
567 Julieta sério .eu vou fazer uma viagem para o nordeste agora em outubro e eu
568 estou enlouquecida porque eu nunca saí de minas(.) mas eu tenho muita
569 vontade ((risos))
570 Turma ((risos))
571 Julieta mas eu tenho muita vontade sim de morar em outro país, assim eu
572 imagino que deve ser uma experiencia impagável né
573 Desirée aham mas você já pensa mas você já pensa(.) com a hipótese de estar
574 longe de casa (.) mais do que alguns quilômetros
575 Julieta sim eu vou ficar uma semana em Salvador
576 Desirée IH IH
577 Julieta e aí minha mãe já tá preocupada,o meu pai ta preocupado já ta todo
578 mundo assim Julieta lá é muito grande, e como que vc vai fazer,
579 pq é uma capital né e eu nunca fui numa capital (.)e ai meu pai ta
580 assim mas pelo amor de deus você sabe como que sai do hotel e vai pra
581 faculda:::de=
582 Turma ((risos))
583 Julieta = e como que e como que sai do aeropo:::rto e vc sabe chegar no
584 aeropor:::to e eu falo: não pai vai dar tudo certo (.)
585 Desirée isso
586 Julieta vamos com calma ((risos))
587 Desirée e hoje a noite você já pode falar pros seus pais que você descobriu
588 que todo mundo aqui viajou mais do que você ((risos))
589 Julieta ((risos)) muito
590 Desirée né
591 Julieta mas assim eu acho que faz parte, faz parte passar uns apertos
592 Desirée FAZ
593 Julieta passar umas dificuldades faz parte (.) da vida né. (1,0)
594 Desirée né. e aí Lavínia?
595 Lavínia ah:::eu vivo querendo voar ((risos)) mas, ainda não foi possível (.)
596 eu achei que eu conhecesse bastante coisa do Brasil pelo menos o
597 sudeste (.)mas eu vi que eu não conheço absolutamente nada
598 Desirée ((risos))
599 Lavínia e e quero conhecer (.) porque::: deve ser assustador, eu acho (.)
600 é::: emocionante, deve dar saudade (.) deve deve causar muito muitos

601 Sentimentos contraditórios. mas deve ser mui:::to bom também

602 assim

603 Desirée uhum

604 Lavínia por- né pra resumir °eu acho q deve ser uma experiência incrível°

605 (2,0)

606 Desirée °muito bom° ok bom.

607 Izabelle °mas [nós:::°]

608 Leila [nós não escutamos (.) Maurício

609 Maurício não::: já

610 Turma ((risos))

611 Desirée é verda:::de () não o João foi o segundo. João tava

612 animado falo

613 João ()

614 Desirée você já falo

615 João já falei (.) mas:::aqui tenho uma:::uma história sobre::: o-

616 esse fim de semana estava conversando com uma menina =

617 Desirée aham

618 João = e aí () não vem cá, o que você esta fazendo aqui? como você

619 chegou aqui? ué (.) eu to aqui pra estudar,só isso né

620 Desirée aham

621 João ahn:::ela ficou emocionente né,assim no:::ssa e::: ela me falou que

622 ela nem tinha (.) ela nem tinha (.) essa::: assim,nem pensou que:::

623 assim que assim pensou para viajar no outro pais (.) não passou

624 na cabeça dela assim, de sair do Brasil, essas coisas

625 Desirée °exatamente°

626 João porque(.) não acho acho que ela ta (.) assim ficando confortável no

627 lugar dela ou nem quer viajar alguma coisa assim

628 Desirée °uhum°

629 João é:::então (.)a gente sempre encontra pessoas assim (.) tem pessoas

630 que quer viajar () pessoas que que não quer viajar, nem pensa

631 de viajar (.) é::: eu falei isso só só para relacionar com o assunto

632 de hoje né

633 Desirée é:::

634 João é::: é isso

635 Desirée e é verdade (.)

636 João aham verdade

637 Desirée é::: Maurício?

638 Maurício ahn?

639 Turma ((risos))

640 Desirée morreu hein

641 Maurício nossa::: um resumo de tudo

642 Desirée pois é::: não é (1,0)

643 Aluna acho que todo mundo

644 Maurício o primeiro que chegar na minha mesa () se misturar tudo o

645 que o pessoal falou (.) a gente se encontra com muitos

646 sentimentos, (assim) sentimentos encontrados, misturados (.)

647 saudade é::: alegria,coragem é::: conhecimento () muita

648 coisa (.) e::: o impagável, palavra que::: utilizou Julieta,o

649 impagável é é isso, quando você::: você olha para::: pra

650 dentro, dentro de si e você se encontra com você mesmo você:::

651 se questio- se questiona muitas coisas e (.) depois você::: sai de
652 novo (.) no::: mundo, você acha que (.) não se conhece ainda,
653 mas tá nesse processo =
654 Desirée Isso
655 Maurício = de se conhecer por (.) e::: e::: aprender a escutar e receber
656 as ideias de outro pessoal diferente =
657 Desirée uhum
658 Maurício idioma,cultura (.) jeitos de (.) se comportar, não sei mas
659 o processo que a gente tudo,acho que todus tamos vivenciando
660 é um processo::: eu falaria de::: processo orgânico =
661 Desirée uhum
662 Maurício = que vai mutando, va crescendo (.) pra lá e pra cá como:::
663 as folhas de um::: (arvore) pra cima vai::: crescendo, subindo
664 e é isso (1,0) impagável
665 Desirée impagável
666 Maurício impagavel a::: a experiencia de sair do::: do seu país pra
667 estudar, pra trabalhar, °tudo mais° é isso
668 Desirée e::: diga
669 Leila non.estou pensando que::: você também precisa (.) do espaço:::
670 abertura de outros. Você precisa ajuda, você precisa apoio. =
671 Desirée Uhum
672 Leila = (so) e::: você precisa coisa sua, você precisa de outro.
673 Desirée uhum
674 Leila e:::u por exemplo,quando eu cheguei aqui(.) tinha muita
675 ansiedade muitas coisas novas (.) e eu aqui () para a
676 universidade um programa eles falam (budres)
677 Desirée AH SIM
678 Leila mas, eu não sei sua experiência,mas minha experiência foi
679 muito ruim
680 Turma ((risos))
681 Leila quando perguntei para meu ()e:::i onde posso morar? em
682 Espanhol
683 Desirée aham () que negócio é esse?
684 Leila () aqui tranquilo, quando você::: chegar aqui você vai
685 conseguir. e é isso. (mai)você chega com uma mala grande
686 Desirée aham. [e quer dormir]
687 Leila [() você não fala nada. você não vai conseguir. não
688 és tão fácil((risos)) tranquilo. chega ai. você vai conseguir
689 Desirée que coisa horrorosa
690 Leila a universida:::de como você consigo una carteirinha, como você
691 faz uma matrícula, como você consegue é::: eu não sabia que
692 tinha::: circular,não sabia eu só caminha:::va o tempo tudo
693 [como você faz]=
694 Maurício [já tava fitness]
695 Turma ((risos))
696 Leila = () para almoçar no ru,eu não sabia.
697 Desirée aham
698 Leila nas primeiras semanas eu não ia, porque eu não tinha carteirinha
699 Desirée não tinha carteirinha
700 Leila então não sabia como (.) só quando eu conheci outras per-pessoas,

701 que falavam espanhol, eles perguntaram para mim (perguntaram) para mim
702 como fazer isso (.) coisas simples que se você::: non:::é::: pode:::
703 colocar nos sapatos de outro, você non::: (compreender) [é:::]

704 Desirée [não
705 compreende]
706 Leila as necessidades de outra pessoa. você precisa (isso). ajuda
707 apoio.
708 Desirée uhum
709 Leila por exemplo, falar (tal de) hal- rua halfed para mim foi
710 mui:::to difícil
711 Turma ((risos))
712 Leila quando (desci) para essa rua, eu falava "ralfed" e as pessoas na rua
713 "ralfed" que parte?
714 Turma ((risos))
715 Leila halfed, halfed, halfed que isso, eu tinha que escrever por exemplo,
716 quando você quer encontrar uma rua. em mio-meu país, a ruas
717 tem número e você pode encontrar um, dois, três, quatro, cinco
718 você já sabe. mas aqui o nome, por exemplo (.) =
719 Desirée °muito mais difícil°
720 Leila = rua:::santa luzia. onde?
721 Desirée °onde é?°
722 Leila () são joão. que isso? onde é? ((risos))
723 Turma ((risos))
724 Leila santo antônio. Onde é santo antônio?
725 Desirée é muito santo né((risos))
726 Turma ((risos))
727 Leila não existe nada na rua para uma pessoa estrangeira
728 Desirée [com certeza]
729 Leila [()] muito fácil tudo ()
730 Desirée ()
731 Leila se tinha rodoviária. que rodoviária?
732 Turma ((risos))
733 Leila coisas doidas. eu me perdi (.) no rio
734 Desirée AH essa é boa
735 Leila eu peguei o ônibus é::: paguei o onibus, para mim muito gostoso, 16
736 reais, eu achava que era muito longe. eu vinha muito cansa:::da
737 quando eu abri olhos já havia passado a rodoviaria novo rio (.)
738 °↑ ah que isso::: senhor° () fica aí tranquila, eu volto.
739 dois horas depois. °mas volto°
740 Desirée ih ((risos))
741 Turma ((risos))
742 Desirée ()
743 Leila () pegar táxi. Se você não conhece, taxista dá voltas
744 Desirée é::: [muito difícil]
745 Leila [muito difícil]
746 Desirée esse é um clássico mundial
747 Leila outra coisa, certificado de moradia, para abrir conta no banco do
748 Brasil. que isso? como você conseguiu ((risos))
749 Desirée ((risos))
750 Leila () teve q ir 4 vezes ao banco do brasil para abrir conta por

751 exemplo (.) cada coisas nova (.) eu nem sequer conseguia usar o caixa
752 eletrô:::nica ((risos)) que isso::: ((risos))
753 Turma ((risos))
754 Leila porque diferentes sistema (.) de (maquinas) (),nú:::meros,
letras
755 muita coisa, [não consegui]=
756 Desirée [aprender]
757 Leila =[por exemplo] =
758 Desirée [aham]
759 Leila muito diferete de mi pais
760 Desirée três ou quatro sistemas [diferentes]
761 Leila [cada coisas dificil] pra pessoa que
762 vem de fora
763 Desirée que vem de fora
764 Lavinia eu acho que desde a vinda por que::: ah::: eles não vieram hoje
765 mas a Karen e o Jorge por exemplo (.) não sabiam que não tinha
766 nenhum correspondente do banco deles aqui, (.) não tem
767 correspondente do banco que eles usam aqui no Brasi. e aí pra
768 eles (.) ela eles ainda recebem acho que algum dinheiro por mês
769 na conta lá, e todo mês pra sacar aqui precisa de precisa
770 pagar cinquenta reais, oitenta reais pra SACAR (.) o dinheiro
771 então:::
772 Julieta nossa
773 Desirée deve ser algum doc
774 João (é verdade)
775 Lavinia sim. o próprio celular também que os chips não::: você trouxe o
776 seu celular mas ele não aceita nenhum chip brasileiro porque
777 o formato é completamente diferente nada disso é (.)
778 °conversado né° não tem essa informação em lugar nenhum
779 ((risos))
780 Desirée °é verdade°
781 Maurício são coisas que a gente tem pra::: tem pra falar mais pra frente
782 assim, coisas engraçadas
783 Izabelle [sim]
784 Desirée [ah:::] é assim fica-
785 Mauricio acontecimentos engraçados
786 Desirée fica engraçado depois =
787 Turma ((risos))
788 Desirée = mas na hora não tem graça nenhuma
789 Turma ((risos))
790 Desirée na hora não em graça nenhuma. É verdade
791 Arlete mas para isso necessita::: a presença humildade. para pedir
792 porque::: eu não domino [()]
793 Desirée [É]
794 Arlete eu vou perguntar por que?
795 Desirée ex:::celente (.) excelente. é verdade. a pessoa que não tem
796 humildade não consegue fazer nada (.) porque não consegue se
797 relacionar (.) °boa, boa lembrança° é verdade. mais? diga
798 Ágata °posso adicionar?°
799 Desirée adicionar. vamos lá:::
800 Maurício ADICIONA.

801 Desirée adiciona ((risos))
802 Ágata ahn::: solo no outro pa-pais você::: comece um::: valorier

803 Desirée valorizar
804 Ágata valorizar suo país
805 Desirée UHUM:::
806 Ágata solo no outro país
807 Turma ((risos))
808 Desirée i:::sso
809 Turma ((risos))
810 Desirée que sauda:::de
811 Ágata no meu pa- na minha país ah::: esse:::bolo é que::: (_

812 ((risos))
813 Turma ((risos))
814 Maurício só estando fora
815 Desirée só estando fora
816 João °verdade°
817 Desirée e::: na verdade, você só sabia (.) você só soube que era
818 russa (.) quando você saiu da rússia
819 Maurício ((risos))
820 Ágata de alguma maneira
821 Desirée de alguma [maneira
822 Ágata [°verdade°]
823 Desirée não é? (.) você só é francesa aqui
824 Mafalda é:::
825 Desirée [()]
826 Mafalda [aprendeu a fazer] pão aqui.quando::: deixei a frança. aprendeu
a
827 fazer comida, aprendeu a fazer pão porque minha mãe [()]=

828 Turma [((risos))]
829 Desirée [()]

830 Mafalda = as padarias estavam fazendo. eu chego aqui não tem croissant
831 não tem pão (),tenho que fazer.
832 Desirée ((risos))
833 Mafalda quando eu tenho q fazer (croissant), ai meu deus demora doze horas

834 para fazer?
835 Turma ((risos))
836 Mafalda você compra na frança 1 euro, o que? 4 reais por um
837 Desirée [croissant]
838 Desirée [()] ta resolvido
839 Mafalda aqui tem que:::
840 Desirée fazer
841 Mafalda então::: você você vira mais francês quando você ()

842 Turma ((risos))
843 Desirée () com certeza. Eu já reparei que isso acontece. né?

844 (1,0)é::: oi?
845 Izabelle °investiga° () fora do país investiga aquilo que tem em

846 suo país mesmo ((risos))
847 Desirée i:::sso é outra coisa. Você conhece mais o seu país (.)
848 Izabelle °fora°
849 Desirée estando fora [dele]
850 Izabelle [pesquisa mais]

851 Leila [para as tarefas] de português para estrangeiros
852 Izabelle [(para las tarefas)]
853 Turma ((risos))
854 Desirée aí sim ((risos)) vai começar
855 Izabelle sempre pergunta como que é ai, como que ()
856 Turma [((risos))]
857 Lavínia [deixa eu ver deixa eu ver]
858 Desirée é verdade é verdade
859 Leila você se um::você é um (embahador) como fala (embahador)? (1,0)
860 Mauricio [embaixador?]
861 Paulo [embaixador]
862 Aluna não
863 Desirée não tenho ideia
864 Leila quando representa suo país (.) como fala?
865 Desirée EMBAIXADOR.
866 Leila embaixador
867 Desirée embaixador
868 Leila como se escreve?
869 Maurício com jota com::
870 Desirée com x. embaixador (1,0)
871 Mafalda uma coi- uma coisa também que é engraçada (.) que quando::
quando
872 eu tô no brasil se sente muito francesa (.) mas qdo volto pra
873 França me sinto turista
874 Turma ((risos))
875 Mafalda quando chego na França, meu deus tudo lin::
linda,
876 esse ceu
877 Turma [((risos))]
878 Mafalda [()]
879 Desirée é verdade é verdade (1,0) sabe que eu passei por esse
880 [processo] =
881 João [()]
882 Desirée = simplesmente porque eu morei (1,0) quase onze anos, fora de
883 juiz de fora (.) eu num morei fora do Brasil. mas eu morei em
884 niterói (.) sete anos eu acho ou oito e depois eu morei três
885 anos em itaipava (.) que é::: ↑é perto e eu vinha toda semana
886 (.) mas eu me acostumei a fazer compra lá, a ter mé:::dico
887 dentista (.) é::: comprar roupa, fazer um:::ha, coisa de
888 menina né? cotidiano. eu conhecia o supermercado de niterói
889 todinho (.) aí eu voltei pra juiz de fora, <perdida>
890 Turma ((risos))
891 Desirée eu olhava, cadê a loja? (.) a loja acabou desirée. há anos
892 você não percebeu? Eu falei não. Porque eu só vinha em
893 juiz de fora rápido (.) e eu vinha pra trabalhar (.) então
894 quando eu chegava em juiz de fora, eu chegava aqui dentro
895 i:::sso aqui era juiz de fora pra mim. isso e meu apartamento
896 que eu tinha aqui. mas entrava no apartamento >comia, tomava
897 banho e dormia, acordava e vinha pra universidade< e daí eu
898 pe-pegava minha bolsinha porque eu tinha dois guarda roupas
899 (.) dois de tudo na minha vida (.) e::: voltava pra minha
900 outra casa em outra cidade. né? quando eu cheguei só em juiz

901 de fora, ma foi muito esquisito. eu entendo o que você quer
902 dizer. >eu falava assim< gente que prédio legal né? olha essa
903 loja aí as pessoas te olham assim::: ma:::s você não é daqui?
904 ((risos))
905 Turma ((risos))
906 Desirée você é daqui. falei é eu sou, acho que eu sou. mas né:::
907 mas eu demorei um tempo pra me tornar juizdeforana cem por
908 cento outra vez (.) isso é muito muito muito curioso
909 João isso ainda nem aconteceu comigo ali na namíbia
910 Desirée imagina a diferença
911 João quando eu voltar tudo vai ser::: tipo ver coisas diferentes
912 (.)
913 Desirée exatamente. e o seu olhar sobre tudo vai ficar muito diferente
914 você vai estranhar tudo até o ar (.) até a água, até::: até
915 tudo. você estranha a temperatura (1,0)
916 João você é estrangeiro no seu próprio país
917 Desirée e:::xatamente. exatamente né? e é o preço que a gente paga
918 por sair (.) quando a gente nunca saiu, a gente não sabe o que
919 é ser daquele país né (1,0) a gente nunca saiu de lá (.) no dia
920 que a gente sai fala olha ser brasileiro então é assim né? (.)
921 igua- a primeira vez que olharam pra minha cara em em niterói
922 (.) falaram assim você é mineira né? (.) eu falei por que você
923 acha isso? ah, seu jeito. °totalmente diferente° aí eu falei,
924 uai, como assim?
925 Ramon não é nem o sotaque né desirée. é o jeito de olhar, jeito de
926 andar
927 Desirée é o pacote todo. é o pacote todo. o modo como você entra numa
928 loja a pessoa já sabe que você não é de lá
929 Turma ((barulhos))
930 Desirée então você não precisa- é::: o negócio do pão de
931 queijo pois é () ((risos)) tem essas coisas né então dá
932 esse tipo de confusão mesmo mas essa confusão faz parte dessa
933 desse modo diferente de ver. e vocês, e isso é muito bom, nunca
934 mais vão olhar pro seu país da mesma maneira que olhavam antes
935 você vai sempre ter alguma coisa de distância (.) não é que
936 você seja estrangeiro, mas você ganha uma (.) distância em
937 relação (.) àquele lugar. ele não cola mais em você, ele não é
938 mais você todinho. né? você é dali, ok, tu conhece todo mundo
939 entende toda aquela lógica, mas olha para aquela lógica (.) com
940 uma certa distância (.) opa, é assim que eles fazem. e de vez
941 em quando você se pega falando eles (.) ao invés de falar nós
942 (.) né? (1,0) não é? bom, nós temos uma tarefa agora, dois,
943 quatro, pera aí, dois, quatro::: seis, oito, dez, DOZE. então nós
944 temos doze alunos, nós podemos fazer (1,0) quatro grupos? (1,0)
945 Tá gravando?
946 Julieta uhum
947 Desirée °ta°. isso. então para quatro grupos nós precisamos de quatro
948 máquinas (1,0) certo?
949 Julieta certo
950 Desirée por que eu vou pedir uma coisa pra vocês (.) que vocês se reúna

951 em grupos de três pessoas (.) pra poderem é::: escrever e aí
952 vocês vão fazer um rascunho hoje. ok? quais são (.) as (.)
953 quatro, quatro, cinco (.) é::: características (.) que uma
954 pessoa precisa ter para (.) sair do seu país de um modo
955 saudável. (.) entende? porque eu já tive muita experiência com
956 alunos estrangeiros (.) que simplesmente, não conseguiram
957 chegar ao Brasil (.) eles nunca chegaram (.) eles estavam aqui
958 (.) mas a cabeça tava em outro lugar o tempo TODO. compara
959 compara compara compara compara sem parar. então eles nunca
960 conseguiram viver aqui (.) e isso gente, foi curioso porque
961 isso atrapalhou o desenvolvimento deles pra aprender português
962 porque eles nunca acharam que o português era necessário (.)
963 porque afinal eles não iam ficar (.) eles nunca acharam que
964 o português seria necessário porque eles não queriam conversar
965 com ninguém mesmo. eles só queriam passar o tempo para ir pra
966 casa. não é? e esses e essas pessoas acabaram por realmente
967 não aprenderem português e viver muito pouco da cultura
968 brasileira. né? então, vamo tentar fazer isso? vocês vão se
969 organizar, e vão escrever (.) um () um texto (.) pros três
970 ok? com essas características. então você pode dizer assim
971 é::: cinco. digamos cinco caracterísiticas (.) do (2,0) da
972 pessoa que vai se dar bem fora de seu país (1,0) pode ser?
973 então vamo lá. deixa eu ver (.) não vai dar briga...ah não vai
974 não três (.) três (.) vocês dois estão fora três e três
975 Mauricio ta
976 Desirée resolvido (.) eles vão falar espanhol (.) espanhol dá muito
977 problema aqui ((risos)) () o João
978 Lavínia o João vai para um dos grupos aqui
979 Desirée i:::sso. troca. você João com o Maurício
980 João ()
981 Desirée Isso. Sandro, sandro ()

Aula 2

001 Desirée muito muito muito sobre os ver:::bos(.) que nós usamos na (.) é:::
002 quando a gente vai se referir a outros autores (.)em texto acadêmico.
003 não é isso? (1,0) é, é isso () na aula de hoje nós vamos ver
004 uma série de conectores, sistemas de conexão (.) que. funcionam
005 ligando orações (.) e que são, muito importantes, quando vocês vão
006 escrever. porque, é, os textos que vocês escrevem pra mim,muitas vezes
007 são todos cortados em frases curtas (.) então tem assim. é,por exemplo
008 a lenda do::: da vitória régia. a vitória régia era uma planta ()
009 rio. Ta ta ta ta ta ta () (7,0) então, quando a gente tem
010 esses, sistemas, quando a gente estuda esses mecanismos a gente
011 aprender a fazer frases complexas. como vocês escreveriam em língua
012 materna () frases longas. com temas () e hoje nós
013 vamos trabalhar com eles. ok? (.) bom. (1,0) eu vou sentar do lado de
014 cá(2,0)° é mais fácil° (8,0) bom.primeira pergunta o que que são essas
015 essas conjunções, são- toda língua precisa de palavras que ligam
016 frases. indicando que sentido elas tem quando faladas. ou (escritas)
017 em conjunto. essas palavras são as conjunções. vamos ver algumas delas
018 e como funcionam no texto, ok? bom. onde é que tem conjunção nesse
019 nesse pedacinho aqui? isso aqui é uma conjunção por exemplo, a gente
020 vai ver daqui a um minuto (.) o e (.) que a gente fala i.né? então
vamos
021 ver algumas delas e como funcionam no texto, ok? o que é importante a
022 gente ver nessas conjunções é que elas são ligadas sintaticamente, por
023 verbos diferentes as vezes. elas selecionam verbos diferentes. então
024 é importante a gente conhecer pra pra escrever isso corretamente,
025 né? (.) é. () ei, tudo bom? (O povo ta muito perto hoje)
026 () você vai ficar aqui?

027 João hello guys

028 Desirée bom. primeira parte, nós vamos verificar essas conjunções
029 a partir do significado da entrada dela na frase. ta? então, é::: os
030 meninos brasileiros que estão na sala, reconhecem essas listas de
031 outras. instancias. normalmente a gente aprende isso como aditivas,
032 adversativas, coordenadas, subordinadas. aqui nada disso tem
033 relevância.aqui o que interessa é o que que elas significam (.) e isso
034 é muito mais difícil de resolver, ne? a primeira coisa que a gente
035 vai ver é a conjunção que a gente chama do tipo mais simples (.)
036 porque ela serve, em princípio, só pra colar uma coisa na outra.
037 certo? em espanhol você vai ter o y °acho que é com y° y y não é? O
038 y. é y em espanhol?

039 Isabelle y

040 Paulo ()

041 Desirée não sei como fala. Y y () fala i igual a gente fala em
042 português, né? o y serve pra juntar (.) dois elementos, de mesma
043 natureza (.) então se são duas frases (.) essas frases normalmente
044 tem, o mesmo sujeito (.) então, la na outra,na outra la no outro texto
045 nós tínhamos °deixa eu voltar la pra ver° nós tínhamos vamos ver alguma
046 delas. ta vendo ali em baixo? E como funcionam no texto. quando você
047 usa o e, você pode tirar uma parte da primeira frase. então ()
048 seria vamos ver algumas delas e vamos ver como funcionam no texto.
049 °não precisa° (.) então quando a gente tem esse sistema, a gente (.)
050 assume que, tem uma ligação daqui pra cá de identidade (.) ou de soma

051 ta? por isso que o e é muito usado em situações do tipo é::: eu:::
052 estudo história, geografia E antropologia (.) certo? terminando
listas
053 exatamente como o espanhol () né? bom. (1,0) aqui eu coloquei
um
054 exemplo bem bobo (.) para (.) ilustrar todos os usos possíveis ta?
055 porque se o e, é o mais simples de todos (.) tem outros que tem um
056 efeito um pouquinho diferente. então vem assim viajei pra espanha e
057 pra França (.) perfeito? certo. agora, viajei pra espanha e também
pra
058 França. meninos brasileiros, o que vocês acham, tem diferença? fala
059 isso, vai
060 Ludmilla () se deixar eu fico falando. tem diferença
061 Desirée e qual é a diferença?
062 Ludmilla você ta ênfatizando parece [tem]=
063 Desirée [exatamente]
064 Ludmilla = um poder maior o enunciado
065 Desirée eu to dizendo, quando eu falo eu fui pra espanha, pra França nada de
066 importante. mas se eu estou com vontade de virar e falar assim, ai
067 eu sou chic eu falo eu fui pra espanha e também pra França. faço
068 com a mãozinha assim
069 Turma ((risos))
070 Desirée °sabe?° porque eu conheço a França, né? () certo? então vocês vão
071 lembrando que o também é ênfase. e vocês vão me ouvir falar ênfase a
072 aula inteira (.) porque muitas vezes a diferença é essa, ta? é ênfase
073 e formalidade também. nós vamos ver que uma (série) aqui nós não
074 usamos na fala. que é o caso do. terceiro. viajei pra espanha e ainda
075 pra França (.) é igualzinho o e também, mas ele é menos usado. ele é
076 comum aparecer no texto. porque o e ainda fala além disso (.)
077 certo? ainda fiz isso. é (.) mais forte. ta? então por exemplo::: yan
078 Yan chegou. em juiz de fora, muito quieto, silencioso e japonês. hoje
079 o yan fala português (.) estuda na universidade e ainda faz teatro.
080 (1,0) °etc°
081 Ludmilla eu já vi ele
082 Desirée °ele faz teatro] ele faz teatro. você já viu ele?
083 Ludmilla no viva::: viva ()
084 Desirée Aeeeeeee é sua fã
085 Turma ((risos))
086 Desirée mais uma fã do yan, né? quando eu falo e ainda faz teatro, eu to,
087 dizendo assim, isso é incrível. certo? isso é além do esperado. ta?
088 se a se eu to contando viagem, eu posso falar assim eu sai do rio de
089 janeiro de ca:::rro, passei (.) pelo nordeste todo, conheci todas as
090 capitais e ainda deixei o carro e fui de avião até Manaus e voltei
(.)
091 o deixei o carro, fui até Manaus e voltei é um (.) extra certo? ta
092 entendendo? bom.
093 Yago professora e se::: o que acontece se tiro essa, a (.) por exemplo eu
094 viajei para espanha e também para a França. também está dentro ou
não?
095 Desirée e também pra França?
096 Yago sim
097 Desirée pode
098 Yago tirando a
099 Desirée tirando o q? tirando isso?
100 Yago sim. tirando a conjunção, a

101 Desirée não. aqui é o artigo. aqui. é um problema sério do português. com com
102 nome de país a gente usa sempre artigo
103 Yago também com nome de pessoa?
104 Desirée nome de pessoa, minas gerais usa (.) minas gerais usa. vocês falam
105 a Desirée , não fala?
106 Yago a desirée uhum
107 Desirée não é isso? eu vou encontrar a Desirée, eu vou encontrar o Ramon, eu
108 vou encontrar a Lavínia. não é? mas, se você sair de minas gerais. e
109 for para::: () campos, dos goytacazes, no rio de janeiro (.) você
vai
110 ouvir eu conheci Desirée, vou falar com Desirée, vou na casa de
111 Desirée (2,0) () mas para nosso consumo, nome próprio, nome de
112 país sempre usa, ta ok? nome de cidade a gente usa em quase todos (.)
113 não, desculpa, nome de cidade é sem. nome de país é com, ta? (.) bom.
114 tudo bem? (.) então vamo la (.) viajei pra espanha bem como para
115 frança. ta ficando esquisito. exatamente que é isso? você nunca ouviu
116 Aluna ()
117 Desirée não, agora você raramente você vai ter ouvido isso aqui, porque isso
118 aparece muito em texto acadêmico.ta? ao invés do e, que quase some, a
119 gente usa o bem como. quem já leu dissertação de mestrado aqui, sabe.
120 o bem como aos montes, né? é::: a::: cultura egípcia bem como a
121 cultura mesopotâmia, né? poderia ser e. é a mesma coisa
122 Ágata °e::: tipo o também?°
123 Desirée tipo o também. tipo o também. o o significado aqui não- vai ser todo
124 igual, tá? (1,0) esse também °()°viajei não somente para a
espanha
125 mas também para a frança. esse é mais esquisito ainda. porque nesse
126 caso eu ouço duas partes. aqui e lá (1,0) ok? e é a mesma coisa que
127 esse aqui aqui gente ta? em texto acadêmico (.) meninos brasileiros,
128 quando precisa cortar palavra em texto acadêmico (.) vigia as
129 conjunções. as vezes da pra economizar horrores trocando as grandes
130 [por menores]
131 Julieta [por menores]
132 Desirée ta? em resumo [de texto] ()
133 Julieta [ô]
134 Desirée e ali tem não somente mas também. não apenas mas também(.) ta? (.) e
135 nesse caso a gente vê as vezes assim não apenas viajou, mas também
136 é::: gastou muito dinheiro (.)°né° (.) agora esses que eu to
mostrando
137 aqui são típicos da escrita e da escrita acadêmica. agora esse aqui é
138 interessante. esse a gente usa o tempo todo (1,0) se tem um e, viajei
139 para a espanha e pra frança, esse aqui é não viajei nem para a
140 espanha e nem pra frança. não, nem, nem. isso é português () né
141 então. significa que eu não viajei (.) não viajei pra espanha e pra
142 frança porque se eu falar isso vão perguntar, você viajou pra onde?
143 (2,0) o que é diferente. aqui eu quero dizer que eu não fiz nem uma
144 coisa nem outra (.) entende? (2,0)
145 Arlete você vai mandar essa informação:::
146 Desirée pra vocês?
147 Arlete ()
148 Desirée CLARO.não dá pra acompanhar. () como eu falei fiquei o dia
inteiro
149 fazendo esse troço. () bom, até ali ta claro pra vocês?
então
150 a gente tem o e que é o mais comum, que ninguém vai errar.ta? pode

151 sempre usar o e. () e tem essas formas que são um pouco ~~136~~ **136**
152 enfáticas, quer dizer um pouco mais fortes e tem essas formas de
153 baixo que são mais acadêmicas características do texto acadêmico, ta?
154 Arlete ()
155 Desirée Ahn?
156 Arlete () mais para::: brigar. por exemplo não só::: comistes todo meu
157 frango, você também ()
158 Desirée ((risos)) Ah::: a gente tem (.) pra brigar a gente tem outra forma
159 pera ai. forma de briga não coloquei aqui, mas tem que colocar, pera
160 ai (.) só um minutinho (3,0) agora vamos discutir qual caneta serve
161 né?
162 Turma ((risos))
163 Desirée tem um assim (.) não contente (.) em (.) comer (.) o frango (.) você
164 (.) também (.) deixou (.) tudo (.) sujo (.) a gente briga assim (.)
165 ↑você não ficou satisfeito em comer o frango (.) né. você também
166 deixou tudo sujo. já faz assim ((tapas na mesa)) bate com a mão
167 enquanto você fala, certo? ((barulho de tapas na mesa)) não contente
168 em comer o frango tatata tatata tatata ok? ()
169 Aluna ()
170 Desirée () boa tarde
171 Lavínia pode passar?
172 Desirée deixa eu ver, pode passar? oi? você ta copiando?
173 Arlete não, só:::
174 Maurício (eu queria saber como brigar ((risos)))
175 Desirée Uhum. tem dúvida? (8,0) aqui eu vou perguntar pra vocês (.) leiam o
176 texto (1,0) devagar (.) devagarinho °(pra conseguir ler°) ()
177 aqui a tarefa é ler esse texto pequenininho (.) e localizar os
178 elementos que ligam as orações (40,0)
179 ((conversas paralelas))
180 Desirée °ok?° (45,0) vamos ler junto? (2,0) quem já passou por essa situação?
181 (.) a pessoa cumprimenta com um forte abraço, dizendo seu nome (.) e
182 você não tem () >remota ideia de quem seja< (.) °quer dizer que
183 você não sabe quem é° nem imagina (.) a pessoa fala seu nome, tudo
184 bom,quanto tempo que eu não te encontro e fala () né?
185 Aluna °acontece°
186 Desirée acontece. comigo então atualmente. a melhor saída é falar a verdade
187 antes de começar a conversa (.) desculpe-se e diga que não lembra de
188 seu nome né(2,0) recomenda a consultora () para a consultora
189 isso é falta de tranquejo social (.) eu tenho minhas dúvidas, acho que
190 é falta de memória mesmo
191 Aluna o que é traquejo?
192 Desirée traquejo é::: jeito (.) modo de co- de fazer as coisas socialmente
193 Yago ()
194 Desirée socialmente é.
195 Yago socialmente
196 Desirée é. socialmente. traquejo social, por exemplo, é quando você sabe se
197 comportar em um jantar chique (.) ter que pegar o garfinho, fazer
198 assim () né? é::: saber como se comportar com as pessoas, de um
199 modo diferente. esse tipo de coisa. né? é::: se a outra pessoa lembra
200 seu nome, provavelmente vocês já foram apresentados. e porque você

201 esqueceu dela? (.) porque esqueceu né? você não lembra, não tem
 202 por que (.) a desculpa de memória péssima para nomes é uma desculpa
 203 desgastada, mas é verdadeira. assim como se referir a pessoa como
 204 querida ou querido. a gente faz oi querida. oi querido, tudo bom? né
 205 e a pessoa vai fazendo isso. como você faz quando acontece?
 206 Isabelle eu::: quando uma pessoa me cumprimenta=
 207 Desirée Uhum
 208 Isabelle =e eu não sei quem é=
 209 Desirée Uhum
 210 Isabelle = é::: eu sigo::: na conversa com ela
 211 Turma ((risos))
 212 Isabelle () de onde eu conheço ela? não sei não sei
 213 Turma ((risos))
 214 Isabelle só que ela () comenta alguma coisa que plim. ah sim oi:::
 215 Desirée ((risos)) ai você fica muito mais ()
 216 Isabelle ()
 217 Desirée °ate que você se lembre° Ágata, o que você acha?
 218 Ágata ah, eu falo que minha memória é horrível é é é verdade=
 219 Desirée a minha também
 220 Ágata =desculpa, mas mas si não lembro ()
 221 Desirée tem esse problema né. Sandro, o que que você faz? (.) isso costuma
 222 acontecer com você? (2,0)
 223 Sandro ()
 224 Desirée oi?
 225 Sandro °não entendi essa situação°
 226 Desirée não entendeu?
 227 Sandro ()
 228 Desirée você encontra uma pessoa (.) que cumprimenta você, chama você pelo
 229 nome, todo feliz, mas você não se lembra da pessoa
 230 Sandro Ah::: (2,0)
 231 Desirée o que é que você faz? (2,0)
 232 Sandro eu vai cumprimentar::: (.) falar () parece::: conhecer ()
 233 Desirée você vai fingir que conhece?
 234 Turma ((risos))
 235 Desirée Sandro, isso é um perigo Sandro ((risos)) você- a melhor maneira é
 236 falar que você está com mui:::ta pressa (.) e sair correndo (.) porque
 237 ai você vai ter menos problemas, né? e depois você faz o possível para
 238 lembrar, né?
 239 Ágata ou ir na Starbucks
 240 Desirée oi?
 241 Ágata ou ir Starbucks para-
 242 Desirée ISSO, perfeito, né. Starbucks, ótimo. porque eles colocam o nome. aí
 243 na hora que gritar o nome
 244 Turma ((risos))
 245 Ágata um vez e:::u a::: eu foi com a::: uma amiga e eu esqueci a::: nome
 246 dela. três dias sem nome. três dias ()
 247 Turma ((risos))
 248 Desirée e quanto mais tempo passa pior fica. por que como é que você vai
 249 perguntar?
 250 ((falas simultâneas/risos))

251 Desirée é triste
252 Ramon a tática que eu uso é perguntar é que ta seu sobrenome no facebook? ai
253 a pessoa fala o nome e o sobrenome
254 Turma ((risos))
255 Desirée bo:::a. ai se a pessoa te responder, não não tenho facebook (1,0)
256 ai você () mas com qual nome você gostaria de fazer?
257 Turma ((risos))
258 Ágata ou você::: pode::: dar seu numero de telefone
259 ((falas simultâneas))
260 Ágata () porque portuguese português é difícil para mim. pode
261 escrever ()
262 Desirée também ()pra vocês é mais fácil. esqueci como se escreve seu
263 nome. põe pra mim. pra gente não cola, mas pra eles funciona né.
264 Yan, como que você faz?
265 Yan ()
266 Desirée você vai perguntar? () o que você faz? (3,0)
267 Yan ()
268 Turma ((risos))
269 Yan ()
270 Desirée isso. boa
271 Yan ()
272 Desirée °exatamente° tenho uma outra solução, que eu pensei agora. tira uma
273 selfie com a pessoa
274 Turma ((risos))
275 Desirée cola a cara da pessoa no google como imagem. ele procura imagem e ele
276 vai dizer quem é aquela pessoa
277 Aluna sério?
278 Desirée sério. isso existe. pesquisa por imagem no google. é também uma
279 técnica altamente moderna
280 Ágata eu falei () meu marido tem memória para nomes ótima
282 Desirée que maravi:::lha de marido
282 Ágata ó:::tima ele () nome. todas
283 Desirée ai que coisa
284 Ágata é. eu não sei porque-
285 Desirée é até absurdo né? até incomoda. poxa, não precisa tanto
286 Ágata ()
287 Desirée sabe tudo?
288 Ágata sim (.)
289 Desirée °eu sou incapaz°
290 Ágata por exemplo, um deles ele é::: ()=
291 Desirée conheceu
292 Ágata si. pessoa uma vez, depois oi, olá (.) e ai é olá. que é isso? ()
293 Turma ((falas simultâneas))
294 Ágata todas mulheres, todas ()
295 ((falas simultâneas))
296 Desirée André André começa a esquecer meu filho. aprende a esquecer
297 Arlete eu tenho esse problema também
298 Desirée com quem?
299 Arlete Com (yago) porque (lembra de) cara, nome, escola, vida tudo
300 Desirée o:::lha outro

301 Arlete é, é ele lembra até a roupa, sapato
302 Desirée que que isso
303 Arlete tudo
304 Desirée tenho medo de você
305 Arlete ele () fala na casa, você () devia usar óculos
306 Turma ((risos))
307 Arlete mas é:: eu faço () quando esqueço nome, eu não sei eu falo pra
308 ele você sabe quem é ((risos)) você lembra? as vezes ele fica bravo
309 porque não sei, você sabe ((risos))
310 Desirée ((risos)) sua obrigação. bom, vamos de volta. para nossos textos aqui.
311 onde tem elemento que liga e acrescenta informação aqui? quem me
312 ajuda?(5,0)
313 Arlete [E]
314 Mauricio [ou]
315 Desirée onde ta o e?
316 Arlete e você
317 Desirée exatamente. olha só. a pessoa, o cumprimenta com um forte abraço, e
318 você não tem a mais remota ideia de quem seja. a mais remota ideia
319 significa, nenhuma ideia. não vem nada. nenhuma imagem, né. esse e
320 as vezes, também indica, é::: marcação de tempo (.) quando você tem
321 uma série de ações que vão acontecendo, então você vai colocando (.)
322 é::: hoje de manhã eu acordei, lavei meu rosto, fiz café::: ahn:::
323 arrumei minha cama, e o (computador) (.) então. isso aí é uma-uma
324 sequência que acrescenta, mas que também tem marca de tempo. né. ai a
325 gente percebe dessa maneira (.) onde mais tem?
326 Arlete ()
327 Desirée desculpe-se
328 Arlete °desculpe-°
329 Desirée desculpe-se e diga. certo? olha só. é o mesmo sujeito aqui e aqui.
330 você desculpa, você disse. certo? (.) tem mais? (3,0) tem. tem mais
331 uma.
332 Arlete [()]=
333 Desirée tem mais dois alias
334 Arlete ()
335 Desirée I:::sso (.) aqui (.) né (.) a desculpa de memória péssima é uma
336 (desculpa) desgastada [ASSIM como]
337 Aluna [assim] como
338 Desirée olha o assim como aqui (.) né. que poderia ser além de (.) mas assim
339 como é melhor aqui. perfeito?
340 Arlete ()
341 Desirée é. pode ser. mas é- (.) não. deixa separado. depois eu vou explicar
342 o além. o além acrescenta de uma maneira um pouquinho diferente (.)
343 Isabelle [()]
344 Yago [ou também (poderia usar?)]
345 Desirée °cade ele°
346 Yago [()]
347 Arlete [(ou () ao final]
348 Desirée é. esse aqui (.) vem pra ca porque eu não posso riscar ali né. esse
349 ou, ele é um tipo de de acréscimo que a gente chama de alternativa
350 (4,0) quando você marca duas possibilidades. ta? então é:::

351 normalmente indica escolha,ta? Ou eu uso aquele computador azul ou eu
352 uso o computador branco, certo? e é uma soma. ao mesmo tempo. ou é ¹⁴⁰
353 exclusivo. ou usa esse ou usa esse.certo? isso da muita confusão em
354 texto acadêmico né (2,0) °até esqueci° muito bem. agora nós vamos
355 falar de café. como que vocês gostam do café? quente ou frio?

356 Aluna ()
357 Desirée ()
358 Yago quente
359 Desirée oi? pra você? quente. frio? tem gelado.
360 Isabelle °(nossa)°
361 Desirée é. tomei nos estados unidos. primeira vez que eu tomei eu levei um
362 susto. porque ele era gelado e sem açúcar.eu fiz assim ((som)) muito
363 forte
364 Isabelle (frozen)
365 Desirée oi?
366 Isabelle frozen ()
367 Desirée frozen. exatamente. é isso mesmo, né? () hum::: muito bem
368 com açúcar ou sem açúcar gente?
369 Maurício com açúcar
370 Desirée °com açúcar° todo mundo? Ah:: tudo bem
371 Lavinia eu tomo sem açúcar
372 Desirée eu tomo sem açúcar
373 Ramon eu tomo sem açúcar
374 Desirée uma coragem impressionante pra isso. pra que eu não sei ()
375 Ludmilla nem quando é chocolate, alguma coisa assim?
376 Desirée quando coloca chocolate, eles tem que colocar açúcar porque amarga,
377 faz você chorar () aí tem que ter açúcar. com canela,chocolate
378 essas coisas assim. bom. aqui, porque que eu to falando como vocês
379 gostam do café. porque essas frases aqui. agora, elas são marcadas
380 por uma contraposição de ideia. basicamente, quando você pensa
381 em num café. pra você o café bom vai ser quente com açúcar certo?
382 aqui nós estamos falando de uma situação, em que o café está quente
383 e isso é. bom. está sem açúcar. isso é bom? pra vocês?
384 ((falas simultâneas))
385 Desirée hein?
386 João é bom para os outros. outras pessoas
387 Desirée talvez.não, mas eu to pensando assim,é bompra emagrecer::: mas gostoso
388 não é. né? vocês gostam do café quente e doce. quando eu quero falar
389 que o café ta quente e não está doce (.) eu simplesmente não estou
390 falando sobre minha preferência. mas se eu falo o café esta quente
391 Mas está sem açúcar, eu to dizendo que eu não gosto de café sem açúcar
392 entenderam? (.) eu gosto assim. e não gosto desse (3,0) perfeito?(5,0)
393 as vezes você pode usar o contrário também, as vezes a primeira parte
394 você go- você go- não gosta e essa você gosta mas. a gente () mas
395 é o que a gente não gosta não é? fala assim, hum ta sem açúcar né?
396 então aqui é o efeito de <contraposição> é quando você tem duas frases
397 que são ligadas de um jeito em que a segunda não é o que você espera
398 quando você ouviu a primeira. por exemplo é::: se eu falo assim (.) o
399 Sandro viajou para::: o Sandro viajou, Sandro viajou para Bahia(2,0)
400 se o Sandro viajou para a bahia o que a gente imagina que o Sandro

401 fez?

402 Isabelle foi a praia

403 Desirée foi a praia. o que mais?

404 Ramon comeu acarajé

405 Desirée comeu acarajé (4,0)

406 Iabelle ()

407 Desirée água de côco. ai eu vou contar pra vocês uma coisa terrível sobre o Sandro (.) o Sandro foi a bahia mas não tomou água de côco, não foi a praia nem comeu acarajé (.) o Sandro fez uma viagem muito esquisita pra Bahia, né. o sandro foi pra bahia, mas o Sandro ficou é- num apartamento no décimo quinto andar ouvindo rock (.) ok? então aqui a gente tem um exemplo de como que isso funciona.por que quando eu falo foi pra Bahia, a gente imagina uma porção de coisas. quando essas coisas não aconteceram, a gente liga essas informações com o mas, () ((risos)) bom, é::: a gente tem uma coleção de jeitos de fazer isso daqui funcionar, ta? () mesma coisa. o mas é o mais con- o mais conhecido (.) com o mas vocês re- vocês resolvem a vida nem precisava saber outro. Só que as pessoas usam os outros também e outra vez a gente tem a ideia de ênfase. ta? então eu falo assim O o café está quente porém está sem açúcar (1,0) o porém parece um pouquinho mais forte uma(reclamação) mais formal (.) ne. agora, esses aqui você vai-vocês vão ver no texto acadêmico, texto escrito ta? mais do que na fala da gente então o café está quente, contudo está sem açúcar. todavia estaria sem açúcar. lembra do todavia? da aula passada? olha como é que ele é usado () igualzinho o mas todavia lembra

426 Maurício

427 Desirée oi? todavia lembra. exatamente né. então. todavia é assim que usa ta? nunca começa a frase com todavia ele é encaixado no lugar do mas. e tem entretanto e nem tanto (.) certo? todos significam a mesma coisa (1,0) tudo bem? (.) bom. até aqui nós fomos é:::°acho que pode passar° (1,0) outro texto (.) outro conselho. agora é um conselho sobre para os homens, no primeiro encontro com a namorada

433 Maurício ()

434 Desirée Ah::: isso é importante. trata de ler com carinho, ta? (40:05-42:11) primeiro encontro (.) vocês concordam com isso aqui? (.) seja você mesmo (.) que é bom. homem que chega todo esquisito no primeiro encontro.ou então todo super preparado arrumado,ai no dia seguinte já, °não tem jeito° () né. nada de mentiras e de super produções (.) °pegar o carro emprestado do seu amigo milionário, todo contente° entende? todo feliz né? levar a moça no lugar mais caro da cidade, ai ela fica achando que você é rico. né? essas coisas. isso é °perigoso°

442 Maurício (ela não é) uma mulher interessada

443 Desirée não é uma mulher interessada. por isso mesmo

444 Isabelle ()

445 Turma ((risos))

446 Desirée aqui bateu levou. presta atenção nisso. o negócio aqui é feio. () vista-se de acordo com o seu estilo (.) agora tem um porém lembra do porém () porém com mais cuidado (.) então não é também pra você sair com o mesmo jeans e camiseta de todo dia. não. ne? todo mundo gosta de encontrar com alguém bem tratado (.) entende bem

451 tratado? aqui vai falar o que é bem tratado. banho tomado. perfume.
452 barba feita. roupa bem passada, não fazem mal a ninguém (1,0) não
453 fazem mal a ninguém significa, é importante, ajuda, certo? ()
454 perfeito? (.) entende tudo. isso? Sandro, tudo joia ai? no entan- olha
455 o no entanto agora. >use perfume com moderação<. que que é com
456 moderação? é mui:::to perfume?
457 Turma não
458 Desirée °um pouco de perfume° certo? a moça tem que chegar perto de você pra
459 sentir seu perfume(.)eu já tive- já conheci gente (assim), que chegava
460 na porta da minha casa e a minha família falava, ta chegando o
461 perfuma:::do, porque o perfume chegava antes dele.entrava o perfume
462 (.) ai entrava ele atrás. agora ele ta mais calmo,mas antigamente era
463 assim. use perfume com moderação. então. com moderação é (.) com
464 com tranquilidade. onde vocês já ouviram essa expressão antes? com
465 moderação. alguém já ouviu isso? (1,0)
466 Isabelle tomar cerveja
467 Desirée ()I:::sso. beba com moderação.nas cervejas sempre tem isso. que é
468 pra você não beber mui:::ta cerveja. adianta? °não né°() (2,0) então
469 no entanto use perfume com moderação, já que o par, a outra pessoa
470 pode ter alergia, entenderam alergia? (.) ou não gostar da
471 fragrância ô palavra difícil. fragrância é a mesma coisa que perfume
472 certo? (2,0) ((som)) perfume ruim, se estiver forte
473 Ágata fragrância para perfume perfume bom ou é::: para todas?
474 Desirée fragrância é o perfume em si (.) né? agora (9,0) pois é mas
475 normalmente, a gente escuta perfume que deve ser bom. a pessoa pode
476 não gostar,mas em princípio ele é bom. odor (.) é que pode ser (2,0)
477 bom (.) ou (.) ruim certo?
478 Ramon () fedor é sempre ruim
479 Desirée Ah é. fedor
480 Ramon é sempre ruim (3,0) é porque no espanhol fedor é bom ()
481 Desirée é?
482 Mauricio non. non
483 Ramon () fedorento não?
484 Arlete espanhol fragrância és chero
485 Desirée cheiro
486 Arlete é::: porque::: tem fragrância boa e fragrância ruim
487 Ludmilla Ué, mas no português também pode ser. fragrância pode ser cheiro
488 também. a fragrância de fulano. () é raro ()
489 Ramon ()
490 Desirée pode. fico numa duvida danada. acho que eu nunca ouvi. que eu acho
491 uma palavra meio técnica
492 Ludmilla É::: minha mãe sempre falou
493 Ramon não. o cheiroso é fedorento
494 Desirée pois é
495 Ludmilla fulano tem uma fragrância estranha
496 Desirée pode ser
497 Desirée ai tem um exemplo legal. cheiroso (4,0) fedorento (3,0)
498 Ramon mas o Desirée se você falar que a pessoa ta com odor. é porque ela ta
499 fedida
500 Desirée você não deve nunca falar sobre esse assunto com as pessoas né? a

501 palavra odor não aparece, cheiro não aparece. só a palavra perfume.
502 nossa, seu perfume é uma delícia, né? agora (.) aquele moço que chega
503 depois de um dia de ginástica, né? fedorento (.) °não tem jeito°
504 aí fedorento. ok? E tem uma expressão que nós usamos (8,0) ↑EU tenho
505 que falar isso, tem que (falar) essas coisas também. CC. CC é uma
506 abreviação antiga para cheiro de corpo. (3,0) CC é isso. CC é quando
507 você sua muito e fica com cheirinho ruim
508 Ramon fica dois, três dias sem tomar banho.
509 Desirée credo () dois ou três dias sem tomar banho no Brasil. é
510 muito difícil
511 Ramon mas o CC no Brasil faz a pessoa sofrer. na escola sofre bullying quem
512 tem CC
513 Desirée sofre. sofre. sofre sim né. hoje tem muita solução. antigamente era
514 mais difícil
515 Isabelle () CC?
516 Desirée CC. CC é cheiro ruim. CC (.) é. vou ter que falar né? é isso. esse
517 cheiro. oh eu não tenho não ta
518 João () cheiro de CC ou o que?
519 Ramon você tem CC
520 Desirée ai a gente fala assim é::: ele ta com CC
521 João ()
522 Ramon ()
523 Desirée não é? () elas são inocentes na história. falar que alguém ta
524 com CC
525 Aluna ()
526 Desirée é por que é grave, entendeu?
527 Ludmilla ta fedendo mesmo
528 Desirée ta fedendo mesmo. tem que correr pro chuveiro
529 Ludmilla geralmente é falta de desodorante
530 Desirée falta de desodorante() se tem uma coisa no Brasil que vende, muito, é
531 desodorante (.) porque aqui é muito quente. ai agente toma banho e
532 passa ((som))
533 Ramon mas para o brasileiro é inaceitável ter cheiro ruim. é socialmente
534 reprovável
535 Desirée reprovável. É muito ruim. por que aqui faz muito calor. e se você
536 está no mesmo ambiente que uma pessoa que ta com um cheiro ruim, fica
537 mui::to ruim, muito difícil.
538 Ágata cheiro é odor
539 Desirée é odor. é a mesma coisa. odor é uma palavra muito sofisticada, ta? pra
540 cheiro. odor, fragrância (9,0)
541 Lavínia não sei, mas eu acho que odor (.) a gente sempre fala quando a gente
542 fala de alguma de alguma coisa como::: alguma coisa natural do
543 corpo tipo::: ()
544 Desirée ou é termo médico
545 Lavínia isso
546 Ramon ()
547 Lavínia Ou pra alguma coisa, alguma coisa física
548 Desirée ou termo técnico
549 Lavínia isso (.) tem cheiro bom cheiro ruim (aí é genérico)
550 Desirée cheiro inclusive é pra qualquer coisa. odor a gente não () tanto

551 assim

552 Aluno é eufemismo

553 Desirée é eufemismo. e é técnico. né. você vai vai conversar com o médico

554 você vai falar isso. é como as partes do corpo né? o médico fala das

555 partes do corpo com outras palavras. bom. vamos lá de volta. onde que

556 eu parei? fragrância né?

557 Aluno ()

558 Desirée oi?

559 ((falas simultâneas))

560 Desirée e quem paga a conta? (.) assim, lembra que é o primeiro encontro, né?

561 vamos voltar pra cá, né? segundo os consultores, é quem convida e, no

562 primeiro encontro, pressupõe-se que é o homem (.) nós vimos essa

563 palavra pressupor ontem, não vimos? antes de ontem. já discutimos

564 () então aqui no Brasil, pelo menos nessa regra aqui que é de dois

565 mil e sete (.) primeiro encontro, o homem convida, o homem paga.

566 depois, aí tem negociação. cada um paga o seu, a mulher paga () (.)

567 aqui tá escrito o seguinte, demonstra cavalheirismo e gentileza (.)

568 cavalheirismo é uma coisa é uma palavra meio antiga da condição do

569 homem frente a mulher () i::sso ser cavalheiro é uma

570 característica do homem (2,0) °ta meio difícil os homens hoje veem

571 as mulheres carregando peso, eles atravessam a rua para fazer que

572 °nem viu° () tá difícil né. em inglês (5,0) () em

573 francês (2,0) bom, vamos lá. o homem pode escolher um lugar mais simples

574 que caiba no seu bolso. caiba é o verbo caber. sabe o que significa?

575 (2,0) todo mundo? em inglês é to fit. caber (.) é (.) aquilo que

576 pode ficar dentro °olha a bagunça° isso tudo cabe dentro da bolsa, ok?

577 e aqui é caber no bolso. é uma expressão que indica que o homem tem

578 dinheiro para pagar (.) certo? a gente escuta essa palavra assim

579 por exemplo (4,0) esse preço. cabe (.) no meu. bolso (2,0) isso

580 significa, esse preço eu posso pagar. ou o contrário. esse preço (.)

581 não cabe no meu bolso, ok? então não posso pagar (3,0) aí tá assim

582 o homem pode escolher um lugar mais simples, que caiba no seu bolso,

583 mas. a lá o mas que a gente tava estudando. mas tem de pagar a conta

584 ok? então é a re-. aqui são as possibilidades pra ele. obrigação

585 nos próximos encontros. o casal pode combinar e dividir se ()

586 tudo bem? Sandro? Sandro Sandro tá com cara de dicionário você olhou

587 pra cá, olhou pra cá, olhou pra cá, olhou pra cá. pode falar

588 Sandro no tá entendendo isso

589 Desirée então. por exemplo, eu tenho cem reais

590 Sandro ah tá entendi

591 Desirée entendeu? então se custa menos de cem cabe no meu bolso (.) se custa

592 mais. perfeito? joia. beleza (2,0) agora que eu vi que eu tá com um

593 relógio fora do horário de verão. eu estou admirada da aula render

594 Turma ((risos))

595 ((falas simultâneas))

596 Desirée bom, agora tem uma outra parte complicada (2,0) até agora nós vimos o

597 mas, contudo, todavia (3,0) em que você tem duas situações, ou duas

598 frases que ficam uma aqui (2,0) e outra aqui. vamos explicar. eu falo

599 o seguinte (1,0) saí de casa. cedo (1,0) tudo bem? saí de casa cedo

600 mas (4,0) cheguei (3,0) atrasado. saí de casa cedo é bom. cheguei

601 atrasada é? ruim. o mas indica isso (.) tudo bem até aqui (.) agora
602 vou mostrar um sistema da língua portuguesa (.) que é mais
603 <sofisticado> do que aquilo ali. esse aqui é direto. o que eu vou
604 mostrar agora (3,0) embora (1,0) e agora o verbo vai mudar um
605 pouquinho ta? (1,0) tenha (.) saído de casa (.) cedo (10,0) cheguei
606 atrasada (5,0) quando eu coloco essa palavrinha aqui, embora (1,0) o meu
607 ouvinte, a pessoa que está me ouvindo, já sabe que (.) isso daqui (.)
608 não deu certo. ou isso aqui vai ser acompanhado de uma coisa contrária
609 (3,0) entende? deixa eu fazer um outro exemplo que eu sempre usei
610 com meus alunos brasileiros que, ajudava a entender a diferença. é:::
611 imagina gente, que (.) nós vamos fazer uma viagem. nossa turma resolveu
612 a gente se juntou e::: resolveu que vamos tentar viajar para:::
613 para::: deixa eu ver para Tiradentes, no final da semana, tudo bem?
614 aí, eu preciso, para viajar junto com vocês, da::: autorização do
615 diretor. entende? vocês são meus alunos, é uma tarefa da faculdade,
616 pra fazer isso eu preciso da autorização do diretor. Muito bem aí eu
617 explico pra vocês na outra segunda feira, gente vão fazer viagem,
618 vão fazer, vão perguntar pro diretor se pode (2,0) eu chego aqui na
619 quarta feira e falo assim, o diretor gostou muito da ideia (.) o que
620 que que vocês acham? assim ou assim?

621 Arlete ()

622 Desirée o diretor gostou muito da ideia (2,0)

623 Arlete °é bom°

624 Desirée bom() tudo certo? mas não tem dinheiro (3,0)

625 Isabelle °ruim°

626 Desirée () entende? a tristeza que da, não da? você ficou contente, com
627 a primeira parte da frase, aí vem um mas (1,0) quando você escuta o
628 mas já dá a tristeza, porque (.) não vai. não vai pra frente, não
629 é? só que quando você escuta o embora (.) você já vai prestar atenção
630 nesse. e vai saber se vai dar certo ou errado. por que quando vem o
631 embora, e fala assim embora o diretor tenha gostado muito da ideia (.)
632 ninguém se anima com essa (sentença) zero.zero de animação né. agora,
633 pode ser ao contrário. embora não tenha dinheiro. ô. o diretor vai
634 dar um jeito, certo? embora não tenha dinheiro o diretor vai falar
635 com o reitor. não sei (1,0) tem esperança. então o que é interessante
636 aqui. é quando você tem esse sistema, ele já desvaloriza essa parte.
637 certo? aqui não, aqui você não sabe o que vai acontecer até o mas
638 chegar. por isso esse formato é muito comum em ciência(.) por que?
639 porque no texto acadêmico, você precisa, as vezes, explicar por que
640 você não vai usar uma teoria. então, a gente fala assim, embora
641 a teoria do Joaquim seja essa, essa,essa eu vou usar outra. entende?
642 então () sono, eu to ficando com sono. esse barulhinho aqui,
643 esse calor, a essa hora () tem três alunos assim já

644 Lavinia Paulo

645 Turma ((risos))

646 Desirée o Paulo dorme em todas as aulas ((risos)) o paulo é famoso, mas não é
647 o Paulo hoje não, o Paulo ta quieto. ta até assim oh () bom,
648 quando você quer inserir uma ressalva. isso aqui eu não soube
649 traduzir bem pra vocês. ressalva é uma maneira de falar assim, olha

650 tem isso, a gente (o porém) pior ainda né? é difícil. agora quando

651 você admite algo. as vezes é::: quando a gente é criança, e pede as
652 coisas pro pai da gente ele tem esse discurso que a gente vai ver
653 aqui é::: embora, eu saiba que você gosta mui:::to desse videogame.
654 embora eu saiba que a sua mãe concordou. embora você mereça porque
655 você é um excelente filho, eu não vou poder dar (.) certo? isso a
656 gente chama de concessiva na gramática. porque é assim. você fala
657 assim eu sei, eu sei, eu entendo, agora, não vai ter jeito. então
658 quando você usa esse sistema, você faz esse efeito. ta? de falar assim
659 eu sei disso, eu sei, não adianta você falar. eu to entendendo isso
660 aqui é verdade, isso aqui é verdade, isso aqui é verdade. ma:::s não
661 vai ter jeito, ok? então aqui você tem vários exemplos oh. embora o
662 café esteja quente, está sem açúcar. então já sabe que você está
663 reclamando. ta? ainda que o café esteja quente, ta sem açúcar (.)
664 agora, esse aqui é muito chique. °Não obstante° o café esteja quente.
665 isso aqui é horroroso. °(esse) aqui a gente não usa quase nunca° eu
666 nem soube usar direito

667 Lavinia ()

668 Desirée °mas é feio né°

669 Ludmilla Feio

670 Desirée Horroroso

671 Lavinia la na faced ooo vejo vejo muito

672 Desirée ((risos))

673 ((falas simultâneas))

674 Desirée apesar de o café estar quente, >está sem açúcar< esse é bem comum.
675 tanto quanto esse aqui () perfeito? [próximo]

676 Yago [professora], professora

677 Desirée Sim

678 Yago também se pode usar mesmo que, mesmo se () as vezes

679 Desirée pois é. o mesmo que. ele vai ter um efeito um pouquinho diferente. Eu
680 ia colocar ai e tirei. vou fazer esse aqui (2,0) mesmo que (1,0)
681 ele não fica bom nessa frase por exemplo

682 Lavinia é, ele vai pedir-

683 Desirée fica estranho. mesmo que o café esteja quente,

684 Lavinia ele vai pedir uma ação

685 Desirée vai pedir uma ação, exatamente. vai ser alguma coisa assim é melhor
686 Lavinia não beber

687 Desirée não beber agora (.) ele é esquisito. eu não sei explicar isso

688 Lavinia mesmo que o café esteja quente, você vai bebê-lo

689 Desirée i:::sso. mesmo que você esteja morto de cansaço, vai levar o lixo
690 pra fora. desse jeito() é assim. com o dedo oh vai levar o
691 lixo la fora. ta? então o mesmo que ele é ele é quase uma ameaça
692 ta entendendo? ele é um pouquinho diferente dos outros. mesmo que
693 você consiga. ele é muito comum pro futuro inclusive. mesmo que eu

694 ganhe na loteria, eu não paro de trabalhar (.) né. ele é muito comum
695 no futuro é::: bem bem curioso. ele tem um efeito um pouco diferente
696 próximo? (1,0) exercício (2,0) caderno. quatro só porque isso aí é
697 meio chato. eu fiquei tentando fazer isso ficar bonitinho mas não
698 ficou bom não. °aí ficou assim mesmo°
699 01:08:39 - 01:12:47 ((falas simultâneas))
700 Desirée e aí? como ficou essa? foi fácil?
701 Arlete embora. Embora
702 Desirée embora
703 Arlete °()°
704 Desirée Hum::: ()problema de verbo. por isso eu coloquei só quatro (5,0)
705 li (.) e (.) não vi. não é esse o problema? se eu coloco o embora
706 (2,0) esse verbo aqui vai ter de ir pra um tempo diferente. ele vai
707 ter que ser. eu não posso falar embora eu li. eu vou ter que usar,
708 embora eu tenha lido. é um verbo no passado do passado (.) embora
709 tenha lido o livro (3,0) aí o outro fica igual (5,0) ok? como é que
710 usa esse verbo? é o verbo ter, na forma (.) tenha mais qualquer verbo
711 no particípio. então é o seguinte se é ler fica lido. se é ver fica
712 (1,0) °quem sabe°? visto. (1,0) se é por exemplo, conhecer, conhecido
713 perceber, percebido, é::: estudar, estudado né. a ado. Falar (1,0)
714 Falado
715 Arlete qual que é mesmo o nome desse::: verbo ()
716 Desirée () melhor você não perguntar. porque o nome é desse tamanho
717 pretérito mais que perfeito do subjuntivo. nem brasileiro sabe esse
718 Negócio
719 Ludmilla eu acabei de olhar aqui pra poder colar
720 Desirée () é o pretérito mais que perfeito do subjuntivo composto
721 Ramon e tem o simples que a gente nem fala ne
722 Desirée tem o simples que a gente não sabe fazer
723 Ramon embora eu tenha. embora eu leia
724 ((falas simultâneas))
725 Desirée a gente nem sabe fazer isso. não tem. a gente não tem. a gente não tem
726 é do latim, perdeu graças a Deus
727 Ramon graças a Deus
728 Desirée () mas o nome é desse tamanho. então esquece o nome ()
729 não preocupa com ele não porque é muito feio ta? () a gente usa
730 muito. embora eu tenha lido. embora eu tenha estudado (.)
731 Isabelle é sempre no início?
732 Desirée é sempre no início. sempre. ele abre a frase ta? ele abre a frase
733 Yago pode usar para o meio da oração
734 Desirée nunca. embora não cabe. ele sempre começa. ele é diferente do mas.
735 o mas fica la no meio não fica? eu li o li- eu não li o livro, mas vi
736 o filme (1,0)
737 Yago também o apesar?
738 Desirée apesar? não
739 Yago apesar de
740 Desirée não pode. ele não pode começar, o mas não começa
741 Yago Não não. to falando de apesar de

742 Desirée °desculpa° apesar de fica no inicio também (.) de vez em quando eu não
743 sei se você ta falando espanhol ou português, eu não escuto ()
744 Arlete e esse tenha lido és
745 Desirée participio de ler, ta? então é participio (14,0) escrever, escrito
746 Alguns são irregulares,ta? resolver, resolvido () sair, saído, viver
747 vivido, morrer, morrido, cantar,cantado ok? e aí você põe só o tenha
748 na frente
749 Arlete aí é só com o embora ou com todas as
750 Desirée com todas essas que tenham esse efeito inicial. ta? apesar de eu ter
751 visto meus amigos, oi?
752 Ludmilla mas também pode ser no infinitivo né? apesar de ler o livro, eu vi o
753 filme?
754 Desirée não é a mesma coisa (.) apesar de ter lido o livro
755 Ludmilla não. é é é o tempo
756 Desirée fica diferente
757 Aluno fica meio que () hábito né
758 Desirée apesar de ler
759 Ludmilla ah, fica como se fosse hábito ° a gente não conhece a língua que a
760 gente fala.
761 Desirée né::: ()
762 Yago professora
763 Desirée oi
764 Yago (sem o verbo ter também) pode ser usado?
765 Desirée não
766 Yago não? eu to pensando assim (.) não vi o filme, embora não vi o filme
767 Desirée não pode. não pode (.) eu posso fazer duas coisas. deixa eu melhorar
768 isso aqui. eu posso fazer. eu (.) por exemplo. agora vai. eu não
769 vi o filme (.) mas
770 Yago não
771 Desirée li o livro. ok? isso pode, normal, bonito
772 Yago si si entendo professora
773 Desirée a outra opção quando coloca o embora (.) não tem jeito vai pro inf-
774 vai pro vai pro subjuntivo. se fosse. por exemplo eu não vejo o filme
775 mas (.) leio o livro. ta ok? o li no presente. tão vendo gente?
776 presente agora. eu não vejo o filme, mas leio o livro (2,0) ta ok?
777 se perguntar assim você prefere ler o livro ou ver o filme? você pode
778 responder assim. eu não vejo o filme, mas eu leio o livro ()
779 eu leio o livro, não. eu eu vejo o filme, mas não leio o livro
780 Arlete ()
781 Desirée isso. é (um hábito) ok? aí eu vou dizer a mesma frase usando o embora.
782 eu vou falar, embora. eu. não (.) veja (.) o filme (1,0) eu leio o
783 livro (3,0)
784 Yago aí sem verbo ter?
785 Desirée sem verbo ter porque aqui é presente. o presente do indicativo vai ser
786 o presente do subjuntivo (11,0) passa para o presente do subjuntivo
787 (11,0) pera aí. desconcentrei aqui. pronto. ta? então por exemplo
788 se é eu leio (3,0) aqui vai ser leia ok? se é eu trabalho (2,0) é

789 preciso que eu
790 Yago trabalhe
791 Desirée trabalhe, ta ok? se fosse assim por exemplo. é (.) preciso (.) que eu
792 entende? tudo bem até aqui? qual que é o problema? o problema é
793 quando você tem que fazer a mesma coisa com o passado, ta? seria
794 embora eu leia, né? então vou coloca o e- o embora aqui (8,0)né?
795 embora, eu leia, se fosse passado (.) eu (.) ai vai ser (1,0)
796 embora, eu tenha (1,0) lido (.) embora eu tenha lido. passado passado
797 ta ok? tudo porque o subjuntivo nosso as vezes ele é conjugado, as
798 vezes ele é simples. mas na maioria das vezes ele é composto ()
799 é mais difícil ()
800 Ludmilla a gente nem sabia ()

801 Desiree eu imaginei isso. a gente não tem isso na gramática ()
802 por exemplo, se for eu trabalhei (2,0) embora eu- quem me ajuda
803 Isabelle tenha trabalhado
804 Desirée tenha trabalhado (10,0) ok? então seu eu falar assim, professora eu
805 tirei uma nota ruim (2,0) embora eu tenha
806 Yago estudado
807 Desirée estudado muito. exatamente né? aí eu digo pois é você veio a aula
808 embora você tenha chegado
809 Yago tarde
810 Desirée tarde. tenha chegado. né. aí ele vai dizer o seguinte. embora eu
811 tenha chegado tarde eu fiz o exercício (.) ai eu digo pra você
812 embora você tenha feito o exercício, você não ouviu a explicação
813 entende a briga?
814 Arlete sempre a professora sempre ganha
815 Desirée oi? a professora sempre tem razão. essa é a regra. não tem jeito
816 entendeu? não tem jeito a gente arranja um jeito. né a gente fica
817 brigando com as pessoas. nossa função é brigar com os outros. então
818 vamos ver como que fica esse. quem faz pra mim esse? ()
819 quem sabe?
820 Arlete apesar de
821 Desirée Ahn
822 Arlete eu tinha visto
823 Yago ()
824 Desirée pera aí. o apesar de o apesar de vai ser diferente. vai ser ter visto.
825 adoro adoro () né.
826 Lavínia ()
827 Desirée por isso que a gente gosta tanto
828 Yago tinha visto não é bom?
829 Desirée não. vai ser assim olha (2,0) apesar de (.) ter visto (.) isso é
830 horróroso gente. isso é horróroso.na puc do rio de janeiro eles tem
831 seis meses de subjuntivo. porque eles tem 4 anos. eles fazem seis
832 meses () nós vamos fazer mais exercícios na próxima aula
833 () então aqui vai ficar apesar de ter visto meus amigos
834 não falei com eles. se fosse aqui em cima, seria apesar de ter lido
835 o livro, não vi o filme. então se vocês acharem mais fácil, usem o
836 apesar de. ele é muito mais- por isso que a gente usa mas. a gente não
837 usa tanto o embora, porque a gente que é brasileiro também não gosta
838 de subjuntivo. a gente não gosta muito dele. ele é esquisito. se é
839 esquisito pra vocês, pra nós também é. então, embora eu tenha lido,
840 apesar de ter lido (1,0) () eu posso falar eu li ()
841 comecei o trabalho nessa semana. eu posso falar apesar de
842 Yago ter começado
843 Desirée ter começado essa semana, estou terminando
844 Yago ai com o embora seria embora
845 Desirée embora
846 Yago tinha começado
847 Desirée tenha
848 Yago tenha
849 Desirée tenha começado
850 Yago o trabalho essa semana estou terminando

851 Arlete estou terminando o trabalho
852 Desirée não precisa desse trabalho não.() pode cortar esse
853 Arlete ()
854 Desirée agora, to terminando
855 Yago eu to terminando ele também pode ser?
856 Desirée português mais menos padrão pode. ou seja, quase sempre ()
857 se eu fizer assim oh (.) embora tenha começado, ok? um trabalho
858 Aaaaaaa caneta ai agora agora
859 Lavínia ()
860 Desirée gente, agora vai arrasar, presta atenção na caneta combinando.
861 orientanda é assim
862 Ludmilla não, mas ela tem umas 50 canetas né
863 Desiree tem, tem é impressionante
864 Ludmilla de vez em quando eu pergunto quem ter caneta, ela vem com 7
865 Desirée vem mesmo () embora tenha começado o trabalho nessa semana
866 estou terminando. acho que eu () essa frase assim. ()
867 tenha começado o trabalho essa semana, já estou terminando. esse já
868 introduz o que? °vantagem° já estou terminando. quer dizer. estou
869 antes do prazo. certo? por que quando eu falo, comecei o trabalho
870 essa semana, que que você imagina? ta acabando? (1,0) não. não é?
871 (.) a gente nunca pensa assim. você começa a falar essa frase ()
872 comecei a fazer o trabalho essa semana então (.) vai demorar (.) aqui
873 é o contrário. mas já estou terminando (3,0)
874 Yago professora você pode usa é::: é::: é::: () embora havia
875 começado essa semana o trabalho (8,0)
876 Arlete não, porque assim é no espanhol. esse
877 Desirée não, to pensando se pode,mas acho que não. deixa eu ver ()
878 a gente usaria horroroso assim, gente (2,0) muito feio. olha a cara
879 dos brasileiros. olha pra cara deles. existe. existe. mas olha a
880 cara deles. deu até dor de barriga a a a Julieta se encolheu na
881 cadeira
882 Turma ((risos))
883 Desirée porque é feio pra chuchu português tem essas coisas gente. tem coisa
884 que existe, mas é feio
885 Julieta mas a gente não falaria houvesse a gente falaria tivesse
886 Desirée tivesse, né?
887 Isabelle e quem fala assim?
888 Desirée O Temer.
889 ((falas simultâneas))
890 Desirée O temer falaria isso, não falaria? o temer falaria
891 Lavinia falaria
892 Desirée O temer falaria, então a gente não fala
893 ((Falas simultâneas))
894 Desirée pra terminar a aula de hoje, tem slide ate falar chega. embora tenha
895 conhecido (7,0) seu irmão não conheci a esposa dele, ok? meninos,
896 semana que vem continua a tortura, quer dizer aula, né? ()
897 muito obrigada. ()
898
899
900